

O MOBILIÁRIO NA REVISTA BINÁRIO PARA UMA REFLEXÃO DO MOBILIÁRIO NUMA RESIDÊNCIA DE ESTUDANTES

Forte do Junqueiro: Uma residência de estudantes

Mariana Costa Carvalho
2019

PROJETO FINAL DE ARQUITETURA

2018-2019

ISCTE – Instituto Superior Universitário

Escola de Tecnologia e Arquitetura

Mestrado Integrado em Arquitetura

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Vertente Teórica O mobiliário na revista Binário para uma reflexão
do mobiliário numa residência de estudantes

Orientadora Paula André | Professora Auxiliar, ISCTE-IUL

Vertente Prática Forte do Junqueiro: Uma Residência de Estudantes

Tutor Pedro Mendes | Professor Auxiliar, ISCTE-IUL

ÍNDICE GERAL

Introdução Geral

Vertente Teórica O mobiliário na revista *Binário* para uma reflexão do
 mobiliário numa residência de estudantes

61 A Revista *Binário* e o Mobiliário

153 Do Hotel à Residência de Estudantes

Vertente Prática Forte do Junqueiro: Uma Residência de Estudantes

261 Componente de Grupo

277 Componente Individual

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Paula André, pelo apoio incansável que me deu no último ano. Pela sabedora que me transmitiu, pela dedicação, disponibilidade e simpatia, e sobretudo, pela persistência em alcançar o máximo rigor.

Ao meu tutor, Prof. Dr. Pedro Mendes, pela sua paciência e boa disposição ao lidar com a minha teimosia, que me permitiu ver para além do que eu considerava óbvio.

Às minhas amigas Nanci, Eunice e as minhas Ineses. As minhas companheiras e ouvintes, que de maneiras tão diferentes me ajudam sempre a ultrapassar qualquer obstáculo.

A todos os que comigo se cruzaram no ISCTE. Aos que me integraram e aos que eu ajudei a integrar. Pela amizade, entreajuda, confiança e união de uma família que eu *levo comigo para a vida*.

Ao Luís, por tudo. A pessoa que mais me acompanhou e ajudou neste percurso, como em todos os dias da minha vida.

Aos meus pais, pelo amor, pelo carinho e por toda a educação que me proporcionaram. Eles mostraram-me que nada é impossível e isso permitiu-me sempre conquistar todos os meus objetivos, tornando-me na pessoa que sou hoje.

Por fim, aos meus irmãos, os meus segundos pais. À Gabriela, por todas as palavras assertivas ao longo da vida e por toda a ajuda e paciência, em especial para este trabalho. Ao Manel, por ter sido sempre o meu melhor amigo. Estejam eles onde estiverem, eu sei que vão sempre olhar por mim. Para sempre.

Obrigada!

RESUMO

(Palavras chave: Revista *Binário*, Mobiliário, Hotel, Residência de Estudantes)

A publicação da revista *Binário* (1958-1977) no mercado editorial português teve como objetivo a vontade de criar uma revista mensal informativa, mas crítica relativamente ao desenvolvimento português e internacional nos campos da arquitetura, urbanismo, engenharia e *Design*. Fundada pelo arquiteto Manuel Tainha e o seu irmão, o engenheiro Jovito Tainha, pretendia abordar temas de interesse atual e relacionar os diversos setores profissionais, industriais e comerciais dentro da área de arquitetura e construção.

Neste trabalho realizámos uma análise geral à revista, de modo a compreender os temas abordados dentro do contexto social e arquitetónico vivido na época. Foram também analisados os artigos publicados referentes a mobiliário e decoração de interiores, realçando a secção *Mobiliário + Decoração*. Criada em Maio de 1964, nesta secção eram publicados artigos relacionados com a decoração de interiores, feiras de mobiliário nacionais e estrangeiras e linhas de mobiliário de vários arquitetos e *designers* estrangeiros. Pretendemos relacionar os conhecimentos adquiridos nesta investigação com o projeto de uma residência de estudantes desenvolvido na vertente prática do trabalho. O material publicado em *Binário* que mais se relaciona com uma residência de estudantes são os artigos que apresentam mobiliário e decoração de interiores de hotéis, pelas semelhanças dos espaços privados e coletivos das duas tipologias.

Deste modo, a análise realizada à revista *Binário* e aos artigos sobre mobiliário e decoração de interiores em hotéis, publicados nos 216 números da revista, contribuiu para uma reflexão em torno do mobiliário e dos espaços constituintes de uma residência de estudantes.

ABSTRACT

(Key Words: Binário Magazine, Furnite, Hotel, Students Residence.)

The publication of Binário (1958 – 1977) in Portuguese publishing market aimed to create a monthly magazine, which was informative but critical about Portuguese and international development in fields like architecture, urbanism, engineering and Design. Founded by the architect Manuel Tainha and his brother, the engineer Jovito Tainha, it had the goal to address topics of current interest and to relate several professional, industrial and commercial sectors within the area of architecture and construction.

In this work, it was conducted a general analysis to the magazine, in order to understand the themes addressed within the social and social context lived at the time. The articles published related to furniture and interior Design were also analyzed, highlighting the *Mobiliário + Decoração* section. Created on May 2014, it were published, in this section, articles related to interior Design, national and international furniture exhibitions and furniture lines from several foreign architectures and designers. We intended to relate the acquired knowledge in this research with the project of a student residence developed in practical strand of this work. The material published in *Binário* which relates most with a student residence are the articles that present furniture and interior decoration in hotels, due to the similarities in private and collective spaces of two typologies.

Thus, the analysis conducted to *Binário* magazine and to the articles about furniture and the interior Design in hotels, published in the 216 issues of the magazine, contributed to a reflection on the furniture and spaces that constitute a student residence.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO ABSTRACT	II
0. INTRODUÇÃO	9
(Tema, Objetivos, Objeto de Estudo, Metodologia, Estado de Arte, Estrutura do Trabalho e Contributos)	
1. A Revista <i>Binário</i> e o Mobiliário	61
Antecedentes e Evolução da Revista	63
Mobiliário presente em <i>Binário</i> .	99
<i>Mobiliário + Decoração</i> .	133
2. Do Hotel à Residência de Estudantes	153
O hotel.	155
A Residência de Estudantes.	187
3. Considerações Finais	213
4. Bibliografia	225
5. Créditos de Figuras	229
6. Anexos	247
A. Tabela de mapeamento da informação recolhida da revista <i>Binário</i> .	248

0.INTRODUÇÃO

(Tema, Objetivos, Objeto de Estudo, Metodologia, Estado de Arte, Estrutura do Trabalho e Contributos)

Tema

O presente trabalho, realizado com o objetivo de cumprir a vertente teórica de Projeto Final de Arquitetura, composto pela Vertente Teórica e Vertente Prática e subordinado ao tema *O mobiliário na revista Binário para uma reflexão do mobiliário numa residência de estudantes*, surge do interesse pessoal e académico pela arquitetura de interiores, pelo desenho do mobiliário e pelo modo como estes elementos podem influenciar a vivência de um espaço.

Foi selecionada a revista *Binário*, uma revista de arquitetura, engenharia e equipamento, como objeto de estudo deste trabalho. Pretendeu-se compreender a sua evolução e recolher informação a partir de artigos sobre mobiliário no recorte temporal relativo ao período editorial da revista (1958 - 1977).

Devido à vontade de relacionar a vertente teórica com a vertente prática do trabalho, o projeto de uma *Residência de Estudantes em Carcavelos* (a ser desenvolvido no âmbito do Projeto Final de Arquitetura), foram destacados, de todos os artigos analisados, os exemplos de mobiliário e decoração de interiores de diversos hotéis publicados em *Binário*. Esta relação deve-se às semelhanças encontradas nos espaços privados e coletivos das duas tipologias, hotéis e residências, com a intenção de refletir sobre os espaços de uma residência universitária.

Assim, pretende-se compreender as necessidades de espaço e o mobiliário adequado a uma residência de estudantes, quer seja em zonas mais privadas, como os seus quartos, ou em espaços coletivos, como salas de estudo e zonas de lazer, proporcionando uma maior qualidade na vivência desses espaços.

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo analisar o mobiliário e decoração de interiores presentes nesta revista durante o período de 1958 a 1977 (o período de investigação, que corresponde ao período editorial da revista) e relacionar os conhecimentos adquiridos com esta pesquisa com a vertente prática deste trabalho, o projeto de uma residência de estudantes. Assim, não se pretende realizar uma análise evolutiva do *Design* e do mobiliário, mas sim compreender o contexto histórico que conduziu à criação da revista *Binário*.

Para tal, definiram-se quatro objetivos que irão guiar este trabalho. O primeiro objetivo é analisar o objeto de estudo, a revista *Binário*, enquanto revista. Pretende-se compreender o seu aparecimento e objetivo perante o mercado editorial português, o contexto onde ela se inseriu, as suas fases, influências e percurso desenhado ao longo dos seus 19 anos de publicação. Finalmente, pretende-se conhecer os seus diretores, redatores e público-alvo, de modo a ter um maior entendimento sobre o objeto de estudo do trabalho.

O segundo objetivo prende-se com a exploração e análise dos artigos da *Binário* que abordam o tema do mobiliário. Assim, pretende-se obter um conhecimento teórico sobre o mobiliário produzido no recorte temporal, e apresentado na revista *Binário* aos seus leitores, obtendo um entendimento de todo o material publicado relativamente ao tema.

O terceiro objetivo é analisar os artigos que mencionam o mobiliário e a decoração de interiores em Hotéis, promovendo uma reflexão sobre o mobiliário em habitações provisórias, de modo que seja benéfica para a quarta parte do trabalho.

O quarto objetivo é entender como poderá funcionar o mobiliário em residências de estudantes. Confrontar-se-á toda a informação recolhida ao longo do trabalho, o que tornará possível a relação das afinidades entre uma tipologia (hotéis) e outra (residências). Por fim, as conclusões retiradas neste trabalho teórico serão aplicadas na vertente prática, ao refletir sobre os espaços e o mobiliário na residência de estudantes realizada no âmbito do Projeto Final de Arquitetura.

Objeto do estudo

O presente trabalho, conforme referido anteriormente, tem como objeto de estudo a revista *Binário*, uma revista mensal de Arquitetura, Construção e Equipamento, fundada em 1958 pelo Arquiteto Manuel Tainha e o seu irmão, o engenheiro Jovito Tainha. Esta revista foi criada com o intuito de abordar temas de interesse atual e relacionar os diversos setores profissionais, industriais e comerciais dentro da área de arquitetura e construção¹, pretendendo ser informativa, mas crítica, relativamente ao desenvolvimento português e internacional nos campos de arquitetura, urbanismo, engenharia e *Design*².

A carta de abertura, escrita no primeiro número da revista, em Abril de 1958, refere que “O interesse já demonstrado pelo aparecimento desta nova Revista da sua especialidade, e certamente o melhor indício da sua necessidade até aqui existente de uma publicação nacional nos moldes da BINÁRIO, que pretende ser uma revista de interesse atual, ao mesmo tempo que um elo de ligação entre os diversos sectores profissionais da especialidade e os industriais e o comércio de todos os materiais, equipamento e serviços relativos ao domínio da construção.”³

Em 19 anos de publicação, iniciando, como já referido, em 1958 e acabando em 1977, a revista passou por várias fases em que se pode observar uma grande influência do contexto social

¹ CARTA DE ABERTURA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no1 (Abril 1958), p.1

² BIBLIOTECA DE ARTE GULBENKIAN. **Binário**. Lisboa. (Consult. 8 Janeiro 2019) Disponível em WWW:<<https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/publication/binario/>>.

³ CARTA DE ABERTURA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no1 (Abril 1958), p. 1

e cultural em que se insere. O seu maior objetivo era mostrar com o maior detalhe obras arquitetónicas da época. No entanto, com a alteração da direção da revista, em que o engenheiro Aníbal Vieira assumiu esta função, verificou-se um maior foco dos artigos nos detalhes de engenharia. Verificou-se ainda uma outra fase onde se deu uma maior relevância à questão da expansão urbana, uma vez que, na época, muitas cidades estavam a crescer, potenciando o interesse sobre este tema. Esta questão foi abordada pela revista num *Post Scriptum*, em novembro de 1962, em que a redação escreve uma nota aos seus leitores, explicando que os seguintes números irão abordar esta questão de uma forma mais aprofundada.

Posteriormente, a revista começou a dar mais atenção aos pormenores de equipamento, arquitetura de interiores e mobiliário, chegando até a criar uma secção chamada *Mobiliário + decoração* em meados da década de 60. Aqui eram publicados todos os meses artigos relacionados com a decoração de interiores de espaços, feiras de mobiliário nacionais e estrangeiras, e linhas de mobiliário de vários arquitetos e *designers* estrangeiros. No início da década de 70, fez-se notar numa grande influência do *Design* na *Binário*, tanto nos seus artigos, como no seu layout, acabando por ser criada também uma secção chamada *Design*.

Binário constituiu uma revista que pretendeu chegar de forma interativa ao leitor e, deste modo, nem todos os artigos publicados são textos de pessoas de renome ou conhecidas. Efetivamente, qualquer pessoa poderia enviar os seus textos originais, partilhando as suas experiências pessoais e profissionais, desde que esses textos se enquadrassem na qualidade

atribuída todos os meses, de modo a que o produto final que chegava ao leitor fosse sempre o melhor possível.

Em Outubro de 1974, Aníbal Vieira é substituído do cargo de diretor por José Luís Quintino, que liderou a direção da revista até ao seu último número. Nos últimos tempos da revista, é possível notar uma diminuição da sua periodicidade, e no seu penúltimo número é anunciado que *Binário* iria passar a ser publicada apenas de dois em dois meses, com um número duplo. Contudo, tal não aconteceu, e no último número da revista, 4 meses depois do anterior, é explicado que por motivos de reestruturação, a publicação iria ser interrompida durante cerca de 3 meses. A revista não voltou a ser publicada, sendo o seu último número, o 216º, publicado em Maio de 1977.

Metodologia

Este trabalho aplicou uma Metodologia de recolha de informação de fontes primárias e secundárias. A informação da fonte primária, a revista *Binário*, encontra-se disponível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian. É possível requisitar as revistas separadamente ou encadernadas por ano, excetuando o último volume – relativo aos anos 1976/77 – devido ao facto do número 214 ser referente ao mês de Dezembro de 1976 e Janeiro de 1977. A numeração das páginas encontra-se também organizada pelo volume anual e não por revista. Foram fotografadas as 216 edições da revista e arquivaram-se as fotografias por pastas organizadas por ano, mês e número da revista. Foi também feita uma tabela (anexo 1), de forma a facilitar o mapeamento da informação recolhida e seleccionada, contendo o nome do artigo, nome do autor do artigo, edição da revista onde se insere, ano, mês, página, e nome do diretor da revista.

Como fonte secundária, foram utilizados livros, dissertações de mestrado, teses de doutoramento e pesquisa online. Esta pesquisa pretendeu não só enquadrar a revista *Binário* no seu contexto social e cultural como, também, compreender a abordagem do *Design* pré-revista e estudar as residências de estudantes e como projetar o seu mobiliário. Será ainda confrontada a informação sobre hotéis recolhida da revista *Binário* com artigos da IV Série da revista *Arquitectura* (contemporânea à revista *Binário*), que refiram os mesmo hotéis abordados nesta investigação.

O presente trabalho será escrito segundo as regras de novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa e respeita as “Normas de apresentação e harmonização gráfica para dissertação ou trabalho de projeto de mestrado e tese de doutoramento”, estabelecidas pelo ISCTE-IUL. As referências bibliográficas cumprem a “Norma Portuguesa 405”.

Estado de arte

Este trabalho aborda a problemática do mobiliário, com enfoque no estudo do mobiliário presente na revista *Binário*, e as necessidades de mobiliário numa residência de estudantes. Assim, e pretendendo-se obter a maior abrangência de informação pertinente para o cumprimento do objetivo deste trabalho, será realizado um estado de arte alargado no que concerne à diversidade de temas abordados e pesquisados. Deste modo, o presente estado de arte irá incluir livros, provas finais para obtenção de diferentes graus académicos, dissertações de mestrado, teses de doutoramento, artigos de revistas e estudos realizados que refiram a *Binário*, o mobiliário e residências de estudantes.

A dissertação de Mestrado realizada e defendida por *Tiago Alexandre Catarino de Almeida*, em Outubro de 2017 na Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, intitulada de *Arquitectura e Binário, 1940-1979: As (in)visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa*, pretendeu estudar o percurso das mulheres da arquitetura portuguesa, na imprensa nacional, particularmente nas revistas *Arquitectura* e *Binário*, no período compreendido entre 1940 e 1979. O autor pretende compreender a evolução e a aceitação da mulher na arquitetura portuguesa, através da análise de publicações realizadas e da sua frequência durante este período de tempo. Tinha como objetivo compreender a evolução e aceitação da mulher na arquitetura portuguesa, estabelecendo uma relação com o contexto social, económico e político

vivido ao longo dessas décadas⁴. Deste modo, o autor faz uma contextualização da Arquitetura em Portugal no século XX, expondo publicações portuguesas. De seguida, aborda o tema das mulheres na arquitetura, retratando a mulher na sociedade europeia e a mulher em Portugal, e por fim mostra a presença das mulheres nas revistas *Arquitectura* e *Binário*, distinguindo duas épocas, i.e., de 1940 a 1959 e de 1960 a 1979. Relativamente à revista *Binário*, o autor procura entender a presença da mulher nas publicações da revista enquanto autoras de artigos ou como parte do seu conteúdo. Assim, concluiu que a primeira referência feminina na *Binário* aparece no seu segundo volume, em Maio de 1958. Olga Guelf, enquanto autora do artigo “Um apartamento por Alvin Lustig”, apresenta o apartamento da criação de Lustig, a sua última decoração de um interior, destacando a escultura em latão polido que atua como marco funcional na divisão dos espaços entrada e zona de comer⁵. Destaca-se ainda as várias mulheres que viram artigos de sua autoria publicados na revista, como Sigrid Von Voss, Jacquelina Tirwhitt, Frances Stahl, Joan Elaine Kernes, Helena Maria Viveiros de Carvalho⁶ e Marika Hansen. Marika escreveu na edição nº 113 da revista, em Fevereiro de 1968, um artigo chamado “Arquitectura de Interiores – exemplos finlandeses”, em que refere a valorização concedida à decoração interior de edifícios públicos no panorama finlandês e evidencia a necessidade de fazer de cada edifício uma entidade

⁴ ALMEIDA, Tiago Alexandre Catarino de – **Arquitectura e Binário, 1940-1979: As (in)visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa**. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017. 4. Dissertação de Mestrado.

⁵ ALMEIDA, Tiago Alexandre Catarino de – **Arquitectura e Binário, 1940-1979: As (in)visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa**. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017. 69. Dissertação de Mestrado.

⁶ ALMEIDA, Tiago Alexandre Catarino de – **Arquitectura e Binário, 1940-1979: As (in)visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa**. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017. 70-86. Dissertação de Mestrado.

completa, numa fusão estética e funcional de interior e exterior, assim como de harmonização com o meio envolvente⁷. As mulheres que viram os seus projetos arquitetónicos publicados na *Binário* foram Aricia Alberty de Ferreira, com Carlos Antero Ferreira, com o projeto do “Novo cinema-teatro da Amadora – projecto 1964”⁸ e Marie-B. Hamer-Buro em colaboração com o Arq. Hardt- Waltherr Hämer, no projeto do “Teatro Municipal de Inglostadt (Alemanha)”⁹.⁹ o autor conclui que a revista *Binário* iniciou as suas publicações em 1958, apresentando um artigo com presença feminina no seu segundo número. Posteriormente, na primeira parte da década de 1960 e no final dos anos 60, verifica-se um aumento significativo na publicação deste tipo de artigos. Contudo, a partir do início da década de 1970, verifica-se uma diminuição da visibilidade da presença de mulheres na publicação; assim, esta presença apenas se fez notar, ao longo da década de 1970, em dois artigos (1974 e 1977).¹⁰

A dissertação de Mestrado realizada e defendida por *Sofia Borges Simões dos Reis* em 2017 na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, intitulada *74-86 Arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa*, pretendeu estudar as relações entre a arquitetura

⁷ ALMEIDA, Tiago Alexandre Catarino de – **Arquitectura e Binário, 1940-1979: As (in)visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa**. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017. 77. Dissertação de Mestrado.

⁸ ALMEIDA, Tiago Alexandre Catarino de – **Arquitectura e Binário, 1940-1979: As (in)visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa**. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017. 74. Dissertação de Mestrado.

⁹ ALMEIDA, Tiago Alexandre Catarino de – **Arquitectura e Binário, 1940-1979: As (in)visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa**. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017. 76. Dissertação de Mestrado.

¹⁰ ALMEIDA, Tiago Alexandre Catarino de – **Arquitectura e Binário, 1940-1979: As (in)visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa**. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017. 70. Dissertação de Mestrado.

e a imprensa em Portugal entre 1974 e 1986. Neste período de tempo, verificou-se uma mudança paradigmática, a nível teórico e prático, no debate arquitetónico, devido ao fim do Estado Novo com a Revolução de 25 de Abril de 1974 e a entrada na Comunidade Económica Europeia a 1 de Janeiro 1986. Efetivamente, embora estes acontecimentos não tenham sido marcos a nível arquitetónico, constituíram pontos de viragem na sociedade, tendo tido consequências também na arquitetura. Para a realização do seu trabalho, a autora procurou dois tipos de fontes documentais: os artigos sobre arquitetura publicados em jornais e revistas considerados generalistas (mas que tradicionalmente se dedicam à política e a temas socioeconómicos), escritos por arquitetos ou não, e os jornais e revistas de arquitetura que têm como público alvo os arquitetos, e que são muitas vezes afetos às estruturas da classe (profissionais, académicas, etc.)¹¹. No que concerne à revista *Binário*, a autora aborda o contexto histórico à época da revista. Refere a revolução de 25 de Abril de 1974 e explica as consequências que a revolução portuguesa teve na revista, como a substituição do diretor Aníbal S.A Vieira por José Luís Quintino em Outubro de 1974 e também a possibilidade de alargamento das temáticas selecionadas. Concomitantemente, verificou-se também a mudança nos objetivos da *Binário*; assim, propunha-se agora a uma análise mais crítica dos problemas do mundo construído e uma orientação mais clara e dirigida para as relações entre a arquitetura e as condições socioeconómicas. Surgiram também artigos só então possíveis, como por exemplo, o número 203 em Outubro de 1975, que foi dedicado à questão da habitação na República Democrática Alemã (RDA). Esta abertura foi também visível na abordagem do que se foi publicando relativamente a um tema que, na época,

¹¹ REIS, Sofia Borges Simões dos – **74-86 Arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa**. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2017. 10. Dissertação de Mestrado.

era central: a habitação social. A autora refere também a importância do *Design* na revista, para além dos vetores Arquitetura/ Construção/ Equipamento, graças a uma secção regular coordenada por João Constantino. Por outro lado, refere a ausência de temas relacionado com questões específicas da vida profissional tais como críticas e análises aos congressos e exposições que se iam realizando. Por exemplo, Nuno Portas lamentava a “grave ausência de estudos críticos sobre as obras apresentadas” na *Binário*. O abandono do projeto culturalista fez com que a *Binário*, a partir dos anos 60, enveredasse “progressivamente para uma orientação puramente tecnicista da arquitetura e [de]divulgação da “vulgata” internacionalista”. Esta orientação manteve-se até ao fim da sua publicação em 76¹².

A dissertação de Mestrado realizada e defendida por *José António Braz Borges* em 2010 no Instituto Superior Técnico de Lisboa, intitulada de *Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura*, constitui um trabalho que pretende estudar a vida e a obra de Eduardo Anahory¹³. Eduardo Anahory teve os seus primeiros passos no *Design* como ilustrador na revista ABCzinho, com apenas 14 anos de idade. Com o fim desta revista, em 1933, Anahory colaborou na Revista “O Senhor Doutor” de 1936 a 1939, ilustrando artigos de outros autores, de forte teor moral. As suas ilustrações tinham uma fraca qualidade gráfica, mas contribuíram para uma prática regular do ofício, assim como o início da sua afirmação no meio¹⁴. Em 1935, inicia o seu percurso

¹² REIS, Sofia Borges Simões dos – **74-86 Arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa**. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2017. 109-112. Dissertação de Mestrado.

¹³ BORGES, José António Braz – **Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura**. Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2010. 5. Dissertação de Mestrado.

¹⁴ BORGES, José António Braz – **Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura**. Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2010. 23-26. Dissertação de Mestrado.

académico na Escola de Belas Artes de Lisboa, frequentando o Curso Especial de Arquitetura, e em 1937 transfere a sua matrícula para a Escola de Belas Artes do Porto, interrompendo o seu percurso académico em Abril de 1938, com a apresentação de um atestado médico. Não voltou a estudar, deixando o seu curso incompleto a meio de segundo ano, mas a sua formação desenvolveu-se num contexto profissional, seguindo uma intuição que lhe viria a proporcionar o convívio e trabalho com grandes nomes da arquitetura internacional¹⁵. Com 22 anos, Anahory viaja para Nova Iorque, enquanto ajudante na equipa de “pintores-decoradores” de António Ferro¹⁶. Em 1940, embarca para o Rio de Janeiro, onde participou no desenvolvimento da arquitetura moderna brasileira, trabalhando com nomes como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e Eduardo Reidy¹⁷. Regressa a Portugal em 1945, onde conhece Maria Reyna Lima Leal Baümborg, com quem se casa, acabando por ir viver para Paris, apesar de manter contactos profissionais em Portugal e continuar a fazer ilustrações para revistas como a *Revista Almanaque do Povo*. Em Paris, Anahory é considerado “um dos melhores decoradores de teatro de França”¹⁸. Em 1948, regressa a Portugal e continua a trabalhar como cenógrafo em Companhias de Teatro e como ilustrador, colaborando nas Revistas *Panorama* e *Ver e Crer*. Em 1951 desenha o Cabeleireiro Brito & Brito, no Chiado.¹⁹ *José Borges*, além de estudar o percurso e vida de Eduardo Anahory,

¹⁵ BORGES, José António Braz – **Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura**. Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2010. 28. Dissertação de Mestrado.

¹⁶ BORGES, José António Braz – **Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura**. Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2010. 31. Dissertação de Mestrado.

¹⁷ BORGES, José António Braz – **Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura**. Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2010. 37. Dissertação de Mestrado.

¹⁸ BORGES, José António Braz – **Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura**. Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2010. 41. Dissertação de Mestrado.

¹⁹ BORGES, José António Braz – **Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura**. Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2010. 45-48. Dissertação de Mestrado.

procura estudar as suas obras. Devido ao seu método de construção (i.e., estruturas leves e pré-fabricados), e 50 anos depois, o principal testemunho encontrado destas obras são publicações em revistas da época. Na lista das revistas utilizadas pelo autor para pesquisa, encontram-se exemplos internacionais e nacionais, como *Arquitectura*, *Colóquio*, *Casa e Decoração*, *Atrium* e *Binário*.²⁰ Na revista *Binário*, foram publicados artigos sobre a obra de Eduardo Anahory como *Casa de fim de semana em Alportuche (Arrábida)*, no nº23, em Agosto de 1960; *Pavilhão de Portugal na feira de Munique*, no nº7, em Outubro de 1958; *Agência em Lisboa de uma companhia de aviação*, no nº18, em Março de 1960; e *Hotel de Porto Santo*, no nº88, em Janeiro de 1966.²¹

A Tese de Doutoramento realizada na Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, da Universidad Politécnica de Catalunya, realizada por *Julia Capomaggi* e com o nome *DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário*, desenvolve uma teoria sobre as formas do espaço interior através da fabricação do mobiliário, salientando os interiores domésticos publicados pela revista *Milanesa Domus* entre 1948 e 1978. Durante este período, Gio Ponti foi, pela segunda vez, o diretor da revista, numa época em que a revista é estruturada em torno da decoração, o ato de decorar, organizar e construir o espaço com móveis de acordo com um gosto ou estilo. De forma a realizar a sua Tese, *Julia Capomaggi*

²⁰ BORGES, José António Braz – **Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura**. Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2010. 5. Dissertação de Mestrado.

²¹ BORGES, José António Braz – **Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura**. Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2010. 60-113. Dissertação de Mestrado.

colocou as seguintes questões, que visam ser respondidas com o desenvolvimento deste trabalho:

- Como é relatado o interior doméstico em *Domus*?
- Quais são as ferramentas necessárias para o definir?
- Qual é a contribuição teórica da revista sobre o assunto?
- Quais são os mecanismos através dos quais é tratado o espaço interior doméstico na segunda metade do século XX?²²

O material deste trabalho está organizado em cinco capítulos. Inicialmente é investigado o tratamento de superfície no interior doméstico, começando com o tratamento mais superficial, até superfícies que redefinem os limites do espaço.²³ *Domus* revela-se contra a limpeza de superfícies modernas para reivindicar o que era então considerado decorativo, superficial e desnecessário, de forma a reinterpretar as figuras surrealistas das arquiteturas imaginárias em oposição ao interior racionalista, estabelecendo um diálogo entre o interior doméstico, que pertencia a cultura provincial italiana, e os interiores de influência internacional. Assim, *Domus* cria uma projeção imaginária do *designer*, e não um produto abstrato para uma elite como foi considerado durante o movimento moderno. Tinha conexão com os sentidos mais básicos de um ser humano exposto à experiência doméstica através do toque, visão, olfato e audição.²⁴

²² CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 9. Tese de Doutorado.

²³ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 10. Tese de Doutorado.

²⁴ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 284. Tese de Doutorado.

Posteriormente, foram estudados os objetos que mantêm uma posição autónoma no espaço, construindo um significado para si, mas que enfatizam o espaço do interior doméstico que os contém.²⁵ Estes objetos são apresentados com estratégias estilísticas, variação escalar, manipulação de linguagem ou a posição relativa do espectador. Enquanto alguns efeitos ocorrem dentro de casa, outros são efeitos da fotografia, que usa a publicação como um meio para projetar interiores. Assim, enquanto alguns interiores enfatizam o habitante, outros enfatizam o leitor da revista. Em vários projetos, a novidade está na forma de registo de objetos e não no próprio objeto. Embora o *designer* e o produto não possam ser separados, *Domus* não promoveu a produção de objetos seriais, mas a produção de *designers* de série.²⁶ De seguida, a autora centra-se nos artistas, pessoas com posição filosófica ou posição política, que contribuíram para a exploração do espaço doméstico na revista *Domus*²⁷. Assim, o mobiliário adquiriu uma dimensão poética, ao mesmo tempo que o homem adquire uma relação com cada peça que transcende o sujeito-objeto a ser colocado na mesma hierarquia. Deste modo, *Domus* fixa o seu olhar nos interiores domésticos nos quais o homem constitui o seu centro e, através da sua liberdade, cria a sua imagem.²⁸ Posteriormente, são destacados os interiores domésticos que foram projetados como se fossem anúncios ou imagens, construindo uma nova realidade de

²⁵ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 10. Tese de Doutoramento.

²⁶ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 285. Tese de Doutoramento.

²⁷ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 10. Tese de Doutoramento.

²⁸ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 286. Tese de Doutoramento.

espaço arquitetónico, a realidade impressa.²⁹ Na revista, o prazer quotidiano é o novo genérico, uma domesticidade composta por objetos e arquiteturas próximas e cada vez mais reais, e o mobiliário torna-se a ligação com a paisagem, estabelecendo a posição do sujeito, o criador da experiência.³⁰ Por fim, o mobiliário deixa de ser medido em contraste com o espaço arquitetónico, porque não o define nem o melhora. Quando o espaço arquitetónico desaparece, o mobiliário define o espaço doméstico, tornando-se o meio que estabelece o equilíbrio com o ambiente natural.³¹ Deste modo, o mobiliário não é um objeto acabado, mas apresenta uma configuração aberta, um jogo que se desenvolve num plano modular estendido, uma superfície que utiliza os móveis para construir áreas, intensificar momentos e criar ambientes.³² Com o desenvolvimento deste trabalho, a autora pôde concluir que durante os anos que Gio Ponti foi diretor da revista *Domus* pela segunda vez, a revista teve mais afluência de publicações de casas do ponto de vista do projeto espacial do interior doméstico, ao explorar o interior doméstico a partir de várias disciplinas relacionadas com o *Design*. Ponti transformou a revista no desenho de uma obra de arte em que pintura, escultura, arquitetura, decoração, construção e os textos coexistiam de maneira crítica e história, projetando uma maneira de olhar através das suas fotografias e dos seus fotógrafos, das personagens através de seus interiores e anúncios.³³ Por

²⁹ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 10. Tese de Doutoramento.

³⁰ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 288. Tese de Doutoramento.

³¹ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 10. Tese de Doutoramento.

³² CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 289. Tese de Doutoramento.

³³ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário.** Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 283. Tese de Doutoramento.

fim, conclui também que o mobiliário não é medido em contraste com o espaço arquitetónico, porque não o define nem o realça. Quando este desaparece no espaço arquitetónico, o mobiliário adquire o papel de definir o espaço doméstico, transformando-se no meio que estabelece uma condição estável de equilíbrio com o ambiente natural.³⁴

O artigo escrito por Ana Mónica Romãozinho, para a revista *Res Mobilis* na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco, com o nome de *O Papel da revista “A construção moderna” na difusão de tipologias de mobiliário doméstico sediado na arte nova*, faz uma análise do contexto da imprensa nos inícios do século XX, um dos maiores difusores no âmbito da arquitetura e do *Design*, a partir da revista *A construção moderna*, que divulga novos conceitos patentes em trabalhos realizados em oficinas de marcenaria artística e especializadas na arte do entalhe.³⁵ A autora começa por fazer um contexto da habitação no princípio do século XX, explicando que a habitação tenta replicar a estrutura funcional da casa aristocrática e da burguesia oitocentista, e que no caso da habitação coletiva, causava incómodo à época a partilha de corredores, vestíbulos e escadarias com os vizinhos. Para dar resposta às novas exigências higienistas, evolução dos compartimentos como as cozinhas e casas de banho acabou por condicionar a disposição dos projetos, devido à instalação de canalizações e esgotos, as zonas húmidas tiveram que se sobrepor em altura, acabando por condicionar também a localização das

³⁴ CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário**. Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 290. Tese de Doutoramento.

³⁵ ROMÃOZINHO, Ana Mónica. O Papel da revista “A construção moderna” na difusão de tipologias de mobiliário doméstico sediado na arte nova. **Res Mobilis**. Vol.2. Nº2 (2013). 145.

restantes divisões. Contudo, o desejo de individualidade manifesta-se a partir do *Design* de mobiliário, explorando a lógica modular, padronização dos elementos decorativos, funcionalidade, conforto e integração de soluções industriais como é o caso do azulejo, em resposta a preocupações higienistas. Deste modo, o papel da imprensa torna-se fundamental, ao apresentar tendências internacionais e exemplos de interiores e tipologias de mobiliário.³⁶ No campo das Revistas de especialidade, destaca-se a revista *A Architectura Portuguesa* (1908-1958) e *A Construção moderna* (1900-1919), que contribuíram para a discussão de problemáticas de natureza estética, filosófica ou técnica, expondo e analisando obras nacionais e internacionais. A revista *Ilustração Portuguesa* (1903-1923), na sua rubrica *Habitações Artísticas* publicava sobre o modo como os interiores domésticos eram ocupados e vivenciados pelos seus proprietários. A revista *A Construção moderna* divulgava concursos públicos, Prémios Valmor, Regulamentos, e dava a conhecer aos profissionais da área o que se passava no estrangeiro. Um dos objetivos desta revista era contribuir para melhorar o gosto dos portugueses, publicando obras de referência.³⁷ A autora dedica um capítulo à *Publicação de mobiliário de produção nacional inspirado na corrente Arte Nova*, onde explica que a revista, a partir do fascículo nº 337, muda de nome para *A Construção Moderna e as Artes do Metal*, acrescentando a rubrica *Marcenaria e Carpintaria artística*, onde expunham pequenos artigos ou imagens dedicadas à cantaria, marcenaria e serralharia artísticas, revelando pormenores construtivos e escultóricos. É destacado *O Moderno Estylo*, também designado por *Art Nouveau*, que domina uma vasta

³⁶ ROMÃOZINHO, Ana Mónica. O Papel da revista “A construção moderna” na difusão de tipologias de mobiliário doméstico sediado na arte nova. **Res Mobilis**. Vol.2. Nº2 (2013). 146.

³⁷ ROMÃOZINHO, Ana Mónica. O Papel da revista “A construção moderna” na difusão de tipologias de mobiliário doméstico sediado na arte nova. **Res Mobilis**. Vol.2. Nº2 (2013). 147.

quantidade destes artigos, onde são apresentadas imagens fotográficas ou desenhos retirados de catálogos, vinculando este “novo” estilo ao desenho de mobiliário.³⁸ A Arte Nova visava alcançar um público mais amplo, e aliar-se-ia ao desenvolvimento dos novos materiais e tecnologias, como o ferro e o vidro. Deste modo, a revista começou a publicar mais pontualmente modelos sobretudo produzidos na Alemanha, onde a influência do *Arts and Crafts* e Nova se fazia sentir, dando origem a exemplos mais racionais e assentes numa lógica de modulação das diferentes componentes, opções que facilitavam o fabrico em série.³⁹ Por fim, é concluído que a imprensa assume, através de imagens, textos ou comentários, a função incentivar a mudança no gosto de classes menos informadas e afastadas da vida cosmopolita, intenção que fora propagada por Morris, no âmbito do *Arts and Crafts*, mas também o acesso ao prazer da arte, até então apenas acessível a algumas pessoas. Esta vontade de dar a conhecer ao público soluções de mobiliário, portas, lambris ou até biombos, está patente nos conteúdos da imprensa em causa.⁴⁰

O artigo escrito para a revista *Tableros*, por *Valentina Ottaviano*, *Mobiliario para espacios reducidos y para usuarios jóvenes*, expõe um novo sistema de mobiliário projetado para uma casa com pequenas dimensões, habitada por dois jovens que precisam tirar o máximo proveito do equipamento de sua casa com mobiliário funcional, mas com uma estética jovial. Procura dar resposta a um mobiliário atingível a jovens casais ou estudantes ao serem utilizados materiais

³⁸ ROMÃOZINHO, Ana Mónica. O Papel da revista “A construção moderna” na difusão de tipologias de mobiliário doméstico sediado na arte nova. **Res Mobilis**. Vol.2. Nº2 (2013). 148.

³⁹ ROMÃOZINHO, Ana Mónica. O Papel da revista “A construção moderna” na difusão de tipologias de mobiliário doméstico sediado na arte nova. **Res Mobilis**. Vol.2. Nº2 (2013). 153.

⁴⁰ ROMÃOZINHO, Ana Mónica. O Papel da revista “A construção moderna” na difusão de tipologias de mobiliário doméstico sediado na arte nova. **Res Mobilis**. Vol.2. Nº2 (2013). 155.

acessíveis, e que sejam facilmente adaptados a ambientes mais pequenos, cumprindo mais do que uma função de modo a otimizar os espaços para melhor uso e conforto da casa. O sistema desenvolvido é composto de uma mesa e uma cadeira de jantar, poltronas de um e dois corpos, uma biblioteca ou estante, mesas laterais e mesas baixas, com diferentes formatos, uma mesa e uma mesa de café. Os produtos têm todos a mesma linguagem, para que sejam facilmente identificados enquanto parte do mesmo conjunto. São trabalhados em tábuas de pinho escovado e em chapas de cores diferentes, que possibilita conjugar as cores,⁴¹ permitindo ao consumidor personalizar e adequar consoante seus gostos e desejos, e também delimitar áreas dentro de casa.⁴² Os assentos são acolchoados e é utilizada uma espuma revestida de tecido de fácil limpeza, que acompanham a cor dos outros elementos.⁴³ Este mobiliário foi projetado de um modo que possibilite a montagem dos produtos em casa, sem dificuldade e por qualquer pessoa sem conhecimento prévio, uma vez que requer apenas a união de algumas peças com parafusos previamente posicionados no móvel, facilitando o transporte, a logística e a redução dos custos.⁴⁴

⁴¹ OTTAVIANO, Valentina. Mobiliario para espacios reducidos y para usuarios jóvenes. **Tableros**. 2525-2589. Nº7 (2016).54.

⁴² OTTAVIANO, Valentina. Mobiliario para espacios reducidos y para usuarios jóvenes. **Tableros**. 2525-2589. Nº7 (2016).55.

⁴³ OTTAVIANO, Valentina. Mobiliario para espacios reducidos y para usuarios jóvenes. **Tableros**. 2525-2589. Nº7 (2016).54.

⁴⁴ OTTAVIANO, Valentina. Mobiliario para espacios reducidos y para usuarios jóvenes. **Tableros**. 2525-2589. Nº7 (2016).55.

O artigo publicado na revista *RA*, com o título *Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933*, escrito por *María Villanueva Fernández, Héctor García-Diego Villarías* analisa a obra produzida pelo arquiteto Carlos Arniches, o pavilhão da Residência de *Señoritas Estudiantes*, desde a arquitetura até ao desenho do mobiliário.⁴⁵ Devido à necessidade de ocupar mais instalações, pelo aumento de alunas admitidas, a diretora da Residência de *Señoritas Estudiantes*, *María de Maeztu* encomendou o projeto do novo pavilhão a Carlos Arniches. O seu trabalho consistiu na conservação, remodelação e ampliação da residência. Arniches criou um conjunto de edifícios que não estavam apenas dentro de uma modernidade formal, mas podiam ser considerados conceitos modernos por causa de seu uso, função, programa e construção. A nova construção tinha que cumprir uma função residencial prioritária que oferecesse o maior número possível de quartos de dormir, já que o resto das divisões – salas de estar, biblioteca e unidades comuns – seriam mantidos no prédio central de Fortuny 53. O novo pavilhão, com terraço no telhado, era composto por quatro andares de quartos e uma cave com uma grande sala, salas de instalações, lavandeira. O edifício, com "forma quadrada" em planta, era vertebrado por um corredor central que o atravessava. Os quartos ficavam ao lado do corredor (40 no total, sendo que 17 seriam individuais), e a fachada norte estava desocupada de quartos, permanecendo aberta à rua por meio de uma galeria de comunicação envidraçada, que dava a uma varanda externa por planta, terminada com um quarto de circunferência que recorda às arquiteturas europeias da época.⁴⁶ O percurso do

⁴⁵ FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. *Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933*. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017).87.

⁴⁶ FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. *Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933*. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017). 88.

corredor nasceu na entrada principal da Residência, onde o espaço foi presidido por uma escadaria original e culminou no extremo oposto com uma varanda semicircular sobre o jardim. Este novo pavilhão não funcionava apenas como uma residência, mas também como um espaço dedicado ao estudo e formação integral das raparigas que lá habitavam. O projeto de Arniches deve não apenas permitir, mas também favorecer o desenvolvimento desses objetivos, e por isso o arquiteto inclui como parte essencial do projeto a definição precisa do mobiliário. Este tinha que ser simples e responder aos critérios de racionalidade e funcionalidade, sempre tendo em mente o tipo de usuário para quem foi projetado.⁴⁷ Os móveis foram concebidos como um único elemento, inserido na arquitetura, que desempenhava diferentes funções, como a intenção de liberar o espaço interno do quarto.⁴⁸ A pureza composicional do edifício e dos seus móveis, desprovidos de ornamentos e extremamente funcionais, tornaram a Residência de Señoritas de Arniches num exemplo de modernidade. O projeto de *Arniches* apresentava a mobília de cada sala como uma grande peça de mobiliário, cumprindo as funções da própria arquitetura e assumindo o papel principal do projeto, e por isso a remoção de móveis no novo pavilhão é uma amputação da própria arquitetura.⁴⁹

A tese realizada por *Dante Raús Najera*, na Escuela Profesional de Arquitectura da Facultad de ingeniería y Arquitectura de Lima, Perú, com o título *Residencia Universitaria para estudiantes de*

⁴⁷ FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017). 89.

⁴⁸ FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017). 91.

⁴⁹FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017). 95.

Arquitectura no residentes en Lima de la Universidad Nacional de Ingeniería, pretende estudar as residências universitárias, fazendo uma investigação histórica das residências e analisando o problema da falta de residências universitárias, a relação entre o campus universitário e a cidade e o programa arquitetônico, com o objetivo de desenvolver uma residência universitária articulada com espaços comerciais, serviços e áreas partilhadas.⁵⁰ O autor decidiu realizar este trabalho devido à falta de residências universitárias ou de acomodações adequadas para estudantes que não residem em Lima, ressaltando a necessidade de um espaço que acomode os alunos, com espaços privados e espaços públicos⁵¹, gerando áreas compartilhadas que são complementadas por atividades culturais e urbanas. Assim, juntos, poderiam fomentar uma atmosfera de interação entre a universidade e a cidade.⁵² Para tal, colocou várias questões:

- “Existe a possibilidade de projetar residências universitárias numa cidade com escassos antecedentes deste tipo de projetos?
- É conveniente construir dentro de um campus universitário ou fora dele, nos limites imediatos do campus?
- Para o seu desenvolvimento, teria que ser considerado como uma residência que complementa outros usos, como serviços comerciais?

⁵⁰ NAJERA, Dante Raúl – **Residencia Universitaria para estudiantes de Arquitectura no residentes en Lima de la Universidad Nacional de Ingeniería**. Peru, Universidad Nacional de Ingeniería, 2017. XIV. Tese.

⁵¹ NAJERA, Dante Raúl – **Residencia Universitaria para estudiantes de Arquitectura no residentes en Lima de la Universidad Nacional de Ingeniería**. Peru, Universidad Nacional de Ingeniería, 2017. XXI. Tese.

⁵² NAJERA, Dante Raúl – **Residencia Universitaria para estudiantes de Arquitectura no residentes en Lima de la Universidad Nacional de Ingeniería**. Peru, Universidad Nacional de Ingeniería, 2017. XXII. Tese.

- Qual seria a estratégia para propor este projeto, a reutilização de um espaço de favela, novo projeto em terras vagas, seria necessário demolir construções existentes e integrar seus usos ao projeto?
- É possível cobrir outras necessidades do usuário além da necessidade de acomodação?”⁵³

O autor começa por realizar um contexto histórico das residências universitárias, onde explica a relação da cidade de Lima com as residências universitárias, dando ainda alguns conceitos e referências arquitetônicas. De seguida, apresenta as análises necessárias para a realização do projeto: análise da zona de estudo, do lote, do utilizador, programa, e análise antropométrica. Por fim, o autor expõe a sua proposta de projeto da Residência de Estudantes de Arquitetura na cidade de Lima.⁵⁴ Com a realização deste trabalho, o autor concluiu que a residência universitária nasceu como resposta a uma necessidade social, com o propósito de servir de apoio aos estudantes, facilitando o alcance de uma educação universitária adequada. Para este tipo de projetos é necessário ter em consideração o utilizador, as suas características culturais, sociais e até económicas, uma vez que se está a oferecer arquitetura para uma sociedade pluricultural, bem como as suas necessidades. Por outro lado, ao considerar-se uma faixa etária entre os 20 e os 29 anos, é necessário criar espaços que promovam as suas principais atividades: estudar, usar a internet, atividades desportivas e atividades culturais. Na questão da localização da residência,

⁵³ NAJERA, Dante Raús – **Residencia Universitaria para estudiantes de Arquitectura no residentes en Lima de la Universidad Nacional de Ingeniería**. Peru, Universidad Nacional de Ingeniería, 2017. XXI. Tese.

⁵⁴ NAJERA, Dante Raús – **Residencia Universitaria para estudiantes de Arquitectura no residentes en Lima de la Universidad Nacional de Ingeniería**. Peru, Universidad Nacional de Ingeniería, 2017. IV. Tese.

o autor concluiu que ao criar o projeto no exterior do campus universitário, está a aumentar a sua proximidade com o centro de estudo, bem como para diferentes espaços e serviços, estimulando a integração de estudantes da província. Para tal, é fundamental que os edifícios se abram para a cidade, tornando o campus como uma cidade e o edifício como um elemento importante dentro dele.⁵⁵

A dissertação de Mestrado *Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português*, realizada por Ana Sofia Encarnado, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa pretende estudar a presença dos conceitos *Design Social*, ao realizar uma análise histórica, social e política das habitações sociais realizadas em Portugal no século XX, procurando a presença e a evolução dos interiores e do mobiliário destas casas, adequadas às classes económicas mais baixas.⁵⁶ Este estudo tem o objetivo analisar as habitações sociais, os seus interiores e mobiliário, realizados de modo a responder às necessidades das pessoas com menores recursos económicos. Para tal, pretende-se estudar o *Design* português, refletindo sobre os atuais conceitos de *Design*. Identifica-se os principais utilizadores de *Design* social e de interiores domésticos, e tenta-se compreender o contexto em que as habitações sociais surgem e a forma como os seus interiores evoluem. Por fim, é feito um estudo dos *designers* que refletem nas suas obras, algumas preocupações sociais. É abordado o *Design* social enquanto influenciador para o desenvolvimento de projetos, ao ter em consideração todos os possíveis utilizadores. Explica-se

⁵⁵ NAJERA, Dante Raús – **Residencia Universitaria para estudiantes de Arquitectura no residentes en Lima de la Universidad Nacional de Ingeniería**. Peru, Universidad Nacional de Ingeniería, 2017. 230. Tese.

⁵⁶ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. V. Dissertação de Mestrado.

a sua origem ao fazer-se um percurso cronológico no contexto internacional e são ainda explicadas algumas definições comuns e os seus principais intervenientes.

Os conceitos anteriormente identificados são testados no desenvolvimento das habitações sociais, particularizando nos seus interiores. São expostas as necessidades habitacionais, com as noções de higiene e conforto dos habitantes que vivem e condições precárias, e contextualiza-se a evolução deste tipo de habitação. A autora realiza também um aprofundamento do tema em relação aos interiores, ao serem apresentadas iniciativas internacionais que influenciaram as soluções nacionais.⁵⁷ Por fim, é apresentada uma sumariação da evolução do *Design* em Portugal, com exemplos de alguns projetos de mobiliário, que se caracterizam pela existência do *Design* social na sua conceção, de forma a dar a entender como seriam mobilados os interiores das habitações sociais.⁵⁸ A autora conclui o seu trabalho com uma síntese do que é o *Design* social, que engloba tanto um *Design* inclusivo, onde procura desenvolver soluções que sejam adequadas e não restritivas a nível ergonómico e antropométrico relativamente à diversidade humana, como um *Design* centrado no ser humano enquanto utilizador, ligando o indivíduo ao produto e fazendo com que este tire partido das suas capacidades físicas, sensoriais e cognitivas. Por fim, um *Design* colaborativo, que provoca a colaboração dos indivíduos para os quais se desenvolvem as soluções, para que estes tomem decisões coletivas.⁵⁹ Assim, na ausência de situações concretas ao nível dos interiores e do mobiliário de habitações sociais, a presença de

⁵⁷ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 6. Dissertação de Mestrado.

⁵⁸ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. V. Dissertação de Mestrado.

⁵⁹ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 145. Dissertação de Mestrado.

uma preocupação com as necessidades dos utilizadores mais carenciados, foi mais notória a nível construtivo das habitações, embora em algumas situações, se tenham estudado formas de melhorar as relações dos habitantes com o espaço interior.⁶⁰

A tese de Doutoramento realizada por *Victor Manuel Marinho de Almeida*, com o título *O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974*, pretende analisar a institucionalização do *Design* português num período compreendido entre 1959 e 1974⁶¹, e responder à seguinte questão: “No período compreendido entre 1959 e 1974, de que forma o processo de institucionalização do *Design* foi determinante na construção social do *designer* português?”.⁶² O autor começa por explicar o contexto português pós-Segunda Guerra Mundial, onde surgiu uma necessidade de modernização, que foi concretizada devido às ajudas internacionais que permitiram a diminuição do atraso económico que separava Portugal dos países europeus mais desenvolvidos. Esta modernização permitiu várias mudanças estruturais, que apesar de decorrerem a um ritmo lento, incrementaram na opinião pública a relevância do *Design* gráfico e do *Design* industrial.

- Economicamente, desenvolveu-se a industrialização, substituindo as importações por produção interna de bens;

⁶⁰ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. V. Dissertação de Mestrado.

⁶¹ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. V. Tese de Doutoramento.

⁶² ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 22. Tese de Doutoramento.

- Socialmente, houve um aumento na escolarização que resultou na migração para os grandes centros urbanos onde foram implementadas novas ocupações e profissões;
- Politicamente, o Estado Novo foi pressionado pela comunidade internacional para que desse início ao processo de descolonização;
- Culturalmente, o surgimento de manifestações ligadas ao novo programa do modernismo, cultivando ideais de contemporaneidade.⁶³

Deste modo, a institucionalização do *Design* foi um processo iniciado pelo Estado Novo, que pretendia integrar o *Design* na sociedade em prol da gestão e da produtividade enquanto fator de modernização industrial. O Instituto Nacional de Investigação Industrial (INII) foi fundamental para a configuração deste processo, ao estabelecer objetivos que foram assimiladas pelos *designers* que desenvolveram a primeira marca distintiva da classe, como as *Exposições do Design Português* (1971 e 1973). Consequentemente, o reconhecimento que *designers* como Daciano da Costa e José Espinho receberam pela sua atividade, propiciou a institucionalização do *Design* anteceder a implementação do ensino do *Design* nas Escolas Superiores de Belas-Artes, divergindo da ideia expectável de que a institucionalização, a profissionalização e a educação do *Design* se iriam desenvolver em simultâneo.⁶⁴ O autor inicia este trabalho com um enquadramento conceptual e histórico segundo a sua revisão bibliográfica⁶⁵, onde conclui que o

⁶³ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 21-22. Tese de Doutoramento.

⁶⁴ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 22. Tese de Doutoramento.

⁶⁵ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. V. Tese de Doutoramento.

Design se desenvolveu em conformidade com os princípios académicos que provinham do conceito artístico, relacionando o *Design* gráfico com a pintura e escultura e o *Design* industrial com a arquitetura. Deste modo, o autor pôde também concluir que foi no ano de 1959 que se iniciou o período de popularização e atomização do *Design* em Portugal, em virtude do trabalho de figuras notáveis, do trabalho desenvolvido pelo INII, e das alterações no perfil da modernidade que permitiram um sintonia com a contemporaneidade ocidental relativamente ao *Design*.⁶⁶ São também desenvolvidos os objetivos da investigação e apresentado o método de análise para o estudo da institucionalização do *Design*,⁶⁷ onde o autor verificou que a institucionalização do *Design* português não seguiu todos os passos expectáveis, acabando por seguir os gestos de um conjunto de pessoas, que se tornaram determinantes para o sucesso da institucionalização. Relativamente ao princípio do *Design*, houve um desprendimento das formas tradicionais de transmissão de conhecimentos, e com a institucionalização do ensino e pelo reconhecimento atribuído às Universidades pelo Estado Novo, a educação em *Design* passou a ser exclusivo das Universidades, tornando esta área aquela onde o processo de institucionalização melhor se definiu.⁶⁸ Para esta pesquisa, o autor apresentou um modelo de análise baseado em dimensões, subdimensiones e indicadores que permitem metodizar e avaliar o processo de institucionalização do *Design* com base em outras teorias e modelos de estudos do processo de institucionalização de outros setores, que permitiram compor um modelo baseado nos seguintes

⁶⁶ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 93. Tese de Doutoramento.

⁶⁷ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. V. Tese de Doutoramento.

⁶⁸ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 185. Tese de Doutoramento.

critérios: institucionalização, profissionalização e educação. Para além destes critérios, foi necessária a utilização de dois métodos complementares: o histórico e o biográfico.⁶⁹ Por fim, são analisados casos de estudo através de uma análise feita a entrevistas e documentos selecionados,⁷⁰ dividindo o processo de institucionalização do *Design* em três épocas. Na primeira época, i.e., *Os anos da introdução*, compreendidos entre 1959 e 1964, foram estudadas as primeiras ações do INII, o trabalho de Daciano da Costa e da Metalúrgica da Longra, e a educação do *Design* na continuidade da informalidade. Na segunda época, *Os anos de Implementação*, compreendidos entre 1965 e 1971, foi estudada a I Quinzena de Estética Industrial, a *I Exposição do Design Português* e a complementaridade de cursos alternativos na educação. Finalmente, na terceira época, *Os anos de expansão*, entre 1972 a 1974, foi estudada a II Exposição de *Design* Português, o trabalho de Daciano da Costa e a implementação do *Design* nas Escolas Superiores de Belas Artes. Deste modo, o autor conclui com a ideia de que a profissionalização e a institucionalização têm uma consistência evolutiva semelhante, embora no primeiro período se destaque o trabalho de alguns *designers*, nomeadamente Daciano da Costa com a sua colaboração com a Metalúrgica da Longra para esta evolução. Relativamente à evolução da educação, é constatado que ocorreram poucas alterações no seu percurso.⁷¹

⁶⁹ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 218. Tese de Doutoramento.

⁷⁰ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. V. Tese de Doutoramento.

⁷¹ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 255. Tese de Doutoramento.

Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974), um artigo realizado por Maria Helena Souto juntamente com uma exposição, no âmbito do projeto de investigação *Design em Portugal (1960-1974): ações, intervenientes e repercussões do Núcleo de Arte e Arquitetura Industrial e do Núcleo de Design Industrial do Instituto Nacional de Investigação Industrial (I.N.I.I.)*, que permitiu uma reflexão sobre a História do *Design* em Portugal, da qual o Instituto Nacional de Investigação Industrial teve um papel importante no impulsionamento do *Design* no entendimento por parte do poder público.⁷² Foi através dos trabalhos do INII, iniciado sob a direção do engenheiro António Magalhães Ramalho, que o Governo se consciencializou sobre a importância da qualidade do produto industrial, conduzindo os setores do poder público e industrial português a interessarem-se no *Design* como forma de modernizar a indústria, de modo a produzir melhores produtos. Para tal fim, a ação do arquiteto António Teixeira Guerra foi crucial, ao apresentar uma proposta de criação de um núcleo de investigação associada às questões em torno da Arte e da Técnica. Essa proposta foi iniciada em 1960, com o nome de *Núcleo de Arte e Arquitetura Industrial*, com o objetivo de aproximar os artesãos aos arquitetos e *designers* portugueses, tendo como exemplo arquitetos como Francisco Conceição Silva e António Sena da Silva, que por desafio de Teixeira Guerra, visitaram a Fábrica Escola Irmãos Stephens na Marinha Grande, visando alcançar uma racionalidade na produção e colocando em prática ideais do *Design* industrial. Este tipo de iniciativas conduziu à primeira apresentação pública do Núcleo, num stand de Sena da Silva na Feira Internacional de Lisboa, em 1962. Em 1965, Maria Helena Matos, escultora e *designer* de vidros, iniciou em Lisboa a 1ª

⁷² SOUTO, Maria Helena – *Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)*. Lisboa: MUDE, 2015. 19

Quinzena Estética Industrial, com o propósito de apresentar conferências dadas por vários especialistas europeus, sobre o *Design Industrial*. Este evento foi acompanhado por uma *Exposição Internacional de Industrial Design*,⁷³ onde foram apresentadas peças de *design* industrial nacionais e internacionais, como Inglaterra, França, Itália e Finlândia, e tornou-se pioneira ao ser introduzida pela primeira vez a terminologia inglesa como léxico do discurso, tendo aparecido no título e catálogo da exposição.⁷⁴ Anos mais tarde, no contexto da Primavera Marcelista, foi organizada por Maria Helena Matos (responsável do *Núcleo de Arte e Arquitetura Industrial*) a 1ª Exposição de *Design* Português, uma proposta do *designer* e pintor José Cruz de Carvalho e do *designer* João Constantino, em nome da empresa de mobiliário *Interforma* ao INII,⁷⁵ com o objetivo de expor trabalhos que melhor caracterizavam o *Design* em Portugal, no princípio da década de 70. Reuniu trabalhos de 67 *designers*, num total de 260 produtos.⁷⁶ Esta exposição, realizada no Palácio da Bolsa, no Porto (um edifício em ferro e vidro), contou com o patrocínio do Fundo de Fomento de Exportação, da Associação Industrial Portuguesa e da Metalúrgica da Longra.⁷⁷ Esta última foi uma empresa fundada na Vila da Longra, nos anos 20, enquanto pequena oficina metalúrgica, e começou a afirmar-se no mercado com o fabrico de mobiliário hospitalar, cerca de 10 anos depois. No início da década de 60, com Daciano da Costa como consultor e

⁷³ SOUTO, Maria Helena – *Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)*. Lisboa: MUDE, 2015. 20

⁷⁴ SOUTO, Maria Helena – *Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)*. Lisboa: MUDE, 2015. 20-21

⁷⁵ SOUTO, Maria Helena – *Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)*. Lisboa: MUDE, 2015. 21

⁷⁶ SOUTO, Maria Helena – *Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)*. Lisboa: MUDE, 2015. 23

⁷⁷ SOUTO, Maria Helena – *Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)*. Lisboa: MUDE, 2015. 21-23

designer projetista, a empresa alargou a sua produção para o fabrico de mobiliário metálico de escritório.⁷⁸ Na sequência da 1ª *Exposição do Design Português*, o *Núcleo de Design Industrial* (novo nome para o *Núcleo de Arte e Arquitetura Industrial*, ainda presidido por Maria Helena Matos), organizou em 1973 a 2ª *Exposição do Design Português*, concebida e dirigida por António Sena Silva, contando com a participação de vários especialistas na área do *Design* e da Arquitetura. Esta exposição resultou num maior reconhecimento público enquanto disciplina projetual, garantindo ao consumidor uma melhor qualidade do produto industrial.⁷⁹ Por fim, a autora conclui o projeto de investigação que baseia este artigo, definindo a História do *Design* como um campo “interdisciplinar e transdisciplinar”, apontado a História do *Design* como um ramo autónomo da história portuguesa.⁸⁰

A tese de Doutoramento *La Silla de la Discordia. La pequeña escala como campo de experimentación em la modernidade: Breuer, Mies Y Stam*, realizada em 2015 por Pablo López Martín constitui um trabalho que pretende estudar o trabalho dos arquitetos Mies Van der Rohe, Marcel Breuer e Mart Stam e demonstrar a influência do *Design Industrial* no projeto moderno.⁸¹ Com a realização deste trabalho, o autor apresenta a possibilidade de se identificar uma conformidade que una a casa, o bloco e a cidade no trabalho do mesmo arquiteto, ou no mesmo

⁷⁸ SOUTO, Maria Helena – *Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)*. Lisboa: MUDE, 2015. 22

⁷⁹ SOUTO, Maria Helena – *Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)*. Lisboa: MUDE, 2015. 24

⁸⁰ SOUTO, Maria Helena – *Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)*. Lisboa: MUDE, 2015. 26

⁸¹ MARTÍN, Pablo López – *La Silla de la Discordia. La pequeña escala como campo de experimentación em la modernidade: Breuer, Mies Y Stam*. Madrid, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. 42. Tese de Doutoramento.

tempo que se insere, considerando que muitos dos impulsos arquitetônicos da modernidade foram baseados em preceitos, manifestos e atitudes de escala. Um exemplo desta consideração, apresentado pelo autor é o trabalho de Alvar Aalto, pelo desenho dos seus telhados ondulados, em comparação com as suas cadeiras de madeira curvadas. Do mesmo modo, Mies relaciona a construção de um novo homem e uma nova maneira de pensar o programa doméstico, no desenho das casas-pátio, prolongando para os móveis que os equipam.⁸² Deste modo, o autor pretende fazer um estudo crítico do momento de confluência da arquitetura moderna, partindo de um objeto aglutinante que atua como foco, dividindo o seu trabalho em quatro partes. Numa primeira fase, *A análise transversal*, o autor estuda o encontro de pensamentos dos três arquitetos referidos anteriormente, assim como a semelhança nos seus desenhos de cadeiras. Na segunda fase, *a análise longitudinal*, investiga a influência do estudo da cadeira nas suas carreiras profissionais. Na terceira fase, o autor retira as suas conclusões da pesquisa feita e, por fim, apresenta os anexos que defendem a sua investigação.⁸³ O autor começa por analisar a obra do Stam, Breuer e Mies num recorte temporal entre 1920 a 1928. É também analisado o pensamento arquitetónico a partir do trabalho de oficina, em resultado da transformação artesanal e consequentemente, o avanço do objeto industrial relativamente ao objeto artesanal. Para tal, são investigadas as referências comuns aos três arquitetos de modo a entender a convergência no desenho das cadeiras. Deste modo, é necessário recuar até ao princípio dos anos

⁸² MARTÍN, Pablo López – **La Silla de la Discordia. La pequeña escala como campo de experimentación en la modernidade: Breuer, Mies Y Stam.** Madrid, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. 37. Tese de Doutoramento.

⁸³ MARTÍN, Pablo López – **La Silla de la Discordia. La pequeña escala como campo de experimentación en la modernidade: Breuer, Mies Y Stam.** Madrid, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. 39. Tese de Doutoramento.

20, de forma a compreender-se o percurso de cada um dos arquitetos e o seu primeiro contacto com a arquitetura: Mies Van der Rohe vive em Berlim e entra no *Novembergruppe*, onde os contactos que faz se tornam decisivos para integração na vanguarda arquitetónica; Mart Stam entra na revista *Opbouw*, onde também cria contactos decisivos em virtude da sua biografia e do seu trabalho; Marcel Breuer entra na escola de *Bauhaus* em 1920, e em 1927 acontece a exposição do Werkbund, onde as três figuras participam. De seguida, é estudada a cadeira do artesão-intelectual de Mies, a cadeira do "bricoleur" de Breuer e a cadeira de ideológico de Stam. Aprofunda-se o percurso da casa arquiteto no estudo da cadeira e como se integra no seu trabalho arquitetónico.⁸⁴

A dissertação de Mestrado realizada por *Rosana Rita Folz*, na Escola de Engenharia de São Carlos, da Universidade de São Paulo, com o nome de *Mobiliário na Habitação Popular*, tem como objetivo estudar a inserção do mobiliário na habitação popular, analisando a produção do móvel popular e diferentes projetos que exemplifiquem a melhor adequação do móvel nos pequenos espaços das habitações urbanas.⁸⁵ No início deste estudo, foram identificados os problemas económicos e políticos da habitação para a população de renda baixa. Efetivamente, estas habitações, para além de serem pequenas, são difíceis de equipar de forma a torná-las em espaços habitáveis. Deste modo, concluiu-se que o mobiliário oferecido no mercado não estava

⁸⁴ MARTÍN, Pablo López – *La Silla de la Discordia. La pequeña escala como campo de experimentación em la modernidade: Breuer, Mies Y Stam*. Madrid, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. 41. Tese de Doutoramento.

⁸⁵ FOLZ, Rosana Rita – *Mobiliário na Habitação Popular*. São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2002. 1. Dissertação de Mestrado.

adaptado para habitações de áreas mínimas.⁸⁶ Assim, pretende-se pensar num mobiliário que se adeque às pequenas dimensões das moradias, as necessidades familiares de quem as vai habitar e que sejam economicamente acessíveis.

Por fim, com esta pesquisa, a autora pretendeu fazer um levantamento da introdução do mobiliário nas moradias mínimas para a população de baixa renda, conseguindo levantar as condicionantes que o projeto do mobiliário necessita abranger.⁸⁷ Assim, foi feita uma contextualização do mobiliário, no panorama internacional e brasileiro, mostrando exemplos dos Estados Unidos, o movimento *Arts and Crafts* em Inglaterra, e escola de *Bauhaus* na Alemanha,⁸⁸ fazendo uma análise das diferentes propostas de mobiliário surgidas de novas tecnologias e introduzidas pela sociedade industrial, explorando uma grande variedade de móveis multifuncionais, versáteis e por vezes integrados com a habitação, como exemplos que poderão ser funcionais na introdução das habitações mínimas atuais, para a população de baixa renda.⁸⁹ São ainda estudadas as necessidades do morador, como as exigências do espaço, exigências de conforto, e as características socioeconómicas.⁹⁰ A autora especifica a relação do mobiliário com o espaço da habitação popular, explorando as características gerais da indústria brasileira de móveis, e esclarecendo a diferença de matéria prima, tecnologia, mão de obra e *Design*. Explica

⁸⁶ FOLZ, Rosana Rita – **Mobiliário na Habitação Popular**. São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2002. 4-5. Dissertação de Mestrado.

⁸⁷ FOLZ, Rosana Rita – **Mobiliário na Habitação Popular**. São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2002. 10. Dissertação de Mestrado.

⁸⁸ FOLZ, Rosana Rita – **Mobiliário na Habitação Popular**. São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2002. 55-64. Dissertação de Mestrado.

⁸⁹ FOLZ, Rosana Rita – **Mobiliário na Habitação Popular**. São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2002. 70. Dissertação de Mestrado.

⁹⁰ FOLZ, Rosana Rita – **Mobiliário na Habitação Popular**. São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2002. 80. Dissertação de Mestrado.

ainda as características dos móveis populares, consistindo em modulação, padronização, precisão, normalização, mecanização, repetitividade, divisibilidade, transportabilidade e flexibilidade.⁹¹ Por fim, a termina o seu estudo demonstrando a flexibilidade, a modulação e a multifuncionalidade num projeto integrado da casa com o mobiliário, usando o exemplo de uma micro arquitetura e do macro *Design*.⁹²

A dissertação de Mestrado realizada por *Inês Nogueira Afonso* na Universidade Lusíada de Lisboa, com o título *Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e Design: dois casos de estudo*, aborda o conceito de que a arquitetura ou uma obra de arte enquanto espaço arquitetónico e o espaço organizado funcionam como palco da vida, do quotidiano e das necessidades do Homem. O interesse pela realização deste trabalho e as questões que a autora quer ver respondidas com o seu desenvolvimento dizem respeito às seguintes premissas:

- O Homem: enquanto arquiteto e responsável pela criação de um espaço arquitetónico; enquanto habitante de um espaço, e as suas necessidades; enquanto *designer*, com o papel de desenvolver objetos que existem no espaço que habita.
- Os três elementos que existem num espaço (o espaço, o corpo e o objeto) e a relação que estabelecem entre si.

⁹¹FOLZ, Rosana Rita – **Mobiliário na Habitação Popular**. São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2002. 147-150. Dissertação de Mestrado.

⁹²FOLZ, Rosana Rita – **Mobiliário na Habitação Popular**. São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2002. 169-180. Dissertação de Mestrado.

- O Homem, enquanto arquiteto ou *designer*, ao desenhar um espaço, tem que pensar nas relações entre os elementos que constituem esse espaço, de modo a dar uma resposta completa às necessidades do Homem.⁹³

Assim, este trabalho foi direcionado para uma tentativa de entendimento da relação entre a arquitetura e o *Design*, o espaço e os seus objetos, o espaço e as formas que o ocupam, e como é que se relacionam, sendo o objetivo da autora entender o contributo do *Design* para a arquitetura através do *Design* de mobiliário. A autora inicia a sua investigação realizando uma contextualização histórica da arquitetura e do *design*, mencionando o desenvolvimento do *Design* a partir da arquitetura através de exemplos de obras de arquitetos e *designers* que tenham experimentado na sua obra a relação entre os seus espaços e os seus objetos. São abordados os dois movimentos que deram origem à consciência do *Design* de objetos, o *Arts and Crafts* e o *Art Nouveau*, e o período marcado pela *Deutscher Werkbund*, devido à criação de oficinas e escolas técnicas como a *Bauhaus*.⁹⁴ De seguida, é analisada a relação que os elementos referidos apresentam através da união das artes. Para tal, existe uma tentativa de entendimento da obra de arte e do conceito de *Gesamtkunstwerk*, e uma análise da relação do corpo com o objeto através do estudo do Modulor e da noção de escala que acompanha o arquiteto no seu trabalho. A autora tenta também compreender as relações do corpo-espaço e objeto espaço,

⁹³ AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. 33. Dissertação de Mestrado.

⁹⁴ AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. 34. Dissertação de Mestrado.

através da noção de espaço e de espaço organizado de Fernando Távora. Por fim, a autora tenta desenvolver e observar tudo o que se compreendeu com a realização deste trabalho, a partir de dois casos de estudo. Assim, no primeiro caso de estudo, a autora refere A Casa do Cipreste, do arquiteto Raul Lino, uma obra de um arquiteto que pretende alcançar a ideia de arquitetura total, desenhando muitos objetos e utensílios para colocar nesse espaço. No segundo caso de estudo, é referida a intervenção ao nível da arquitetura de interiores na Fundação Calouste Gulbenkian, do *designer* Daciano da Costa, que projetou o mobiliário e todo o projeto de interiores de forma a relacionar o seu projeto de *Design* com o espaço arquitetónico onde se insere.⁹⁵ Por fim, a autora conclui o seu trabalho com a ideia de que a relação entre a arquitetura e o *design*, enquanto disciplinas que atuam num mesmo espaço, pode constituir-se como uma ferramenta essencial a um espaço coerente, contínuo e de harmonia e totalidade.⁹⁶

⁹⁵ AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. 35-36. Dissertação de Mestrado.

⁹⁶ AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. 302. Dissertação de Mestrado.

Sobre o arquiteto Manuel Tainha, destacam-se dois trabalhos que estudam a sua vida e obra, a tese de Doutoramento de *Teresa Maria Ribeiro Belo Rodeia*, com o nome *O desenho como invenção do real: a pousada de Oliveira do Hospital: o processo projectual em Manuel Tainha*, e a dissertação de Mestrado realizada por *Paulo Alexandre Dionísio Ribeiro de Jesus*, com o nome *O limite, o espaço e a paisagem em obras de Manuel Tainha*, ambos realizado na Universidade Lusíada de Lisboa. Contudo, estes trabalhos não exploram a relação de Manuel Tainha com a Revista *Binário*, um estudo que seria importante para a realização deste trabalho.

Estrutura do estudo

O presente trabalho desenvolver-se-á ao longo de dois capítulos, tendo como objetivo estudar de forma aprofundada o objeto de estudo, a revista *Binário*. Assim, pretende-se refletir sobre o mobiliário numa residência de estudantes e responder às questões colocadas.

O primeiro capítulo, *A revista Binário e o mobiliário*, apresenta a revista *Binário*, a razão da necessidade da sua criação e as alterações que sofreu ao longo dos 19 anos de publicações. Este capítulo divide-se em três subcapítulos: *Antecedentes e Evolução da Revista*, *O mobiliário presente em Binário* e *Mobiliário + Decoração*.

No primeiro subcapítulo – *Antecedentes e Evolução da Revista* –, será abordado o contexto histórico do *Design* desde o início do séc. XX. Esta questão será abordada porque o desenvolvimento do *Design* influenciou o desenvolvimento do mobiliário e arquitetura de interiores, fundamentando a criação da revista *Binário*. No seguimento da investigação realizada neste primeiro subcapítulo, serão explicadas as várias alterações que a *Binário* sofreu ao longo do seu período editorial influenciadas pelo contexto social que se vivia. Concomitantemente, serão apresentados os diretores (Manuel Tainha, Aníbal S.A. Vieira e José Luís Quintino) e o redator que escreveu os artigos com maior importância para o desenvolvimento deste trabalho (João Constantino). No segundo subcapítulo – *O mobiliário presente em Binário* –, será estudado todo o material escrito relativamente a mobiliário para a revista *Binário*. Assim, dar-se-ão exemplos mais específicos de mobiliário desenhado por diferentes arquitetos ou *designers*, de mobiliário oriundo de países como a Dinamarca, Itália ou França e exemplos de feiras de mobiliário internacionais que aconteceram durante a década de 60 e 70. Por fim, no terceiro

subcapítulo – *Mobiliário + Decoração*, será analisado todo o material publicado na secção criada pela revista, com o mesmo nome.

No segundo capítulo, *Do Hotel à Residência de estudantes*, serão analisados todos os exemplos de mobiliário em hotéis presentes na revista, de forma a ser possível realizar-se uma proposta de mobiliário para uma residência de estudantes. Este capítulo será dividido em dois subcapítulos: *O Hotel* e *A residência de estudantes*.

No primeiro subcapítulo (*O Hotel*), serão analisados todos os artigos que apresentem o projeto de interiores/mobiliário produzidos para hotéis. No segundo subcapítulo (*A residência de estudantes*), relacionar-se-á a informação trabalhada neste estudo referente ao mobiliário presente na revista, dando primazia aos exemplos de hotéis, com o mobiliário de uma residência de estudantes. Esta relação surge devido ao carácter provisório dos espaços individuais e da semelhança idealizada nos seus espaços comuns, de modo ser possível tirar-se conclusões sobre as questões colocadas no princípio deste estudo. Por fim, com base nas conclusões retiradas, será realizada uma proposta prática em conjunto com a vertente prática deste trabalho, um *projeto de interiores para uma residência de estudantes em Carcavelos*, a ser realizada a Unidade Curricular de Projeto Final de Arquitetura, com base no estudo realizado a partir da revista *Binário*.

Contributos

A realização deste trabalho contribui para o estudo do *Design* de interiores e do mobiliário enquanto área de grande desenvolvimento e experimentação ao longo do século XX, ao aprofundar a questão do desenho do mobiliário.

Devido ao interesse em relacionar a vertente teórica com a vertente prática, o projeto de uma residência de estudantes, destacou-se de todo o material analisado na revista *Binário*, os artigos centrados no mobiliário e decoração de interiores em hotéis, sendo assim possível uma reflexão em torno dos espaços da *Residência de Estudantes em Carcavelos*, desenvolvida no âmbito do Projeto Final de Arquitetura.

Deste modo, o presente trabalho contribui para a investigação contínua do desenho do mobiliário, a análise da revista *Binário*, e o estudo sobre residências de estudantes e o seu mobiliário constituinte.

1. A Revista *Binário* e o Mobiliário

(...) A necessidade de fazer de um edifício uma entidade completa, uma fusão de interior e exterior, tanto estética como funcionalmente – para não mencionar a questão da harmonização do edifício com o seu meio ambiente – está ainda longe de ser universalmente reconhecida. Como resultado disto, os ambientes são muitas vezes inadequados e o arquiteto de interiores tem de começar o seu trabalho num estágio já muito tardio, e geralmente com fundos muito limitados.

Muitos põem hoje em dúvida o direito de o arquiteto ter responsabilidade total sobre o que vai construir ou projetar, apontando como motivo o facto de que isto leva a um ambiente estereotipado, sem carácter privado pessoal. (...) O arquiteto pode, porém, alcançar este objetivo de várias maneiras: poderá fazer ele próprio tudo (embora isto seja quase impossível hoje em dia), trabalhar com a sua equipa que geralmente compreende um decorador permanente, ou trabalhar de colaboração com um arquiteto de interiores independente, de preferência com um que esteja acostumado aos seus métodos e partilhe dos seus princípios.

De acordo com a função do edifício, várias exigências se põem às qualidades de adaptação do equipamento e às maneiras como pode ser remodelado quando necessário. Há sempre o perigo de isto entrar em conflito com as intenções do arquiteto, e a inter-relação do público, proprietário, arquiteto e arquiteto de interiores deveria sempre que possível, basear-se em princípios estéticos comuns. (...) ⁹⁷

Marika Hansen

⁹⁷ ARQUITETURA DE INTERIORES – EXEMPLOS FINLANDESES – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no113 (Fevereiro 1968) p.81

Antecedentes e Evolução da Revista

O início do século XX foi marcado pelo rompimento de pensamentos e atitudes baseados em expressões da Arte Nova, em prol do desenvolvimento da produção em série e da industrialização. É neste contexto que surge na Alemanha a associação *Deustcher Wekerbund* (1907-1935), com o intuito de explorar e comunicar o poder do *design*, viabilizando a melhoria da vida das pessoas, numa ideologia económica de soluções sem desperdícios, com base na mecanização e produção em série. Devido a esta industrialização, a produção de equipamentos começa a ajustar-se ao poder económico das classes mais desfavorecidas, proporcionando linhas de mobiliário de baixo custo que equipassem toda a casa,⁹⁸ de acordo com a ideia de que o *Design* dos espaços, a iluminação e o mobiliário poderiam melhorar a qualidade de vida dos residentes.⁹⁹

Em Portugal, começou a dar-se relevância ao *Design* no final do século XIX, quando o Estado se começa a interessar pelas “artes decorativas” e estabelece o objetivo de desenvolver e tornar funcionais os objetos produzidos pelas indústrias artísticas. Neste contexto, destaca-se a obra de Raul Lino e do seu estudo sobre *Arts & Crafts*¹⁰⁰, que lhe permitiu compreender a necessidade de integrar todos os elementos em redor da arquitetura. *Arts & Crafts*, que constitui um movimento estético e social, surgiu em Inglaterra na segunda metade do século XIX com o intuito de criticar o uso da máquina no processo criativo e construtivo, em prol de uma arte menos vulgarizada.

⁹⁸ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 14. Dissertação de Mestrado.

⁹⁹ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 15. Dissertação de Mestrado.

¹⁰⁰ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 63. Tese de Doutoramento.

Assim, Lino defende o artesanato criativo em oposição à mecanização e à industrialização em massa, valorizando o trabalho manual na confecção de objetos de uso quotidiano.¹⁰¹ Deste modo, o arquiteto propôs invenções inovadoras, ao explorar a leveza e delicadeza permitidas pela construção em metal e vidro, numa criatividade inspirada na natureza, direcionando a arte a uma emancipação intelectual e estilística da arquitetura moderna.¹⁰² Também William Morris se destacou neste movimento com os seus ideais de que a arte deveria ser executada pelo povo e para o povo.¹⁰³

Nos inícios do século XX considerava-se Portugal um país rural, com uma sociedade profundamente marcada pelas diferenças sociais. Em resposta à vontade de revigorar a indústria artística do mobiliário, definiu-se um “estilo português”, recuperando estilos nacionais de épocas passadas, não dando espaço para as expressões de Arte Nova que se fazia sentir no resto da Europa. Contudo, esta nova onda de artefactos era apenas acessível à burguesia, com a exceção das produções dos *Armazéns Grandella*, que comercializavam versões mais económicas, mas também em mais reduzido número de elementos.¹⁰⁴

Os *Armazéns Grandella* foram criados por Francisco de Almeida Grandella, nascido em Aveiras de Cima em 1852. Almeida Grandella iniciou a sua vida profissional em Lisboa, como marçano e posteriormente caixeiro. Em 1879, inaugurou o seu primeiro estabelecimento, uma pequena loja

¹⁰¹ AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. 41. Dissertação de Mestrado.

¹⁰² AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. 45. Dissertação de Mestrado.

¹⁰³ AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. 41. Dissertação de Mestrado.

¹⁰⁴ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 110. Dissertação de Mestrado.

na Rua da Prata (figura 20), com o nome *Fazendas Baratas e Grandella*, conseguindo realizar 400 mil réis de vendas por encomenda no dia da sua inauguração. Em 1881 sentiu a necessidade de alargar o seu negócio, adquirindo uma grande loja no Rossio com o nome *Loja do Povo* (figura 21). Devido aos preços baixos que praticava, também a *Loja do Povo* se tornou insuficiente para a quantidade de clientes e encomendas que recebia, acabando por adquirir um novo espaço, *O Novo Mundo*, na Rua do Ouro.

A primeira versão dos *Armazéns Grandella & Cª* (figura 22) foi inaugurada a 10 de Julho de 1891 num edifício devidamente remodelado, conservando a traça pombalina e localizado num gaveto da Rua da Áurea com a Rua da Assunção. O objetivo de Francisco Grandella sempre foi alargar o seu negócio por todo o país. Dedicou-se principalmente à produção fabril na área de lanifícios para a produção de malhas e vestuário com qualidade e preços competitivos. No entanto, a sua forte aposta em catálogos e publicidade foi um grande impulsionador do seu negócio, tornando estes armazéns numa referência na moda de Lisboa.

Em 1902 Grandella realoca os *Armazéns Grandella & Cª* para um edifício localizado na Rua do Carmo, inaugurando este novo espaço a 8 de Abril de 1907. O piso de dava acesso à rua do Carmo ficou dedicado à moda feminina, num tempo anterior ao pronto-a-vestir. Nos restantes 10 pisos eram distribuídas todas as outras diferentes secções: alfaiataria, decoração, artigos de viagem, brinquedos, pronto-a-vestir, sapataria, escritórios e salas de jantar. Os *Armazéns Grandella* foram, à sua época, uma obra de engenharia e arquitetura de vanguarda e um exemplo ímpar de comércio moderno.¹⁰⁵

¹⁰⁵ RESTOS DE COLEÇÃO. **Armazéns Grandella & C.ª**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

Após a implementação da República, viveu-se um tempo de consolidação ideológica que se refletiu nas publicações feitas neste período e pela difusão da indústria gráfica. O aumento de publicações jornalísticas, satíricas e promocionais coincide com o aparecimento de novos projetos editoriais, como a *Orfeu* (1915), a *Portugal Futurista* (1917), e de novos artistas, muitas vezes ligados ao humor, como Jorge Barradas, Emmerico Nunes e Almada Negreiros.¹⁰⁶ No âmbito do mobiliário, a transição para a República não muda a forma de pensar da sociedade Portuguesa, tendo sido necessária a aproximação de uma crise económica nos anos 20 para as necessidades de mobiliário se alterarem, desaparecendo elementos como aparadores e guarda-pratas, e dando lugar ao sofá, que poderia servir de cama e de móvel de assento. Numa perspetiva estética e de higiene, os entalhamentos ornamentais caíram em desuso em detrimento de formas simples e motivos geométricos, assumindo uma grande influência do estilo Arte Déco, afigurando um mobiliário requintado com motivos figurativos embutidos em madeiras exóticas, chegados a Portugal através de Franz Torka, responsável pelos Armazéns Alcobia.

A *Companhia dos Grandes Armazéns Alcobia* (figura 26), fundada em 1914, instalou-se na Rua Ivens, no primeiro e terceiro andar de um palacete, que ocupou até 1950. Paulo Alcobia começou a sua carreira a vender artigos de decoração numa barraca que montava na feira de São Pedro todas as primeiras e últimas terças-feiras de cada mês. Com o sucesso que obteve com as suas vendas e o respetivo lucro, conseguiu abrir o seu próprio armazém, em que Carlos Alcobia exercia o cargo diretor. Franz Torka, um decorador que foi assistente e decorador chefe no atelier de Otto Wagner entre 1909 e 1911, foi convidado a exercer o cargo de diretor artístico na área de

¹⁰⁶ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 65. Tese de Doutoramento.

decoração e organização técnica das fábricas. A *Companhia Alcobia* produzia e comercializava, entre outros artigos de decoração, móveis de estilo aristocráticos, sofás e maples, porcelanas em cristal, tapeçarias e carpetes de lã. Em 1940, Torka abandona a *Companhia Alcobia* e abre o seu próprio atelier de decoração no Largo da Graça.¹⁰⁷

Com a aproximação aos anos 30, os modelos de Arte Déco foram transformados em madeiras mais vulgares, como casquinha ou pinho, e o mobiliário em contraplacado folheados a madeiras exóticas, com formas mais curvas, e com um custo de produção menor.¹⁰⁸ Começou a ser também utilizado o mobiliário encastrado e lacado nas cozinhas, bem como a utilização de eletrodomésticos, iluminação indireta e fogões a gás, apesar de não serem acessíveis a todos. No início dos anos 30, com a difusão da luz elétrica, realizou-se a *Exposição da Luz e Eletricidade Aplicada ao Lar*, na Sociedade Nacional de Belas-Artes (figura 29). Este evento pretendia chegar aos comerciantes e industriais, com o objetivo de divulgação das potencialidades da luz elétrica, numa secção chamada *Luz*, e ao público em geral, numa secção chamada *Eletricidade Aplicada ao Lar*, com o intuito de apresentar as vantagens da luz elétrica e dos eletrodomésticos no quotidiano.¹⁰⁹

A atividade dos arquitetos e dos artistas-decoradores das primeiras gerações modernistas corresponde ao modernismo funcionalista desenvolvido dentro do Estado. Efetivamente, os

¹⁰⁷ RESTOS DE COLEÇÃO. **Companhia dos Grandes Armazéns Alcobia**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecolecao.blogspot.com/2012/11/companhia-dos-grandes-armazens-alcobia.html>>.

¹⁰⁸ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 111. Dissertação de Mestrado.

¹⁰⁹ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 112. Dissertação de Mestrado.

representantes do Estado estabeleceram relações com a expressão artística e arquitetónica racionalista, praticada numa “arquitetura heroica” entre os anos 20, à sua banalização nos anos 30.¹¹⁰ Por outro lado, enquanto o Mundo travava a Segunda Guerra Mundial, Portugal manteve uma posição neutra, e realiza em 1940 a *Exposição do Mundo Português*, numa cooperação entre os artistas e o Estado Novo, com o propósito de dar visibilidade ao “estilo português” e à “Campanha do Bom Gosto”, lançada pelo Secretariado de Propaganda Nacional na década anterior. Esta exposição foi realizada em Belém, onde mais tarde se instalou o Museu de Arte Popular (figura 30).¹¹¹

No contexto mundial, as ideologias permaneciam segundo a premissa de melhorar a vida das pessoas através do *design*, e nos anos pré e pós a Segunda Guerra Mundial, houve pouca divergência nas expressões do movimento moderno.¹¹² O I Congresso Nacional de Arquitetura, em 1948, foi o ponto de rotura do movimento moderno Português, onde os arquitetos mais novos expressaram a sua vontade de resistir à arquitetura moderna através da discussão de um problema maior, i.e., os problemas relacionados com o contexto social e económico da produção. Por esta altura, é iniciada a participação destes arquitetos em organizações, colaborações com revistas, onde se destaca a revista *Arquitetura*, apresentações de trabalhos nas Exposições Gerais de Artes Plásticas e na Sociedade Nacional de Belas-Artes, fazendo do movimento moderno na

¹¹⁰ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 67. Tese de Doutoramento.

¹¹¹ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 114. Dissertação de Mestrado

¹¹² ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 18. Dissertação de Mestrado.

arquitetura em Portugal uma forma de expressão democrática com o sentimento revolucionário dos *designers*, tornando-se numa frente moderna de oposição ao regime.¹¹³

A partir dos anos 50, num período de grande consumo de artefactos por parte da classe média e das elites, algumas fábricas e oficinas de produção artesanal da indústria do mobiliário compreenderam que se vivia um momento de mudança, tendo aderido a novos desafios.¹¹⁴ Destaca-se as empresas *Olaio* e *Altamira*, que com as suas montras de produtos exportados impulsionaram o despertar desta geração para o *Design* e para a contemporaneidade¹¹⁵ e aumentaram a produção industrial, o que permitiu que as casas das populações com menos rendimentos se assemelhassem às casas das classes mais altas.¹¹⁶

Móveis Olaio foi fundada por José Olaio, um marceneiro que abriu, em 1886, uma oficina de marcenaria na Rua da Atalaya (figura 31), em Lisboa, e que anos mais tarde se transforma em armazém e loja de móveis novos e usados. Em 1918, em sociedade com o seu filho Tomaz José Olaio, forma a empresa *José Olaio & Cª (filho), Lda.*, com uma oficina de marcenaria no Bairro Alto. Na década de 40, a *Casa Olaio* destaca-se pelo fabrico de mobiliário de escritório, mobiliário rústico e outros móveis por encomenda, em madeira de carvalho ao estilo americano. Contudo, nos anos 60, surgiram influências oriundas da Dinamarca, implementadas pelo diretor industrial

¹¹³ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 67. Tese de Doutoramento.

¹¹⁴ RESTOS DE COLEÇÃO. **Móveis Olaio.** Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/09/moveis-olaio.html>>.

¹¹⁵ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 75. Tese de Doutoramento.

¹¹⁶ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 115. Dissertação de Mestrado

da fábrica, o engenheiro Herber Brehm e pelo *designer* José Espinho. A fábrica foi ampliada, melhorou-se o equipamento fabril e as condições de trabalho, resultando numa produção em grande série e de qualidade, que permitiu a produção de mobiliário funcional em linhas simples e claras. Assim, *Olaio* começou a fabricar mobiliário para inúmeros estabelecimentos, como o Hotel Ritz, o Hotel Tivoli, o Hotel Estoril-Sol, o Cinema Teatro Monumental, o Café Monumental, o Café Império, o Casino do Estoril, entre outros. Estabeleceu, também, contactos com empresas estrangeiras, exercendo licenças exclusivas para a produção e comercialização em Portugal de mobiliário da empresa sueca *Lundia* (as estantes de arrumação *Lundia* e *Lizzy*), e da empresa dinamarquesa *Lifa* (o sofá-cama *Lico*).¹¹⁷

Por sua vez, a empresa *Altamira* foi fundada em 1955 por Júlio Pedro Cabrita, que contrata o *designer* José Cruz de Carvalho para desenhar as peças de mobiliário. Cruz de Carvalho adota nas suas criações um sistema que se baseia em módulos que possam ser adquiridos por partes, consoante a capacidade financeira e as necessidades dos clientes.¹¹⁸ Assim, projetou instalações, desenhou modelos (de série ou não) e concebeu a apresentação pública dos produtos,¹¹⁹ numa filosofia de atuação que engloba vários fatores. Em primeiro lugar, o produto, em que divide o mobiliário em três classes, conseguindo alcançar toda a população. Em segundo lugar, imagem, desenhando o logotipo e promovendo o nome da empresa. Em terceiro lugar, fabrico, ao planejar

¹¹⁷ RESTOS DE COLEÇÃO. **Móveis Olaio**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/09/moveis-olaio.html>>.

¹¹⁸ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 118. Dissertação de Mestrado

¹¹⁹ O DESIGN DE MOBILIÁRIO ANALISADO POR CRUZ DE CARVALHO– Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no200 (Maio/ Junho 1975), p.249.

a nova fábrica e o seu circuito de produção interna. Finalmente, a venda, ao idealizar a loja com galeria de arte.¹²⁰ Em 1962, José Cruz de Carvalho destitui-se da *Altamira*, sendo sucedido pelo *designer* José Cândido.¹²¹

No entanto, os arquitetos formados com os fundamentos da *Carta de Atenas* começam a desenvolver um estilo mais expressivo, recorrendo a novos materiais e novas técnicas construtivas.¹²² Em Portugal, este foi um período em que o sentimento de frustração dos artistas foi fortemente notável. António Ferro constituiu uma personagem marcante neste tempo, devido à sua ambição de marcar o “gosto” e pela sua tentativa de desenvolver o “estilo português”. Contudo, alcançar um ecletismo, provocou uma forte rejeição criativa dos artistas decoradores, por preferir recriar os estilos e tendências vindas de França e Itália em detrimento da criação e inovação nos estilos.

Todavia, o aparecimento de uma nova geração de artistas fortemente influenciados pelo seu tempo alterou o destino do *Design* em Portugal, ainda muito ligado ao conceito de modernização imposto pelo Estado Novo¹²³, iniciando uma mudança na produção popular sem romper com essa ordem cultural, conferindo às peças um gosto urbano contemporâneo, próximo das referências estrangeiras. Desta geração de artistas destaca-se o trabalho dos arquitetos Daciano da Costa,

¹²⁰ COELHO, DIOGO JOÃO SILVA ROCHA DOS SANTOS – **O contributo de Cruz de Carvalho para a História do design em Portugal**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2013. 18. Dissertação de Mestrado.

¹²¹ ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 119. Dissertação de Mestrado.

¹²² ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 76. Tese de Doutoramento.

¹²³ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 79. Tese de Doutoramento.

Victor Palla, Sena da Silva, Eduardo Anahory e os *designers* Sebastião Rodrigues e Carlos Rocha, por serem artistas individualistas, modernos e cosmopolitas.¹²⁴

Ao longo dos anos 50, enquanto o *Design* abria caminho em Portugal, os artistas contribuíam para a integração da arte na indústria, explorando sobretudo a área do vidro e da cerâmica, absorvendo o gosto contemporâneo europeu, nomeadamente o finlandês e o italiano. A forma de viver sofre reformulações, dando primazia ao conforto de quem habita, através da generalização da água quente e da cabine de duche e criando uma simplicidade nas habitações, ao serem reduzidos o número de divisões e agregando várias funções no mesmo espaço. Esta nova forma de pensar o espaço doméstico refletiu-se no panorama do mobiliário português, que carecia de um carácter mais funcional que permitisse uma melhor organização do espaço doméstico. Paralelamente, a publicação e consumo de livros e revistas propagou-se, tal como nas primeiras décadas do século XX, constituindo uma visibilidade para os artistas e *designers* que se mantivessem ativos.¹²⁵ Os exemplares publicados visavam despertar o percurso institucional do *Design* em Portugal, tal como direcionar a nova geração de *designers* para o “novo modernismo”. Na obra editorial portuguesa destaca-se a obra de Victor Palla e de Costa Martins, *LISBOA “Cidade triste e alegre”* (1959 – figura 40), a revista *Almanaque* (1959 – figura 41), e a revista *Binário* (1958 – figura 42),¹²⁶ por influenciarem os *designers* e os ateliês de arquitetura para um “regionalismo crítico”, ao darem contacto com origens fora dos programas patriótico-clerical do Estado Novo,

¹²⁴ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 80. Tese de Doutoramento.

¹²⁵ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 77. Tese de Doutoramento.

¹²⁶ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 82. Tese de Doutoramento.

fazendo com que os *designers* portugueses se distanciassem do modernismo regional do Estado Novo, nos anos 1960.¹²⁷

Deste modo, os “objetos” primordiais, o livro e a revista, refletem um pensamento regionalista que apesar de herdarem características das anteriores gerações modernistas, como um olhar neo-realista e realista, são simultaneamente críticos do modernismo, inserindo-os na esfera de pós-modernismo que se caracterizava pelas suas manifestações culturais. Ao alterarem a sua postura relativamente às influências mundiais, estavam também a alterar a relação com os objetos em resposta à necessidade de consumo da sociedade nos anos 50 e 60. Consequentemente, este desejo de modernização da indústria fez com que a nova geração de *designers* respondesse ao projeto global, conscientes que estavam a mudar o mundo ao executarem alterações no país rumo à contemporaneidade.¹²⁸

Neste contexto, surgiu no panorama editorial português a revista *Binário*, uma revista de arquitetura, construção e equipamento, fundada em 1958 pelo arquiteto Manuel Tainha e seu irmão, o engenheiro Jovito Tainha, numa época em que a produção arquitetónica em Portugal estava num período fértil, principalmente no domínio da habitação, surgindo diversas inovações a nível de programas e de conceptualização espacial. Essas inovações resultaram de uma nova atitude defendida no *I Congresso Nacional de Arquitectura*, que teve lugar em Lisboa em 1948, e

¹²⁷ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 84. Tese de Doutoramento.

¹²⁸ ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 85. Tese de Doutoramento.

foi realizado pelos jovens arquitetos do ICAT¹²⁹ e da ODAM¹³⁰, onde participaram os arquitetos Fernando Távora, Viana de Lima e Arménio Losa, entre outros. Nesses anos foram construídos inúmeros edifícios habitacionais, como exemplo, o Bairro das Estacas (figura 43) – 1949-1954, da autoria de Formosinho Sanches e Ruy de Athougua – ou o Bloco das Águas-Livres (figura 44) – 1953-1959, autoria de Nuno Teotónio Pereira e Bartolomeu Costa Cabral –, mas também muitas outras obras que se apresentam como marcos de uma nova forma de pensar a cidade e a arquitetura em Portugal, como a sede da Fundação Calouste Gulbenkian (figura 45) – 1959-1969, da equipa de Alberto Pessoa, Pedro Cid e Ruy de Atougua –, a Igreja do Sagrado Coração de Jesus (figura 46) – 1961-1970, da equipa de Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas e Pedro Vieira de Almeida –, e a Casa de Chá da Boa Nova (figura 47) – 1958-1963, da autoria de Álvaro Siza Vieira.

Manuel Tainha, o fundador da revista *Binário*, nasceu a 6 de Março de 1922 em Paço de Arcos, terceiro filho de Manuel Inácio Tainha e Maria do Carmo Mendes Tainha. Em 1928 iniciou a sua aprendizagem musical com violoncelo, que pratica até entrar no curso de Arquitetura na Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, em 1939,¹³¹ onde decidiu ingressar devido ao seu gosto pelo desenho.

Em plena ditadura Salazarista, e enquanto a Europa e o Mundo travavam a Segunda Guerra Mundial, o Estado Novo organizou, em 1940, a “Exposição do Mundo Português”, uma manobra de propaganda, com a ajuda de intelectuais, artistas e arquitetos da altura, de modo a ser transmitida uma visão do mundo em contramão com os caminhos da história. Um ano depois

¹²⁹ Sigla para **Iniciativas Culturais Arte e Técnica**

¹³⁰ Sigla para **Organização dos Arquitectos Modernos**

¹³¹ RODEIA, Maria Teresa Ribeiro Belo – **O desenho como invenção do real : a pousada de Oliveira do Hospital: o processo projectual em Manuel Tainha**. Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2016. 81. Tese de Doutoramento.

foi organizada, também em Lisboa, uma grande amostra de arquitetura de inspiração nazi, chamada *Moderna Arquitetura Alemã*¹³², organizada por Albert Speer, inspetor-geral das obras da capital do Reich.¹³³

Foi durante a sua formação na Escola de Belas-Artes de Lisboa, que Tainha tomou consciência do paradigma geral vivido em Portugal, encontrando uma dupla realidade. Por um lado, verificava-se a existência de uma imagem oficial da sociedade portuguesa, que se fazia sentir em particular na EBAL¹³⁴ devido ao seu Diretor, o arquiteto Luís Alexandre Cunha, que defendia um ensino retrógrado e conservador, ou pela mão do seu professor, o arquiteto Cristino da Silva, um dos maiores defensores da Arquitetura oficial do regime, que não permitia no seu ensino qualquer mudança ou modernidade.¹³⁵

Em contraponto com a realidade praticada na sua faculdade, existia o senso geral dos seus colegas de curso, como Nuno Teotónio Pereira, José Rafael Botelho, ou Alzina Meneses, entre outros, que tinham o desejo de mudar essa atmosfera retrógrada da doutrina vigente. Foi neste último contexto que Manuel Tainha formou a sua estrutura de pensamento, dentro e fora do universo da Arquitetura.¹³⁶

Em 1948, ainda enquanto estudante, participou, devido às suas relações com o mestre Carlos Ramos e Francisco Keil do Amaral, no I Congresso Nacional de Arquitetura, o chamado congresso

¹³² Tradução do Alemão “Neue Deutsche Baukunst”

¹³³ PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. p.8

¹³⁴ Sigla para Escola de Belas-Artes de Lisboa.

¹³⁵ PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. p.9

¹³⁶ PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. p.9-10

da Mudança da Arquitetura Portuguesa organizado pelo SNA. Nesse congresso é declarada a falência do Estado Novo, dando lugar ao moderno no mundo da Arquitetura, desta vez mais amadurecido relativamente ao que tinha acontecido nos finais de década de 1920 e 1930.¹³⁷ No mesmo ano começa a trabalhar na Câmara Municipal de Lisboa sob a orientação do arquiteto Faria da Costa, e termina o seu curso em 1950, com 19 valores.¹³⁸

No período em que trabalhou na Câmara de Lisboa elaborou quatro projetos, mas nenhum saiu do papel. Em 1954, cansado e desmotivado, abre o seu atelier, e no mesmo ano conseguiu o seu primeiro trabalho, as Piscinas do Tamariz no Estoril (figura 50). Um ano depois teve a sua primeira encomenda pública, a Pousada de Santa Bárbara, em Oliveira do Hospital.¹³⁹ Também na década de 1950, revela-se como pensador e divulgador do exercício e da prática da Arquitetura, destacando-se por ter sido quem traduziu pela primeira vez em Portugal o texto de Alvar Aalto de 1948 *Truta e a Corrente*, em 1952 para a Revista *Arquitectura*, e por ter fundado, em conjunto com o seu irmão e engenheiro Jovito Tainha, a Revista *Binário*, sendo diretor dos seus primeiros 10 números.¹⁴⁰

Manuel Tainha, como o próprio se referia, foi um prático. Enquanto praticava o ofício enquadrado no tempo e no espaço, pretendia ter uma visão cultural e artística dessa prática, sempre com um olhar crítico e particular sobre o estado da arte. É assim que se pode ler a sua

¹³⁷ PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. p.10

¹³⁸ RODEIA, Maria Teresa Ribeiro Belo – **O desenho como invenção do real : a pousada de Oliveira do Hospital: o processo projectual em Manuel Tainha**. Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2016. 81. Tese de Doutoramento.

¹³⁹ PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. p.10-11

¹⁴⁰ PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. p.12

obra, pensamentos e ensaios, passando mais tarde pelo ensino e a aprendizagem. Aprendeu desde cedo que o papel das vanguardas se tinha esgotado enquanto dogma algures nos anos 20 ou 30, e sempre procurou estar mais próximo dos arquitetos da continuidade do que os da rutura, porque sempre preferiu uma abordagem mais culturista, aproximando-se do percurso de Adolf Loos, Alvar Aalto ou de Gunnar Asplund, apesar das suas aproximações ao modernismo de *Bauhaus*. Isto é refletido nas suas obras após as Piscinas do Tamariz, em que é possível ler uma construção de um caminho particular no pensar, desenhar e fazer.¹⁴¹ As suas obras distinguem-se pela sistematização em planta em que é possível identificar um modo particular e eficaz de resolver as questões funcionais relativas às exigências programáticas, nas secções e cortes, trabalhados até ao ínfimo rigor. Verifica-se ainda diversas possibilidades de combinar a luz e a sombra, a relação entre as formas e a sua construção, ou ricas relações entre os espaços interiores e os espaços exteriores. Este será sempre um dos objetivos mais difíceis de alcançar na prática da Arquitetura.¹⁴²

Em 1960, Tainha é eleito Presidente do Sindicato Nacional dos Arquitetos, cujo mandato dura os três anos seguintes. Em 1976, estreia a sua carreira enquanto professor Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde dá aulas até 1992. Foi também docente no Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra (1989-1993), e no Curso de Arquitetura na Universidade Lusíada de Lisboa (1993-2010). É em 1991 que recebe o prémio Valmor, com o projeto da Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da Universidade de

¹⁴¹ PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. p.16

¹⁴² PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. p.17

Lisboa. Em 2004 e 2005 recebe dois prémios *Doutor Honoris Causa*, respetivamente, pela Universidade Técnica de Lisboa e pela Universidade Lusíada de Lisboa. Publica o seu livro “Manuel Tainha, textos de arquitectura” em 2006. Manuel Tainha falece em Lisboa, a 18 de Julho de 2012.¹⁴³

O seu irmão mais velho, Jovito Mendes Tainha, nasceu a 2 de setembro de 1918, em Paço de Arcos. Formou-se em Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico em 1944, e entrou na Ordem dos Engenheiros em 1946, com o nº 2392. Foi o co-fundador da revista *Binário*, dirigindo os 10 primeiros números da revista, até Fevereiro de 1959. Tainha faleceu em 1995.¹⁴⁴

A revista criada pelos dois irmãos assumiu-se como uma publicação informativa, de carácter técnico-cultural, mas ao mesmo tempo crítica relativamente ao desenvolvimento português e internacional nos campos da arquitetura, urbanismo, engenharia e *design*¹⁴⁵. Deste modo, *Binário* tinha como intuito trazer temas de interesse atual, com artigos sobre variadas obras da época, como moradias, edifícios residenciais, edifícios de escritórios, obras públicas e hotéis, onde mostram fotografias, desenhos e detalhamento técnico, acompanhados de textos explicativos.

Foi uma revista mensal, que para além dos artigos de estudo, tinha no seu conteúdo notícias dentro dos campos de arquitetura, construção e equipamento, uma lista classificada de produtos, materiais e serviços, e destinava-se maioritariamente a arquitetos, engenheiros, construtores e

¹⁴³ RODEIA, Maria Teresa Ribeiro Belo – **O desenho como invenção do real : a pousada de Oliveira do Hospital: o processo projectual em Manuel Tainha**. Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2016. 81. Tese de Doutoramento.

¹⁴⁴ Informação recolhida na Ordem dos Engenheiros.

¹⁴⁵ BIBLIOTECA DE ARTE GULBENKIAN. **Binário**. Lisboa (Consult. 8 Janeiro 2019) Disponível em [WWW:<https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/publication/binario/>](https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/publication/binario/).

técnicos, pretendendo ser um elo de ligação entre os diversos setores profissionais, industriais e comerciantes de todos os materiais, equipamentos e serviços relativos à área de construção.¹⁴⁶

Os objetivos pretendidos com a publicação de *Binário* são expostos no *Editorial* do primeiro número da revista, publicada em Abril de 1958. Citando um excerto do *Editorial*, “O grau de verdade ou permanência de um produto humano, ainda que se trate de uma revista, depende do seu grau de utilidade. E a ser isto verdadeiro como julgamos, pergunta-se: pode ser de alguma utilidade para o meio português da construção, uma revista como a *Binário*, que não se fazendo representante de um só sector desse meio, proponha antes envolvê-los a todos – porque de todos depende, em suma, a realização de uma obra, seja esta uma cadeira, uma estrada, um tijolo, um hotel?”.¹⁴⁷

A revista pretende também chamar à atenção da necessidade das várias indústrias se unirem em prol do progresso da arquitetura portuguesa. É também explicado no mesmo *Editorial* que essa necessidade se coloca tanto histórica como logicamente. Logicamente porque cada objeto possui uma coerência interna que não pode ser afastada sem se conhecer o seu contexto prático e formal, e historicamente porque a colaboração é o resultado racional da especialização e é a única possibilidade de separar os ramos do saber e do agir, que isolados caem na abstração. Se no meio da arquitetura esta colaboração não acontece a todos os níveis, vai sentir-se a necessidade de operar no quotidiano, e a necessidade imediata no plano da cultura portuguesa. O contributo da *Binário* sobre este assunto prende-se com a transmissão de informação recíproca de cada um dos setores da construção (técnico, artístico, industrial e artesanal), e a procura e

¹⁴⁶ CARTA DE ABERTURA – *Binário*. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no1 (Abril 1958)

¹⁴⁷ EDITORIAL – *Binário*. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no1 (Abril 1958), p.1

definição dos seus planos de continuidade prática e conceptual, tentando transformar a construção num processo integrado e unitário, e também ser um exemplo vivo dessa colaboração. Assim, este constitui o programa genérico da revista, a sua atitude fundamental.

Este processo, que se desenvolve cada vez mais na indústria, acabou por trazer o desenhador industrial, que até àquele momento estava isolado, de volta à sociedade. Por outro lado, defende-se que o trabalho coordenado de equipa, na indústria da construção, acabaria por se tornar a principal tendência; contudo, para que tal acontecesse, seria necessário fazer alterações na atitude e na formação, integrando no seu trabalho todos os componentes sociais, técnicos e estéticos, dependendo somente da sua própria visão criadora. Esta observação foi fundamentada com o seguinte excerto, “Antes de mais nada, devemos parar de brigar acerca dos estilos; cada arquiteto tem o dever de defender a integridade do seu esforço criador. O importante é unirem-se fazendo um esforço mental e chegar a decisões construtivas para poder outra vez abrir a porta que conduz ao campo de produção construtiva em prol da jovem geração de arquitectos.”¹⁴⁸

O arquiteto Manuel Tainha explica no editorial do nº 4 da revista, em Julho de 1958, que não é intenção da *Binário* ser uma revista que publica exclusivamente “trabalhos-vedetas”. Esta postura é consequência da situação da época, em que existia uma necessidade da arquitetura se elevar aos conflitos como a natural modéstia do meio criador português, cujas produções sofrem as mais variadas limitações, tanto interiores como exteriores. Concomitantemente, era dado ao “trabalho-vedeta” um excedente de intensão, ainda que dele seja guardado opinião e estima. Contudo, o arquiteto explica que não existe uma tentativa de privar aos leitores alguns trabalhos

¹⁴⁸ EDITORIAL – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no1 (Abril 1958), p.4

que os redatores da revista considerem criações excepcionais, e que por isso incluem nas suas páginas, numa tentativa de aproximação humana e senso realista, e também de modo a refrescar as ideias. Manuel Tainha refere como exemplo desta situação o caso da Escola de Bernau, de Hannes Meyer, que foi uma obra que chamou à atenção aos redatores da revista pela sua integridade, profunda coerência interna de todos os seus planos de força, tanto reflexiva, emotiva e lógica, e explica que esta obra é “injustamente ignorada”, porque promove a elevação da arquitetura por processos dramáticos e internos.¹⁴⁹

Os primeiros números de *Binário* foram um teste à receptividade da indústria relativamente a uma revista que quebrava os padrões tradicionais e que pretendia rumar ao inovador e irreverente. No sexto número da *Binário*, o editor (A. Palmares) escreve uma carta ao leitor, onde explica que com a saída desse número, foi dada por terminada a primeira fase da revista. Contudo, pretendem continuar a progredir e melhorar de forma a tornarem a *Binário* numa “boa e moderna revista ao serviço da Arquitetura, Construção e Equipamento e de todos quantos estão ligados àqueles domínios”.¹⁵⁰ E assim o faz, até ao seu décimo número. Contudo, em Fevereiro de 1959, a publicação da revista foi interrompida durante 6 meses, até ao seu regresso, em Agosto de 1959. No número 11, a revista retorna com um novo diretor provisório, Quaresma Gomes, tendo então o anterior número sido o último em que os fundadores Manuel Tainha e Jovito Tainha fizeram parte da direção. Esta situação foi exposta aos leitores na seguinte nota, com o título *Quaresma Gomes dirigiu este número de Binário*: “No número deste mês, necessariamente de transição, assumiu a título provisório, a direção da revista o Sr. Quaresma

¹⁴⁹ EDITORIAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no4 (Julho 1958), p.1

¹⁵⁰ CARTA DO EDITOR – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no6 (Setembro 1958)

Gomes, que desempenha as funções de presidente do conselho de administração da OVIC e que, mercê do seu longo contacto com a Imprensa e a sua experiência na direção de várias revistas, está na base deste impulso rumo a uma grande e diferente tarefa.”¹⁵¹

No Editorial do décimo primeiro número da *Binário*, é explicado que a revista está a entrar numa fase decisiva, e que essa fase conduzirá a novos horizontes, tanto em estabelecer um maior vínculo entre os vários setores ligados à construção, como em tentar apagar os obstáculos que os impediam de dialogar com toda uma geração, atual no seu tempo, “que compreendem e sentem a grandeza do momento em que vivemos, um momento de técnica, uma encruzilhada particularmente grave na história, em que é quase tão perigoso desconhecer as descobertas do engenho do homem para tornar a sua própria vida mais fácil, do que endeusar a técnica e pender para as raias do materialismo. Ajudar a balança social a encontrar este caminho, que não peque nem por excesso nem por diferença, parece-nos ser uma sublime missão da imprensa.”¹⁵²

Nesse editorial é também apresentado o novo diretor da *Binário*, o engenheiro Aníbal S.A. Vieira, que nasceu a 14 de Julho de 1931 e concluiu os estudos em Engenharia Civil, no Instituto Superior Técnico, em 1958¹⁵³. A escolha deste novo diretor, enquanto um profissional empreendedor e consciente, tinha como objetivo tornar a *Binário* uma revista puramente especializada, com inquéritos e grandes reportagens, onde irão mostrar a construção de um ponto de vista mais humano, o que contribuirá para uma prova do trabalho de uns e da reação de outros, do próprio progresso.¹⁵⁴

¹⁵¹NOTA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no11 (Agosto 1959)

¹⁵² EDITORIAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no11 (Agosto 1959)

¹⁵³ Informação recolhida na Ordem dos Engenheiros.

¹⁵⁴ EDITORIAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no11 (Agosto 1959)

Com a mudança de direção foi possível notar a mudança do tipo de temas abordados em *Binário*. Assim, verificou-se uma diminuição de artigos de equipamento, que existia em abundância enquanto Manuel Tainha dirigia a revista, passando a existir um maior número de artigos mais técnicos e escritos por engenheiros, como por exemplo, *Acústica de salas*, do eng. Rui Freitas Barbosa, *Estrutura do Hotel Ritz*, do eng. J. P. Vicente da Silva, ou *Revestimento de canais de betão*, do eng. Civil J. Meneses torres. Por volta do vigésimo número, nota-se de novo um retrocesso nesse sentido, não havendo tanta abundância de artigos da autoria de engenheiros.

No vigésimo quinto número de revista, em Outubro de 1960, aparece uma nota chamada *Porque razão é que a Binário sai todos os meses?*, em que é explicado que ao contrário do que acontece noutras revistas do mesmo género, a *Binário* obtém as vendas necessárias para assegurar a sua publicação todos os meses, não dependendo da publicidade para esse efeito. Esta especificidade permite que sejam publicados todos os artigos com nível que recebem, sendo por isso uma revista aberta e inclusiva, não se limitando a um pequeno grupo de autores.¹⁵⁵ Neste sentido, publicam uma nova nota no número de Janeiro de 1961, referindo que existe uma lacuna de artigos sobre materiais e processos gerais de construção, e apelam ao leitor que lhes envie as suas experiências, de forma a ver as suas ideias publicadas na revista.¹⁵⁶

Em novembro de 1962, no número 50, é publicado um *Post Scriptum* a explicar que um dos números seguintes da revista vai ser dedicado à expansão urbana, devido ao crescimento e

¹⁵⁵ PORQUE RAZÃO É QUE BINÁRIO SAI TODOS OS MESES? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no25 (Outubro 1960)

¹⁵⁶ TEMOS FALTA DE ARTIGOS PARA PUBLICAR SOBRE MATERIAIS E PROCESSOS GERAIS DE CONSTRUÇÃO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no28 (Janeiro 1961), p.10

à evolução das cidades e dos aglomerados populacionais, que se processam de dois modos: por expansão e por renovação urbana.¹⁵⁷ “Dos seis artigos apresentados, dois referem-se à renovação da “baixa”, da zona comercial – o primeiro referido à totalidade de zonas fundamentalmente residenciais de Sacramento, Lisboa e Filadelfia – áreas diferentes, com características próprias, em lugares muito afastados da cidade de Milwaukee – desde a circulação e da necessidade de renovação da zona central a alguns casos concretos. Os seis exemplos apresentados, na América e na Europa, junto dos dois lados do Atlântico, por razões diversas, já totalmente realizados, em realização, ou em projeto, para fins comerciais ou residenciais, terão alguns pontos de comum, além de serem casos de renovação?”.¹⁵⁸

Na sequência desta publicação, surge no número 52 da revista, em Janeiro de 1963, um número dedicado à evolução expansão Urbana, com artigos como *Projecto gigante de redesenvolvimento em Berlim Ocidental*, *Plano de urbanização para Tóquio*, *A protecção contra os ruídos no planeamento e construção urbana*, *Plano de desenvolvimento para Navajo*, *New México*, *Plano de desenvolvimento – comissões urbanizadora do “campus” e secção de architectos e engenheiros* e *Plano para uma comunidade em Marlboro, New Jersey*, e ainda no número seguinte, em Fevereiro de 1963, um número dedicado ao *Respeito de conceitos e tendências actuais em urbanização*.

¹⁵⁷ POST SCRIPTUM – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no50 (Novembro 1962), p.764

¹⁵⁸ POST SCRIPTUM – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no50 (Novembro 1962), p.764

No ano seguinte, no número 68, publicado em Maio de 1964, a revista cria uma secção denominada *Mobiliário + Decoração*, com um primeiro artigo referente a *Móveis Franceses* (figura 54). Esta secção é totalmente dedicada à questão do equipamento, mobiliário e decoração interior, com exemplos de artigos como *A Função do móvel transformável na organização do espaço*, *Mobiliário para escritório e habitação*, *Mesas expansíveis*, *Mobiliário de Lubke & Rolf*, e *Decoração do Hotel Intercontinental*. No seguimento desta nova abordagem da revista, a *Binário* dedica o seu Septuagésimo quarto número, em Novembro de 1964 (figura 55), unicamente a *Interiores-Decoração*, publicando artigos como *Mobiliário Modulado*, *Chaminés e o seu aquecimento*, *O segredo de Design dinamarquês*, *O livro e o móvel*, *O projeto fisiológico de cadeiras de descanso*, e por fim *Escultura e Pintura integradas na arquitetura*.

Em Janeiro de 1967, o diretor escreve uma carta ao leitor, com o título de *Unidade na Variedade*, para comemorar o centésimo número da revista. Nesta carta, Aníbal Vieira mostra o seu contentamento por chegar, com sucesso, a um número tão elevado de publicações da revista *Binário*, e explica que este sucesso se deve a uma humildade aliada a “bom humor”, e que outras revistas tentam fazer o ótimo e não o bom, enquanto a redação de *Binário* procura fazer o melhor possível em cada mês, conservando os pés na terra para ser possível sair no mês seguinte. Procuram, também, que a revista seja aberta, publicando nomes muito famosos e outros pouco conhecidos, porque o que mais lhes importa não é a importância dos nomes publicados, mas sim a qualidade das ideias apresentadas. Chegam até a publicar opiniões distintas sobre o mesmo assunto, ou assuntos parecidos, devido ao facto de vivermos num mundo em que as opiniões, técnicas ou até mesmo a ciência estão em constante mudança.

Assim, o diretor ressalta que se o leitor pretende ver as suas ideias publicadas na revista, basta enviar os seus originais – “Assim cobrimos uma gama vasta de aspectos da arquitectura à engenharia, da decoração ao urbanismo, e não deixa de ser agradável constatar que alguma das mais famosas e evoluídas universidades e estabelecimentos de ensino do mundo estão a criar as suas faculdades de qualquer coisa como um “projecto ambiental”, subdivididas, claro, em diversos departamentos, numa forma paralela ao que pretendemos fazer com esta revista. Francamente, acreditamos no especialista, mas com uma visão global do problema.”¹⁵⁹ Por fim, Aníbal Vieira termina a explicar que o sucesso da revista também se deve aos leitores, porque o que garante a publicação da revista no mês seguinte não é só a publicidade que esta publica em cada número, mas também as assinaturas mensais dos leitores, e apela que no futuro continuem a trabalhar, todos, para fazer melhor do que o que fizeram no passado.¹⁶⁰

Com a continuidade da publicação de *Binário*, a importância dada ao *Design* acresce, acabando mesmo por aparecer uma nova secção, à semelhança de *Mobiliário + Decoração*, com o nome de *Design* (figura 56), no número 139 publicado em Abril de 1970, com um artigo chamado *Uma nova série de candeeiros*. Esta secção tanto aborda assuntos relativos ao mobiliário, evolução do *Design* e feiras internacionais de *Design*. Com a criação desta nova secção, a secção *Mobiliário + Decoração* acaba por desaparecer em Dezembro do mesmo ano. Três anos depois, em Setembro de 1973, a revista anuncia em nota que a partir de Janeiro de 1974, *Binário* terá um novo formato, DIN A4.

¹⁵⁹ UNIDADE NA VARIEDADE – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no100 (Janeiro 1967), p.334

¹⁶⁰ UNIDADE NA VARIEDADE – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no100 (Janeiro 1967), p.334

A maioria dos artigos e textos publicados em *Binário* sobre assuntos de *Design* e decoração foram escritos pelo redator e *designer* João Constantino. Nascido em 1940, Constantino tirou o Curso Industrial e o Curso de Pintura na Escola de Artes Decorativas António Arroio. Entrou na indústria do mobiliário, trabalhando em ateliers de arquitetura e para decoradores. Contudo, individualmente, também fez trabalhos de decorador e artes gráficas, e foi um dos organizadores da *1ª Exposição do Design Português*.¹⁶¹

Em Outubro de 1974, Aníbal Vieira deixa de fazer parte da direção da revista, sendo substituído por José Luís Quintino, um estudante de arquitetura que estava ainda a concluir a sua formação académica. Formou-se na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, a 29 de Novembro de 1974 e foi aprovado pela Associação dos Arquitetos, a antiga Ordem dos Arquitetos, a 9 de Janeiro de 1975.¹⁶² Formou um atelier próprio situado no Estoril, *Costa Quintino Lda.*, e trabalhou em alguns projetos habitacionais de 1983 a 2000, nas Avenidas Novas, Lumiar e em Belém.¹⁶³ Em 2003 participou no livro *Raúl Lino*, publicado em Lisboa pela Editorial Bleuformou, porém, a revista não faz nenhuma nota sobre o assunto.

No número 200 da revista (figura 58), em Maio/ Junho de 1975, é feito um *Estatuto editorial de Binário*, abordando-se o passado da revista e a sua evolução nos últimos 17 anos. É explicado que a *Binário* é “um órgão de divulgação e crítica do que em Portugal e no mundo se faz de

¹⁶¹ 1ª Exposição do Design Português. Lisboa: INII, 1971. P.129.

¹⁶² Informação recolhida na Ordem dos Arquitetos.

¹⁶³ ARQUIVO MUNICIPAL DE LISBOA. **Quintino, José Luís da Costa**. Lisboa (Consult. 1 Março 2019) Disponível em WWW:<http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/x-argweb/SearchResultOnline.aspx?search=OB:%2BQT:AUT_21238Q:EQ:T D:T&type=PCD&mode=0&page=0&res=2>.

importante, nos campos da arquitectura, do urbanismo, da engenharia civil e, mais recentemente, também do *design*.

Tratando-se duma publicação informativa e especializada, de carácter técnico-cultural, *Binário* tem sido, e continua a ser, uma revista ideologicamente independente, não se eximindo por isso a publicar textos ou obras das mais variadas tendências, devidamente identificados ou assinados, e com um mínimo de qualidade, nível técnico ou interesse cultural.”¹⁶⁴ É também explicado que com a revolução portuguesa, a 25 de Abril de 1974, não se verificou uma mudança radical na revista; ainda assim, com a abolição de censura, *Binário* está numa posição que permite abordar os problemas do mundo de uma forma mais crítica e ideologicamente orientada, e tencionam informar sobre o que se passa em países antes inacessíveis e aos quais o país se abre, na convicção de que se poderá aproveitar da experiência e sociedades com a quais se vai tendo mais afinidades. Por fim, explica-se que se pretende que a *Binário*, no futuro, constitua uma publicação que informe, mas que também critique, divulgue e analise as ideias nos setores abordados, tanto em Portugal como no estrangeiro, desempenhando um contributo de informação e atualização profissional aos arquitetos, urbanistas, *designers* e a estudantes destas matérias.¹⁶⁵

No número 214 da Revista, em Dezembro/ Janeiro de 1977, é explicado em nota que por motivos de inflação generalizada, é necessário a subir o preço da revista. Por outro lado, por se ter constatado que os números duplos e temáticos tiveram uma atenção especial do público leitor, é anunciado que a partir de 1977 a revista irá somente publicar números duplos, de forma

¹⁶⁴ ESTATUTO EDITORIAL DE BINÁRIO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no200 (Maio/Junho 1975), p.235

¹⁶⁵ ESTATUTO EDITORIAL DE BINÁRIO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no200 (Maio/Junho 1975), p.235-236

a ser possível um desenvolvimento mais amplo de temas específicos, saindo então de dois em dois meses, em volumes de aproximadamente 90 páginas.

Porém, após este número, a *Binário* só voltou a ser publicada mais uma vez, o número 215/216, correspondente aos meses de Fevereiro a Maio de 1977. Neste número, publicam em nota que a revista necessita de uma reestruturação interna e que, por este motivo, será necessário interromper a publicação programada para esse ano. Assim, é referido que o objetivo seria fazer uma pausa de cerca de 3 meses, e passado esse tempo, voltar ao público com novas características. Contudo, *Binário* não volta a ser publicada, acabando assim uma revista com 19 anos de vida, e 216 números publicados.

Mobiliário presente em *Binário*

Entendo como característica fundamental da arquitetura de interiores a criação ou reorganização de espaços dentro de um dado volume de construção. (...) Considero a decoração de interiores uma modalidade que visa o tratamento e equipamento dos espaços internos sem alteração física dos seus limites. (...) Tenho desde sempre obedecido a duas regras que considero fundamentais: Determinação rigorosa dos esquemas funcionais; Economia de meios. A primeira proporciona na arquitetura de interiores a correta organização dos espaços e na decoração a acertada distribuição do mobiliário e restante equipamento. A segunda, assegura ambientes simples e calmos.

*O resultado de conjunto se não impressiona à primeira vista, tem a vantagem de um uso cómodo aliado ao conforto visual. Parece-me menos importante uma aparência de luxo e requinte do que a consecução de ambiências repousantes que facilitem aos utentes de habitações e locais de trabalho a recuperação duma vida exaustiva e desgastante.*¹⁶⁶

José Cruz de Carvalho

¹⁶⁶ DA INTERVENÇÃO DE UM DESIGNER NA HABITAÇÃO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no205/206 (Janeiro/ Fevereiro 1976), p.38.

A introdução de artigos sobre o mobiliário em *Binário* foi realizada logo no seu primeiro número, num texto escrito por Dargan Bullivant, *Desenho de cadeiras confortáveis*. Aqui, o autor começa por defender que o desenho de uma cadeira deve corresponder a uma grande variedade de funções sem deixar de proporcionar comodidade à anatomia humana. Neste artigo, Bullivant descreve um estudo realizado pelo médico sueco Dr. Bengt Akerblom, onde se defende que uma cadeira para ser confortável necessita de um apoio lombar e necessita ser suficientemente baixa para que as pernas se movam, em oposição a um estudo realizado por Dr. JJ Keegan.¹⁶⁷ Ao observar o que ocorre à curvatura da espinha nas várias posições (figura 59), Keegan conclui que o problema poderá estar na conceção das pessoas no que toca ao estar sentado, ou no próprio desenho das cadeiras.¹⁶⁸

Dr. Dargan Bullivant desenvolve uma segunda parte deste artigo no 5º número da revista, onde incide sobre o desenho de cadeiras de encosto, um caso especial no mobiliário moderno devido à sua função indefinida pela variedade de aplicações. Geralmente, estas cadeiras são desenhadas numa posição horizontal extrema, direccionado o olhar para o teto e dificultando atividades como ler, conversar e ver televisão, tornando estas cadeiras pouco populares. Em função disto, os projetistas pensaram numa alternativa ao problema, desenhando nestas cadeiras uma almofada adaptável, permitindo uma visão horizontal.¹⁶⁹ Assim, apresentam-se como exemplo 3 propostas de cadeiras, apresentadas e comparadas por Bullivant.

¹⁶⁷ DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no1 (Abril 1958), p.24

¹⁶⁸ DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no1 (Abril 1958), p.24-25

¹⁶⁹ DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no5 (Agosto 1958), p.32

A primeira cadeira apresentada (figura 60) foi desenhada por Alan Irvine. Esta cadeira foi desenhada com o propósito de descansar o corpo, permitindo ler e conversar confortavelmente. A cadeira foi objeto de observação empírica de 40 indivíduos, que não criticaram o encosto. Porém, descobriu-se que a posição do ângulo de descanso da cabeça fica ligeiramente abaixo das omoplatas, num indivíduo de estatura média. O descanso da cabeça faz um ângulo de 13 graus, de modo a dar uma posição confortável à leitura e permitindo uma linha visual horizontal, sem dar à cabeça tendência para cair para a frente. É composta por uma coberta de borracha celular esponjosa e uma estrutura em aço maciço. Verificou-se que a altura do assento, inclinação do assento, forma do assento e profundidade do assento são satisfatórias. Contudo, o ângulo das costas com o assento (de 106 graus) é, segundo Dr. Keegan, o mínimo satisfatório, não existindo um apoio lombar.¹⁷⁰

A segunda cadeira apresentada (figura 61) foi desenhada por Robin Day. Os ângulos desta cadeira são definidos pelo estofa nas zonas das coxas, costas e cabeça. Contudo, contém uma almofada para ser usada como base do crânio, onde é possível regular a altura. O estofa desta cadeira é de esponja de borracha coberto por tecido e montado numa estrutura de madeira rija. A estrutura de suporte é em aço macio esmaltado e os braços são feitos de madeira rija, com a função de pousar os braços e de suporte de objetos, como uma pequena mesa. A altura do assento, a inclinação do assento e a forma do assento são satisfatórias; no entanto a profundidade do assento pode ser considerada por pessoas mais baixas funda de mais. O ângulo

¹⁷⁰ DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no5 (Agosto 1958), p.34

das costas tem 125 graus, aproximando-se do ideal estipulado por Dr. Keegan (135 graus), e não constitui apoio lombar.¹⁷¹

A terceira cadeira apresentada (figura 62) foi desenhada por Ernest Base, com o intuito de ser uma cadeira de repouso para se passar longos períodos nela sentados. Foi construída de modo que seja possível ser desarmada e empilhada com outras, e que não se degrade com a ação do ar do mar e da água, assim como variações extremas de temperatura. O assento e o encosto são feitos de contraplacado de faia com resina, e as pernas são de faia laminada. As duas partes da cadeira são ligadas por tiras de nylon e o acabamento é em verniz impermeável. As almofadas são feitas de “Satex”, uma borracha esponjosa e crina que fixa menos a humidade e é mais fresco e menos escorregadio que uma borracha vulgar. A cobertura é de “Tygan”, permitindo a ventilação. A altura do assento, a inclinação do assento e a forma do assento são satisfatórias. A profundidade do assento, com 55 cm, talvez seja de mais, apesar do auxílio da almofada; contudo falta o apoio lombar.¹⁷² A composição desta cadeira – com um *Design* diferente – servirá de exemplo para as cadeiras exteriores utilizadas no projeto de mobiliário a que este trabalho se propõe.

Neste mesmo número de *Binário*, foi publicado o primeiro artigo que mostrava ao leitor um contexto da arquitetura e o mobiliário noutros países, com *Finn Juhl e o mobiliário dinamarquês*, um texto escrito por Bent Salicath. Considerando que a Escandinávia era uma potência muito forte a nível de mobiliário, devido ao facto de revelar um mobiliário prático e projetado de acordo

¹⁷¹ DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no5 (Agosto 1958), p.34

¹⁷² DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no5 (Agosto 1958), p.35

com a casa compacta e funcional, Portugal revia-se nesses exemplos ao tentar também projetar o mobiliário com estas influências.¹⁷³ Porém, o mobiliário escandinavo não atingiu somente o resto da Europa. Apesar das cópias realizadas, foi possível obter um mercado crescente no outro lado do Atlântico, como nos Estados Unidos e no Canadá. Este desenvolvimento foi o esforço combinado da indústria, dos projetistas e de várias associações de arte aplicada para criar uma imagem escandinava, atingindo uma percentagem de aproximadamente 25% da produção de mobiliário na Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia ser exportada.¹⁷⁴

Finn Juhl, um arquiteto dinamarquês que se distinguiu no desenho de mobiliário, começou a sua carreira de arquiteto-decorador, fortemente influenciado pelas diretrizes da Escola de Mobiliário na Real Academia de Belas-Artes de Copenhaga¹⁷⁵, fundada pelo professor Kaare Klint, em 1924, onde se vivia um ambiente artístico, pretendendo desenvolver a conceção da arte de fazer móveis. Na ideia de Klint para a realização de um projeto de mobiliário, era necessária uma boa análise funcional e investigar a praticidade nas formas de mobiliário. Deste modo, conseguiu estabelecer um ponto de partida distante dos ideais estéticos dos anos 30, que na sua opinião pouco tinha a ver com funcionalismo.¹⁷⁶ Esta escola foi fundamental para o desenvolvimento da arte do mobiliário na Dinamarca ao criar um renascimento da qualidade do desenho do mobiliário

¹⁷³ ARAÚJO, Angelina Miguel Gomes – **Tendências no Design de Produto. Mobiliária doméstico como paradigma.** Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2016. 56. Dissertação de Mestrado.

¹⁷⁴ O MOBILIÁRIO NÓRDICO PERANTE A LIBERALIZAÇÃO ADUANEIRA NA EUROPA E NO MUNDO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 105 (Julho 1967), p.607

¹⁷⁵ FINN JUHL E O MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 5 (Agosto 1958), p.2

¹⁷⁶ MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 106 (Julho de 1967), p.39

– possibilitou ao ensino do mobiliário uma nova fundação, fortalecendo a importância do funcionalismo como base de trabalho e a investigação das necessidades do consumidor.

Apesar de ser uma época em que toda a Europa era influenciada pelo modernismo, mais especificamente pelo cubismo, este movimento não deixou a sua marca na Dinamarca. Porém, foi extremamente influenciado pelo mobiliário inglês do século XVIII, devido ao desenho de móveis simples, retilíneos e modestos, que se adaptavam às necessidades de época. Em oposição à escola de *Bauhaus*, não havia uma necessidade de as criações serem totalmente inovadoras, mas sim a tentativa de compreensão das condições funcionais, e consoante isso, se era possível utilizar soluções existentes que correspondessem a essas condições, formando assim o funcionalismo social.¹⁷⁷

O funcionalismo social na Dinamarca desenvolveu-se de um modo diferente dos outros países, não adotando uma estética totalmente nova, mas sim uma revolta contra um sistema estético rígido, criando desenhos de casas modestas e próximas do burguês. A arte abstrata também se tornou uma grande influência nas realidades da arquitetura e do mobiliário, e considerando que o mobiliário faz parte da composição de um espaço arquitetônico, não está somente relacionado com as soluções da função. Deste modo, Finn Juhl considera importante que o mobiliário e o espaço formem uma unidade que traduza uma ideia estética comum, em que a cor, os materiais e a forma não sejam anónimos e passivos, mas sim elos de ligação na composição de um espaço. Para o arquiteto, uma peça de mobiliário é uma parte marcante do interior, não implicando que

¹⁷⁷ FINN JUHL E O MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 5 (Agosto 1958), p.2

tenha que exprimir algo que vá formar uma unidade com outros móveis.¹⁷⁸ Este conceito pode também ser aplicado em residências de estudantes, ao criar uma uniformização entre espaços conduzida pela escolha de mobiliário e dos materiais, transmitindo harmonia no projeto.

Finn Juhl utiliza o exemplo de uma cadeira, cuja construção habitualmente simples, onde o reforço entre as pernas é retilíneo e a construção dos braços e das pernas delimitam o assento, pode alterar a sua forma se o reforço não for colocado entre as duas pernas, mas disposto noutra posição da cadeira, fundamentando que “o desenho de móveis não se pode limitar a uma questão de métodos de montagem”.¹⁷⁹

São ainda apresentadas exemplos de cadeiras que reforçam esta ideia: uma cadeira de braços de 1945 (figura 63), em que as suas formas suaves e tensas se assemelham a um veado; uma cadeira para a sala de jantar de 1947 (figura 64), com os suportes posteriores curvos e tensos, sustento o encosto; por fim, uma cadeira de descanso (figura 65) que poderia ser uma massa compacta, porém a flexibilidade dos suportes que delimitam o encontro e o reforço do assento, configura-lhe uma certa leveza.¹⁸⁰

Apesar da reputação internacional que o mobiliário dinamarquês adquiriu em poucos anos, graças à sua autenticidade, qualidade técnica (relativa ao trabalho de marcenaria), harmonia e aplicação prática, os projetistas dinamarqueses não se orientavam num sentido nacional

¹⁷⁸ FINN JUHL E O MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 5 (Agosto 1958), p.3

¹⁷⁹ FINN JUHL E O MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 5 (Agosto 1958), p.3

¹⁸⁰ FINN JUHL E O MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 5 (Agosto 1958), p.4

particular nas suas concepções estéticas. No entanto, devido ao facto de estes projetistas experienciarem um período de aprendizagem na arte da marcenaria antes de iniciarem os seus estudos teóricos, o conceito de “projeto dinamarquês” é o resultado das tradições artesanais ainda muito vivas na Dinamarca. Como resultado desta aprendizagem, os projetistas adquiriram uma maior compreensão das possibilidades e limitações da madeira, uma grande característica do seu mobiliário, permitindo-lhes uma maior facilidade em encontrar soluções espontâneas e naturais para os problemas de construção e estruturais.¹⁸¹

Contudo, a indústria foi-se libertando dos protótipos artesanais ao explorar novos materiais, mas mantendo os padrões de qualidade nas formas de expressão industrial, tornando o mobiliário dinamarquês um mobiliário intemporal. Assim, foram vários os projetistas de mobiliário que se destacaram pela sua obra.

Hans J. Wegner é o mais conhecido projetista dinamarquês, mas também o mais modesto. Uma das suas maiores obras foi a grande cadeira estofada “Y”, devido à forma das suas costas. Originalmente inspirada por uma antiga cadeira chinesa, apresenta um cunho pessoal só possível devido à técnica da produção moderna nas pernas posteriores, que se curvam para a frente e suportam as costas. Esta cadeira, com um largo apoio para o pescoço, revela diferenças relativamente ao trabalho de Wegner ao ser mais decorativo e descontraído.¹⁸²

¹⁸¹ O SEGREDO DO “DESIGN” DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964), p.279

¹⁸² MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 106 (Julho de 1967), p.38

Borge Mogensen foi um discípulo de Kaare Klint. A sua grande obra foi uma cadeira com os lados projetados para a frente, representando um bom exemplo dos ideais aplicado por Kaare Klint na Escola de Mobiliário na Real Academia. Embora tenha utilizado a técnica moderna, o desenho desta cadeira foi fortemente influenciado pelas formas tradicionais de expressão e qualidade artesanal do estofador.

Nanna Ditzel trabalha com concepções não convencionais do espaço e das exigências do mobiliário de habitações, utilizando *otomans* e banquetas nos seus espaços de estar, de modo a criar vários níveis de áreas de descanso. Revela uma grande compreensão do mundo dos mais novos nos seus projetos de mobiliário infantil, em que evita criar soluções óbvias, como miniaturas do mobiliário para adultos, utilizando a robustez e força, mas também simplicidade nas formas.

Ole Wanscher, que sucedeu Kaare Klint como chefe da Escola de Mobiliário na Real Academia de Belas-Artes, especializou-se na cadeira. Fortemente influenciado pelo mobiliário inglês do século XVIII e pelos desenvolvimentos contemporâneos na América, o seu trabalho sintetiza as características práticas do mobiliário dinamarquês, com uma ténue relação entre o tratamento do material e o projeto. O seu mobiliário é caracterizado como refinado e disciplinadamente elegante. Nos seus projetos, Wanscher usa materiais como pau-rosa e mogno, madeiras que permitem realizar uma forma mais precisa.¹⁸³

Mogens Koch teve um trabalho notável nos anos 30, que prevaleceu por muitos anos, tornando as suas obras em peças clássicas. Apesar dos seus projetos serem simples, utilizando

¹⁸³ MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no 106 (Julho de 1967), p.39

materiais e princípios construtivos tradicionais, a ideia funcional era demasiado avançada para a altura que foram criados, tendo que decorrer décadas até ser possível produzi-las com base na produção industrial. A cadeira articulada é um exemplo de um projeto prático, pela escolha de materiais e proporções que resultam na criação de modelo natural e simples, que passados muitos anos continua a fazer sentido, não sendo possível tornar-se obsoleto.

Arne Jacobsen projeta mobiliário maioritariamente trabalhado com materiais não tradicionais, como o aço, madeira laminada e compostos artificiais. Em colaboração com um dos mais importantes fabricantes de mobiliário dinamarquês, criou uma linha de mobiliário produzido industrialmente, que esteve no mercado mais de 10 anos. A maioria do seu mobiliário foi criado para obras arquitetónicas onde se encarregou do projeto de decoração, predominantemente hotéis e instituições públicas. A cadeira da figura 71 foi projetada para o hotel da S.A.S. em Copenhaga, e produzida em plástico moldado a couro e assente numa base de alumínio.¹⁸⁴

Kristian Vedel é um projetista que trabalha com diversos materiais e, para além do mobiliário, projeta também artigos de plástico. A série “Modus” é uma coleção que pretende coordenar a modulação numa série completa de mobiliário.¹⁸⁵ O objetivo do projetista foi criar uma linha que tivesse o máximo de comodidade, com grandes possibilidades de variação na combinação de 3 tipos de cadeiras, um banco e 10 mesas. Todas estas peças são quadradas, com um módulo de 55 cm, em madeira pau-rosa do Rio, com novo acabamento que acentua uma beleza especial. Para proporcionar maior conforto nas cadeiras, foram utilizadas almofadas de penas nos assentos

¹⁸⁴ MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 106 (Julho de 1967), p.40

¹⁸⁵ MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 106 (Julho de 1967), p.39

e elementos moldados de espuma de borracha nas costas e braços. O revestimento destas cadeiras é feito em madeira negra e macia, especialmente manufaturada para estas peças. As prateleiras e tampos de mesa são, tal como as cadeiras e pau-rosa do Rio, e um alumínio tratado eletricamente e vidro resistente. No caso dos tampos curvados (redondos ou quadrados), são também em alumínio (figura 73). Os tampos e prateleiras que estão assentes em armações, são removíveis, sendo fáceis de mudar, e as armações podem ser empilhadas. Estas peças de mobiliário têm um aspeto agradável e sólido, muito pormenorizado e com um desenho não tradicional, contudo são adaptáveis a qualquer estilo.¹⁸⁶

Ainda dentro do mobiliário modulado, foi publicado na *Binário* um artigo que relata uma série de mobiliário de Dieter Waeckerlin. O projetista tomou como conceito para esta série uma linha de mobiliário adaptável a qualquer espaço, onde fosse possível formar todos os artigos a partir de poucas unidades básicas. Este conceito teve como base o sistema modular desenvolvido por Le Corbusier, um sistema que corresponde ao sentido humano de proporção. Contudo, um dos objetivos deste desafio (i.e., não ser possível distinguir, no resultado final de todos os artigos acabados, os seus elementos individuais) apresentou-se como uma dificuldade¹⁸⁷.

Este tipo de mobiliário pode ser bastante útil em residências, especialmente em zonas de estar comuns, devido à sua adaptabilidade e facilidade de transformar o espaço de variadas maneiras com os mesmos elementos de mobiliário. Assim, é possível atribuir ao utilizador a capacidade de modificar a distribuição dos elementos conforme as suas necessidades.

¹⁸⁶ MOBILIÁRIO “MODUS” – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no75 (Dezembro 1964), p.375

¹⁸⁷ MOBILIÁRIO MODULADO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964), p.270

Quase todos os exemplos desta linha apresentam mobiliário de parede, por permitir uma utilização máxima do espaço com uma necessidade de área de pavimento. Com o avanço da tecnologia e o aparecimento de novos aparelhos, surgem novos problemas para os projetistas de interiores em adaptar estas novas instalações técnicas numa sala sem destruir o seu efeito estético.

São ainda publicados exemplos de diferentes divisões que expõem esta série de mobiliário. Uma sala de estar (figura 74), com uma estante formada por elementos standardizados, cujo corpo inferior, que serve como assento, é composto por gavetas. As cadeiras e sofás, de costas móveis e reguláveis, podem ser completamente desmontáveis e têm capas facilmente substituíveis; uma sala de estar em noqueira (figura 75), composta por armários de vários tamanhos. No interior do armário, por trás das portas de correr brancas, existe o bar e a televisão, e por baixo da saliência inferior, a todo o comprimento do móvel, existe espaço para registos e discoteca.¹⁸⁸ Relativamente às zonas de dormir, a necessidade de adaptabilidade dos espaços torna quarto convencional num quarto formado por elementos individuais adaptáveis aos diferentes gostos (figura 76). Foi também criada uma sala estar e quarto de dormir combinados (figura 77), onde as camas – que também são sofás – podem ser dispostas de várias maneiras. Passando para as salas de jantar (figura 78), é possível observar uma sala de jantar em pau rosa, também totalmente adaptável. A parede de madeira permite colocar as prateleiras e armários à altura que se quer, e a mesa quadrada, com pés cromados, pode ser aumentada para 4 metros. O mesmo acontece no modelo da mesa redonda (figura 79), que pode ser aumentada até 3,7m.¹⁸⁹

¹⁸⁸ MOBILIÁRIO MODULADO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964), p.270 - 271

¹⁸⁹ MOBILIÁRIO MODULADO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964), p.272 - 273

No que concerne aos exemplos finlandeses, é possível notar, através da publicação de *Binário*, um grande crescimento de produção da indústria do mobiliário devido à capacidade produtiva inovadora e às constantes medidas de racionalização, que tornaram este mobiliário verdadeiramente atual no sentido técnico. Contudo, o poder concorrencial também proporcionou uma melhoria na qualidade de manufatura e da produção em série.¹⁹⁰

Relativamente ao uso dos materiais, é referido que a indústria finlandesa utiliza em abundância os metais e matérias sintéticas (como plásticos), especialmente em mobiliário para locais públicos, por constituírem uma facilidade de trabalho na produção em série.¹⁹¹ No entanto, a madeira (como a bétula e o pinho) é também utilizada em projetos para casas particulares. A bétula é utilizada no fabrico de móveis utilitários resistentes, pintados ou ao natural – este material ganhou um grande prestígio nos meios finlandeses do mobiliário à data que Alvar Aalto utilizou a bétula no fabrico dos seus célebres móveis de madeira, introduzindo o funcionalismo nesta indústria, por volta de 1930.¹⁹²

Na Finlândia, o projeto de mobiliário para casas habitacionais desenvolveu-se de acordo com o aumento do nível de vida, procurando dar uma vida confortável de acordo com as unidades de mobiliário. Os móveis deixam de ser projetados para um espaço específico e passam a ser produzidos em série de modo a ser acessíveis a todas as casas, provocando um crescimento no

¹⁹⁰ SITUAÇÃO ACTUAL DA INDÚSTRIA DO MOBILIÁRIO NA FINLÂNDIA – *Binário*. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no105 (Junho 1967), p.608

¹⁹¹ TRANSIÇÃO NO MOBILIÁRIO – *Binário*. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no105 (Junho 1967), p.613

¹⁹² SITUAÇÃO ACTUAL DA INDÚSTRIA DO MOBILIÁRIO NA FINLÂNDIA – *Binário*. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no105 (Junho 1967), p.608

comércio do mobiliário finlandês.¹⁹³ Com uma relação qualidade/preço adequada, o comércio do mobiliário passou a fornecer produtos adaptados ao gosto dos clientes e ao seu poder de compra.¹⁹⁴

Por outro lado, o funcionalismo neste país não teve um carácter de rebelião como noutros países vizinhos, mas sim um progresso técnico, com uma base natural de trabalho para as artes industriais. Contudo, o modernismo tinha uma grande ação neste país em quase todos os domínios profissionais das artes decorativas, tornando a Finlândia no país nórdico mais avançado, devido ao emprego de materiais novos.

A despeito das diferenças nacionais, a forma dada aos móveis nos países escandinavos é caracterizada por uma unidade real. A estreita comunidade cultural e as importantes trocas comerciais que unem estes países estão nas influências de uns sobre os outros, pelo que as obras de uns inspiram os outros.

Na Suécia, os progressos aceleraram-se desde entre as duas guerras. Com a industrialização já então muito desenvolvida e o artesanato tradicional quase desaparecido, estabeleceram o encontro entre a arte popular e a indústria moderna. Além disso, a Suécia possui uma indústria muito fortificada de preparação e utilização da madeira, conferindo condições favoráveis à indústria do móvel. Os móveis da marca *Swedish Modern* foram os primeiros a ser conhecidos mundialmente e influenciaram o trabalho dos outros países nórdicos.¹⁹⁵

¹⁹³ TRANSIÇÃO NO MOBILIÁRIO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no105 (Junho 1967), p.613

¹⁹⁴ TRANSIÇÃO NO MOBILIÁRIO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no105 (Junho 1967), p.614

¹⁹⁵ O 19º SALÃO DE MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no105 (Junho 1967), p.695

A forma moderna dada aos móveis na Noruega foi fortemente influenciada pela sua própria civilização popular. Os traços que mais se sobressaem são os móveis refinados de aço e couro, com uma forma segura e medida. Os processos de exportação começaram a realizar-se mais tarde do que nos outros países escandinavos.¹⁹⁶

Na Dinamarca, a evolução do projeto de mobiliário seguiu uma linha contínua, fazendo sobreviver o artesanato aos choques da industrialização. A produção e fabricação industrial de móveis modernos começou depois da segunda guerra mundial, com uma pressão criada pelos criadores, para que o nível de qualidade oferecido no trabalho dos artesãos se mantivesse nos produtos industriais. A Dinamarca é o país escandinavo com mais exportação, visto que metade de toda a sua produção é exportada.¹⁹⁷

Deste modo, os fabricantes de móveis de toda a Escandinávia viram que a produção estava a crescer, e compreenderam que se desejassem manter a posição dos projetos escandinavos, consolidando-os ainda mais no futuro, era necessário trabalhar em cooperação e com eficácia. Assim, em 1967, a exposição dinamarquesa do móvel fez este ano parte dum comum escandinavo: *a Feira do Mobiliário Escandinavo de 67*, a maior oferta de móveis reunidos no mundo numa única exposição.¹⁹⁸ Trabalhou-se em comum tendo em consideração dois grandes objetivos: por um lado, a ideia de que para países pequenos, como são os escandinavos, será sempre mais difícil de permanecer idêntico a si próprio num mundo cada vez mais marcado pelo

¹⁹⁶ O 19º SALÃO DE MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no105 (Junho 1967), p.696

¹⁹⁷ 19º SALÃO DE MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no105 (Junho 1967), p.697

¹⁹⁸ 19º SALÃO DE MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no105 (Junho 1967), p.693

espírito internacional e, por outro, criar uma grande exposição internacional de móveis modernos, com um intuito de que os compradores estrangeiros possam mais facilmente tomar as suas disposições numa só exposição, em vez de ter de ir a diversas exposições um pouco por toda a parte na Europa.¹⁹⁹

Durante muitos anos, a exportação dinamarquesa de móveis teve um crescimento muito forte e contínuo. Contudo, em 1966, surgiu uma estagnação, uma vez que, durante este crescimento, a indústria do móvel concentrou-se na fabricação de produtos de qualidade, acabando por negligenciar a atenção que devia prestar necessariamente ao trabalho de venda de publicidade. Contudo, esse passo foi dado com a surgimento da Feira do Mobiliário Escandinavo.²⁰⁰ No material criado para publicitar a feira, houve onze cartazes, uma brochura de textos que descrevem modelos de móveis e os seus autores, e desdobráveis destinados ao público, contendo informações sobre os móveis dinamarqueses.²⁰¹

A íntima cooperação cultural entre a Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia, a sua comunidade histórica e o seu desenvolvimento têm como resultado uma maneira uniforme de encarar as coisas, tornado natural o trabalho conjunto para uma feira de mobiliário conjunta. A *Feira de Mobiliário Escandinava* foi repetida nos anos seguintes; ainda assim, até 1969, os Dinamarqueses, Finlandeses e Noruegueses expuseram em Copenhaga, enquanto a secção Sueca expunha em Malmo. Esta situação não agradava aos escandinavos, e em 1969 foi possível reunir

¹⁹⁹ 19º SALÃO DE MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no105 (Junho 1967), p.687

²⁰⁰ 19º SALÃO DE MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no105 (Junho 1967), p.694

²⁰¹ 19º SALÃO DE MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no105 (Junho 1967), p.695

condições para todas as secções serem expostas em Copenhaga. Os quatro países possuíam o mesmo objetivo relativamente à produção de móveis: criar um mobiliário para o seu tempo, de boa qualidade e durável. Nas seguintes figuras seguem-se exemplos de mobiliário exposto pelos quatro países, em 1969.²⁰²

Contudo, os escandinavos não foram os únicos a fazerem exposições de mobiliário na Europa. Em 1969, foram expostos pela primeira vez os trabalhos realizados na Alemanha, na *Feira Alemã do Móvel*, em Colónia, uma exposição que pretende ser realizada de dois em dois anos. Nesta exposição, foi possível ver um grande número de móveis de estilo, maciços com ornamentos em madeira de acaju, onix e mármore: a cama dupla aparece valorizada por cortinas duplas, baldaquinos e efeitos de iluminação; as mesas baixas e decorativas, como complemento dos grupos de móveis maciços ornamentados. Também se acentua a tendência do mobiliário individual e standardizado, em que o branco foi a cor predominante na feira. Esta tendência resulta do desejo do comprador em ter a possibilidade de combinar e transformar um número tão grande quanto possível de elementos.²⁰³

É também possível verificar-se os esforços realizados para aperfeiçoar o lado funcional do mobiliário: o aumento de camas basculantes (exclusivamente para quartos de hóspedes ou de jovens) fabricadas como camas que descem, incorporadas em composições murais, muitas vezes

²⁰² FEIRA ESCANDINAVA DE MOBILIÁRIO 1969 – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 130 (Agosto 1969), p.45

²⁰³ 1ª FEIRA ALEMÃ DO MÓVEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 127 (Abril 1969), p.563

comandadas mecanicamente;²⁰⁴ a possibilidade de fabricar elementos resistentes à água, de modo a possibilitar a fabricação de mobiliário para zonas húmidas, integrando a casa de banho no sector que se habita e facilitando também o mobiliário em zonas exteriores, como o jardim.²⁰⁵

Portugal não foi excepção. Em 1971 realizou-se a *1ª Exposição de Design Português*, com o propósito de apresentar ao público em geral uma representação do estado de arte do *Design* em Portugal, no princípio da década de 70.²⁰⁶ Desta forma, exibiu-se o que é realizado de *Design* em Portugal, numa época em que muitas entidades ainda ignoram o que era o *design*, como era feito, para que servia e quem o produzia.²⁰⁷ Esta exposição, organizada por Maria Helena Matos, foi uma proposta do *designer* e pintor José Cruz de Carvalho e do *designer* João Constantino (também redator de *Binário*) em nome da empresa de mobiliário *Interforma*. O Salão teve lugar na F.I.L., de 20 a 29 de Março,²⁰⁸ num ambiente de ordem interna lógica e bem sinalizada, de modo a se obter o efeito de um todo. O espaço foi dividido em *stands*, agrupando os objetos em ambientes diferenciados, mas interligados de modo a não ter uma existência individualista, com o percurso de exposição a fazer um circuito obrigatório.

²⁰⁴ 1ª FEIRA ALEMÃ DO MÓVEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 127 (Abril 1969), p.564

²⁰⁵ 1ª FEIRA ALEMÃ DO MÓVEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 127 (Abril 1969), p.565

²⁰⁶ SOUTO, Maria Helena – **Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)**. Lisboa: MUDE, 2015. 23

²⁰⁷ ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª EXPOSIÇÃO DE DESIGN PORTUGUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 152 (Maio 1971), p.304.

²⁰⁸ SOUTO, Maria Helena – **Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)**. Lisboa: MUDE, 2015. 23

Esta colaboração foi feita pelos *designers* portugueses, por serem os mais conhecedores do mercado e dos condicionamentos da indústria portuguesa, pensando numa exposição de portugueses que trabalhem para o mercado português. Estiveram representados alguns dos melhores *designers* portugueses e as principais firmas editoras das suas obras, abrangendo diversos setores: mobiliário de madeira e metal, louças, vidros, equipamento elétrico, material de iluminação, artes gráficas, cerâmicas, etc.²⁰⁹

Nesta exposição, esteve presente mobiliário desenhado por Rogério Ribeiro, por Antero Ferreira, por Cruz de Carvalho e pelo Atelier Sena da Silva. As linhas *Omnia* e *Quadrilátero* de Eduardo Dia e Gilberto Lopes, produzidas por Artur Campus, mobiliário fabricado pela Design de Antero Ferreira. Olaio e produzido por José Espinho, e também peças desenhadas por Carlos Neves para a Altamira. António Garcia apresentou duas peças, a mesa e a cadeira desmontável “Osaka 70”, em pitch-pine, concebidas para resolver problemas de transporte e de espaço. Daciano da Costa expôs os talheres em aço inox, concebidos em colaboração de Cristóvão Macara e produzidos em 1970 pela Gromlit Portuguesa.²¹⁰

Devido ao interesse despertado com o salão, dois anos após a *1ª Exposição de Design Português*, o Instituto Nacional de Investigação Industrial teve a iniciativa de realizar uma segunda edição, inaugurada a 10 de Maio de 1973, com as criações de *designers* portugueses que surgiram posteriormente à primeira edição. O INII realizou todos os elementos gráficos inerentes ao

²⁰⁹ ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª EXPOSIÇÃO DE DESIGN PORTUGUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 152 (Maio 1971), p.304.

²¹⁰ ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª EXPOSIÇÃO DE DESIGN PORTUGUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 152 (Maio 1971), p.304 – 305.

evento enquanto o arranjo da exposição foi do encargo da *Praxis*,²¹¹ que entregou a tarefa ao sócio cooperativista Sena da Silva.

Sena da Silva pretendeu conciliar a exposição de trabalhos com um envolvimento de informação que permita sérias formas de curiosidade. Procurou definir o conceito de *design*, “aquilo que não é *design*, aquilo que pode parecer *Design* e aquilo que geralmente não nos ocorre que seja *design*”.²¹² Em resultado, esta exposição foi uma confirmação de que o *Design* em Portugal começava a receber mais reconhecimento público devido ao número de expositores e à atenção recebida através da imprensa.²¹³

Com a realização destas exposições, cria-se a discussão de que o móvel de origem estrangeira está a invadir o mercado português. Assim, verifica-se a existência de mobiliário lacado de alta qualidade, em elementos funcionais, o mobiliário Espanhol dentro de vários estilos, o mobiliário Brasileiro para o escritório moderno, mobiliário funcional, prático, atraente e versátil, mobiliário modular, que com 15 elementos estruturados em forma modular, torna possível montar 732 mesas diferentes. Com este diversificado número de soluções, é possível tornar mais agradáveis e decorativos os espaços reservados aos móveis tracionais.²¹⁴

Apesar desta forte influência do estrangeiro, algumas fábricas portuguesas produzem linhas de mobiliário assinadas por *designers* portugueses, com qualidade e que valorizam os interiores

²¹¹ 2ª Exposição de Design Português – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no 172/ 173 (Janeiro/ Fevereiro 1973), p.35.

²¹² 2ª Exposição de Design Português – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no 174 (Março 1973), p.104.

²¹³ SOUTO, Maria Helena – *Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)*. Lisboa: MUDE, 2015. 24

²¹⁴ DESAFIO À INDÚSTRIA PORTUGUESA DE MOBILIÁRIO – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no 167/168 (Setembro/ Outubro 1972), p.378.

habitacionais ou espaços de trabalho. Porém, há também atropelos de técnicas atuais de construção, cópias dos estilos, e más cópias do que se faz no estrangeiro.²¹⁵

Contudo, o mercado do mobiliário encontrava-se a crescer, e o consumidor começa a revelar interesse pela qualidade dos produtos, aliada a uma atualização das linhas de produção. Assim, procurou-se estar em constante atualização e simplificação dos métodos de fabrico de modo a melhorar os resultados de produção. Porém, para se retirar o melhor rendimento do equipamento, recorreu-se à revisão do *design*, pretendendo adaptá-lo ao processo de fabrico. No entanto, revela-se poucas unidades de série para entrega imediata e com preços francamente baixos, sendo também um problema.²¹⁶

No campo do mobiliário português, João Constantino entrevistou, para a revista *Binário*, o *designer* José Cruz de Carvalho. José Cruz de Carvalho foi um pintor que se dedicou ao mobiliário por trabalhar desde cedo com madeira. Nas empresas onde desenvolveu a sua atividade profissional – *Altamira e Interforma* – projetou instalações, desenhou modelos e concebeu a apresentação pública dos produtos.

Adquiriu o seu conceito de *Design* por um processo experimental e intuitivo, partindo da consideração dos aspetos funcionais, utilitários, das características dos consumidores (como faixas etárias, sociais, económicas e culturais) e das particularidades ergonómicas, locais e de gosto.²¹⁷

²¹⁵ DESAFIO À INDÚSTRIA PORTUGUESA DE MOBILIÁRIO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 167/168 (Setembro/ Outubro 1972), p.379.

²¹⁶ INDÚSTRIA DE MOBILIÁRIO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 190/191 (Julho/ Agosto 1974), p.317.

²¹⁷ O DESIGN DE MOBILIÁRIO ANALISADO POR CRUZ DE CARVALHO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 200 (Maio/ Junho 1975), p.249.

O seu gosto pelo mobiliário e pelo trabalho em madeira começou no liceu, onde construía sólidos geométricos, até se ter ligado à marcenaria mecânica. Ao refletir sobre a conceção do móvel, no seu duplo aspeto funcional e formal e nas necessidades dos clientes, surgiu a ideia da criação da Altamira. Assim, podia ampliar os meios fabris onde trabalhava e vender móveis que concebeu através de pontos de venda que idealizou. O mobiliário concebido para *Altamira* não era importado nem fortemente influenciado pelos modelos estrangeiros. Com o conhecimento dos móveis dinamarqueses, italianos, americanos, alemães e franceses enquanto experiências vivas e válidas, o móvel da Altamira lançou um produto de reflexão sobre as várias facetas da realidade em que estava envolvido.

Para si, o mobiliário e a arquitetura são duas disciplinas que não se podem desligar uma da outra. Na década de 70, começou a ser notória a tendência para a arquitetura absorver e integrar peças que se poderiam considerar mobiliário, como os armários ou roupeiros, ou integrar assentos e mesas desnivelando e revestindo os pavimentos. Deste modo, não se pode considerar uma fronteira que marque onde acaba o trabalho do arquiteto e onde começa o do *designer* de interiores. Esta relação torna-se evidente em obras que incluem também o equipamento e, nesses casos, o arquiteto e o *designer* têm que trabalhar como uma equipa desde o princípio do projeto.²¹⁸

Por sua vez, Fernando Jorge Correia, nascido em Lisboa em 1938, tirou o curso Industrial Machado Castro. Trabalhou com José Espinho na *José Olaio* e posteriormente colaborou com Eduardo Anahory em alguns projetos de arquitetura e interiores.

²¹⁸ O DESIGN DE MOBILIÁRIO ANALISADO POR CRUZ DE CARVALHO – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no 200 (Maio/ Junho 1975), p.250.

Este *designer* montou um atelier de arquitetura, arquitetura de interiores, mobiliário e artes gráficas. O seu atelier dividia-se em três setores: produção – onde eram realizados os projetos de arquitetura, arquitetura de interiores (equipamento) e artes gráficas; setores administrativos – secretariado, contabilidade e finanças; setor de coordenação e planeamento – previsão de custos, cadernos de encargos, concursos e assistências às obras.²¹⁹

Fernando Jorge Correia começa a sua entrevista por explicar com iniciou a sua carreira a trabalhar com madeira, na Olaio. Quando trabalhou com Eduardo Anahoy, e como este também era um adepto das construções em madeira, fez um grande uso da madeira em projetos como o Hotel de Porto Santo. Com influência de revistas americanas, começou a interessar-se em construções com poliuretano; contudo, foi fortemente desaconselhado por ser um material muito caro, com necessidade de muita mão de obra e de muito difícil domínio. Assim, começou a trabalhar com construção molhada, estafe, materiais duros e resistentes e mão-de-obra barata. Foi então que nasceu o Can-Can, com linhas formais e geométricas. Mais tarde, surgiu a oportunidade de fazer os projetos do hotel em Monte Gordo e o Hotel Alcazar, onde utilizou materiais da terra – estuque e cal, areia. Utilizou também ideias nacionais, como a folha de flandres.²²⁰

Na sua opinião, não é necessário que existam divisões numa casa; assim, considera, antes, que é necessário que existam desníveis que delimitem zonas. Gosta de criar núcleos, mas não paredes, criando um espaço amplo com vários desníveis. Esta conceção de espaços poderá ser

²¹⁹ ENCONTRO COM O DESIGNER FERNANDO JORGE CORREIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 201 (Julho/ Agosto 1975), p.302.

²²⁰ ENCONTRO COM O DESIGNER FERNANDO JORGE CORREIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 201 (Julho/ Agosto 1975), p.302 – 303.

bastante vantajosa ao ser posta em prática numa residência de estudantes. Deste modo, é possível dividir um espaço em diferentes zonas, sem tirar a sua amplitude e comunicação.

Relativamente aos interiores nos seus projetos, este cria elementos integrados na construção impossíveis de destruir. Considera que as tendências e moda na decoração constituem uma questão política – no regime anterior uma decoração apelativa tinha que ter um toque chique e luxuoso. Com o novo regime, as pessoas são capazes de dispensar o sofá de veludo e preferirem o banco de madeira. Os espaços públicos não têm que ter o requinte apresentado anteriormente, sendo necessário, em vez disso, que sejam práticos e funcionais.²²¹

No fim da entrevista, Fernando Jorge Correia fala um pouco sobre os trabalhos de mobiliário que está a elaborar. Assim, encontrando-se a trabalhar numa empresa a nível europeu que estava habituada a copiar elementos estrangeiros, trabalha em madeira, a fim de realizar mobiliário escolar com materiais baratos e formas atuais. Irá também trabalhar com mobiliário de habitação em pinho, com tratamentos de estofos em materiais baratos e mobiliário hospitalar em fibra de vidro, para facilitar na higiene e saneamento.²²²

Por fim, a publicação de artigos sobre o mobiliário em *Binário* termina com um texto de reflexão relativamente ao mobiliário escandinavo. Aqui, é apontado que os objetos produzidos pelos *designers* e operários escandinavos têm um significado paradoxal. Ao mesmo tempo que são extremamente tradicionais e conservadores, são também os mais avançados por garantirem um formalismo de inovação. Graças aos métodos de fabrico desenvolvidos pelos *designers* e

²²¹ ENCONTRO COM O DESIGNER FERNANDO JORGE CORREIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 201 (Julho/ Agosto 1975), p.304 – 305.

²²² ENCONTRO COM O DESIGNER FERNANDO JORGE CORREIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 201 (Julho/ Agosto 1975), p. 305.

fabricantes, é possível adquirir um móvel de qualidade dinamarquês ou finlandês a um preço acessível.

Devido à qualidade atingida, as exigências de ordem estética e funcional aumentam. Contudo, os produtos do *Design* escandinavo continuam a corresponder. Esses produtos são a prova de que a beleza e a função não se anulam, e podem solucionar problemas e necessidades concretas. Apesar dos plásticos e metais, a madeira é ainda o material de primazia nas peças escandinavas, pela sua beleza e pela facilidade com que os *designers* a trabalham.²²³

²²³ AINDA E SEMPRE O DESIGN ESCANDINAVO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 211 (Agosto/ Setembro 1976), p. 76.

Mobiliário + Decoração

Durante o período editorial da *Binário*, o aparecimento de artigos de mobiliário começou a ser cada vez mais frequente. Em Maio de 1964, no número 68 da revista, surgiu uma secção dedicada ao mobiliário sob a designação de *Mobiliário + Decoração*. O primeiro artigo desta secção foi dedicado ao mobiliário francês, mostrando criações do *designer* francês Étienne Fermigier – uma mesa, um aparador, três secretárias e uma cómoda. A mesa para *living* (figura 94) é uma peça desenhada com a função de servir de mesa de centro de uma sala de estar. Com 70 ou 80 cm de diâmetro, esta mesa possui pés de metal cromado, tampo em teca, mate, preto ou branco. A secretária (figura 95) possui uma estrutura de alumínio oxidado natural, e gavetas suspensas em teca ou pau-rosa. O seu tampo poderá ser em vidro, teca ou pau-rosa listado, mate, preto ou branco.²²⁴

Por sua vez, a secretária (figura 96) e a cómoda (figura 97), são duas criações de Étienne Fermigier em que se nota o uso da fórmica branca no exterior, conseguida através de teca, com pés de tubo metálico ou madeira.²²⁵

Mobiliar e decorar um espaço pode constituir um desafio devido à conveniência de que as soluções encontradas permaneçam por muito tempo, influenciando o modo de vida das pessoas. Neste sentido, ao montar uma casa, são apontadas duas possibilidades – conservar as ideias tradicionais ou ter uma atitude aberta em relação à diferente situação da atualidade. O artigo *A função do móvel transformável na organização do espaço* pretende expor modelos

²²⁴ MÓVEIS FRANCESES – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no 68 (Maio 1964), p.291-293.

²²⁵ MÓVEIS FRANCESES – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no 68 (Maio 1964), p.291-293.

desenhados por Josef Pentenrieder e fabricados por Paul Erath (Alemanha), seguindo esta segunda premissa e destinando os seus trabalhos aos que se libertaram das concepções decorativas tradicionais, de modo a adaptarem-se conscientemente à linguagem formal da habitação atual.

Estes móveis são elementos de construção, que ao basearem-se num sistema de séries, permitem inúmeras variações (à semelhança do mobiliário modular anteriormente apresentado), que de acordo com a necessidade e possibilidades de cada um, resultam num aproveitamento perfeito do espaço. A *Parede pé* revelou-se um elemento importante para este aproveitamento. Consiste numa placa revestida em papel pintado, em que se pode montar (através de um sistema de fixação) prateleiras e caixas, de modo a obterem-se escrivaninhas, cristaleiras, bar, etc....²²⁶ Os bancos e cadeiras ajudam a completar o espaço. Com as suas cores sóbrias e formas organizadas, permitem cores brilhantes na decoração, criando uma atmosfera culta e moderna.²²⁷

Relativamente aos quartos, a ideia que se tem é que são um espaço afastado da casa, o recolhimento. Contudo, podem também ser espaços com a mesma importância que os outros na forma, na qualidade e na atmosfera. Nos exemplos apresentados, o projetista renunciou a todos os ornamentos supérfluos e encontrou proporções adequadas e um sistema harmónico de linhas que demonstrem clareza e pureza, adaptando-se às nossas exigências e necessidades. Estes exemplos oferecem soluções adequadas com os seus tipos especiais de cadeiras, mesas

²²⁶ A FUNÇÃO DO MÓVEL TRANSFORMÁVEL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 70 (Julho 1964), p.47.

²²⁷ A FUNÇÃO DO MÓVEL TRANSFORMÁVEL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 70 (Julho 1964), p.48.

de cabeceira, roupeiro e cómoda. Os jovens, que geralmente gostam de ter a possibilidade de personalizar os seus quartos, poderão dar-lhe um aspeto diferente e novo, sendo que esta perspetiva poderá ser transversal à composição dos quartos para os jovens em residências de estudantes. Por outro lado, é também importante considerar a necessidade de guardar roupa. Neste caso, de modo a conseguir essa componente sem tirar espaço aos outros elementos, pensou-se num móvel com a simplicidade de uma caixa, procurando formas simples com um alto grau de beleza. Em todos os exemplos apresentados, o projetista pretendeu oferecer sobretudo funcionalidade e beleza, dois aspetos que devem sempre ser complementares.²²⁸

Outro sistema apresentado de mobiliário transformável é o sistema *IN Wand* (figura 102), um sistema de elementos pré-fabricados para a racionalização e o menor custo para a organização dos interiores. Desenhado pelo arquiteto e *designer* Herbert Hirche e fabricado por Christian Holzapfel KG (Alemanha), este sistema oferece peças que podem servir ao mesmo tempo funções de armário ou parede, procedendo à divisão de salas através de paredes-armários e paredes-divisórias. Constituído por aproximadamente 400 elementos, estes podem ser facilmente substituídos por outros de módulo correspondente.²²⁹ Em complemento à ideologia de divisão de espaços através de desníveis no pavimento, – referida por Fernando Jorge Correia na entrevista que deu à revista *Binário*, anteriormente mencionada neste trabalho – este método também poderá ser interessante na composição de residências universitárias ao facilitar a divisão dos espaços, sem se tornar uma divisão definitiva e que tire a amplitude do espaço.

²²⁸ A FUNÇÃO DO MÓVEL TRANSFORMÁVEL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO – *Binário*. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 70 (Julho 1964), p.49.

²²⁹ A PAREDE QUE É ARMÁRIO, O ARMÁRIO QUE É PAREDE – *Binário*. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 72 (Setembro 1964), p.171.

Já o sistema *BMZ* (figura 103), desenhado pelo alemão Erwin Behr, é um sistema de móveis desmontáveis em que as prateleiras *standard* isoladas são ligadas à estrutura, sendo estas sustentadas por elementos que asseguram a estabilidade dos móveis. São adaptáveis a portas ou a janelas, e também podem servir como divisória entre espaços. Fabricados em pau-rosa, teca, nogueira, macore ou freixo, existem 3 medidas de fundo (34, 45 e 60 cm) que se podem combinar entre si.²³⁰

Relativamente à publicação de modelos de cadeiras em *Binário*, durante todo o período editorial da revista foram publicados inúmeros artigos a destacar este elemento de mobiliário. É referido que uma boa cadeira é a síntese de quatro fatores: conceção estética moderna, conforto, robustez e bom acabamento. Numa era em que o público é cada vez mais exigente, de forma a ter um bom resultado neste domínio é necessário mais do que as qualidades dos ancestrais do artífice, sendo imprescindível a participação da indústria em grande escala. Não é possível propor comercialmente uma boa e bela cadeira, a preço razoável, sem que esta seja fabricada segundo normas e métodos que seguem o mundo económico atual. Neste sentido, são apresentados em *Binário* inúmeros exemplos de cadeiras que seguem o caminho racional e artístico dos materiais da época,²³¹ como as cadeiras alemãs de Kusch & Co. GMBH (figura 104),²³² os modelos do arquiteto Poul Kjaerholm fabricados em Copenhaga por E. Kold Christensen A/S (figura 105),²³³ as cadeiras dinamarquesas projetadas por Ib Kofob Larsen e fabricadas por Chr. Linneberg (figura

²³⁰ O SISTEMA BMZ DE MÓVEIS DE PAREDE DESMONTÁVEIS – *Binário*. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 73 (Outubro 1964), p.237.

²³¹ CADEIRAS – *Binário*. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 77 (Fevereiro 1965), p.521.

²³² CADEIRAS E MESAS – *Binário*. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 69 (Junho 1964), p.353.

²³³ MOBILIÁRIO DE POUL KJAERHOLM – *Binário*. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 71 (Agosto 1964), p.107.

106),²³⁴ e os modelos de Gebruder Thonet, projetados por Hanno Von Gustedt na Alemanha (figura 107).²³⁵

Dos modelos publicados na revista, destaca-se uma criação alemã, de Bremshey GMBH. Desenhado pela *designer* Herta Maria Witzemann, o modelo de cadeira de utilização variada (figura 108), com a opção de ser giratória ou não,²³⁶ serve de inspiração para a cadeira de trabalho utilizada na proposta de mobiliário para a residência de estudantes alusiva à vertente prática deste trabalho – a opção com pernas é utilizada nas zonas de estudo comum, permitindo concentração, conforto e organização do espaço, enquanto a opção giratória é utilizada nos quartos, criando um maior conforto e versatilidade no espaço mais privado do utilizador.

Por sua vez, o Professor arquiteto Paul Scheneider-Esleben, um dos arquitetos mais influentes da Alemanha Ocidental, distingue-se pelo uso de tubo metálico na maioria das estruturas das suas cadeiras e mesas. A conceção das suas peças revela um virtuosismo em certos pormenores e soluções, como o das esferas de uma cadeira publicada em *Binário* (figura 109). Este virtuosismo ou refinamento da forma sobrepõe-se às preocupações de funcionalidade e comodidade, característica esta que se estende a outros projetistas alemães, diferenciando-os das criações escandinavas. Contudo, estas cadeiras foram concebidas em consequência de uma era

²³⁴ CADEIRAS DINAMARQUESAS– Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 71 (Agosto 1964), p.108.

²³⁵ CADEIRAS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 80 (Maio 1965), p.691.

²³⁶ MÓVEIS DE BREMSHEY GMB H– Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 71 (Agosto 1964), p.105.

tecnológica e podem considerar-se modernas no sentido em que a sua conceção tirou proveito do que a tecnologia pôde inspirar e oferecer.²³⁷

Por fim, *Binário* divulga uma coleção de mobiliário chamada *Gavina*, da Knoll International. Esta coleção apresenta peças desenhadas por Marcel Breuer, Vico Magistretti, Sebastian Matta, Tobia Scarpa, Kazuhide Takahama, Bruce Tipett, Archille e Pier Castiglioni. O seu nome faz referência da empresa Milanese Gavina, dirigida por Dino Gavina, que tinha sido recentemente integrada na Knoll International. Dino Gavina, juntamente com os melhores criadores europeus, revelou-se um industrial e arquiteto de interiores de vanguarda, graças ao seu sentido inato da criação aplicada à vida. Os modelos desta coleção trazem, com bastante coerência, novas soluções para o equipamento e decoração de casas e escritórios. Citando Marcel Breuer, “um móvel não é objeto arbitrário; deve ser necessário ao nosso meio ambiente. Impessoal em si mesmo, um móvel só encontrará a sua verdadeira razão de ser na maneira como é utilizado enquanto parte de um conjunto”. Os modelos de Breuer, desenhados com concisão e subtileza, são a prova da sua convicção de um “móvel deve ser concebido no espaço”.²³⁸ Esta coleção inclui a cadeira *Wassily* (figura 110), desenhada por Marcel Breuer, que possui uma estrutura em aço cromado e é revestida a couro duplo ou tela reforçada (70x79x72 cm); desenhada por Tobia Scarpa, a cadeira *Pigredo* (figura 111), em madeira maciça lacada e estofada com espuma de latex

²³⁷ MOBILIÁRIO DE PAUL SCHNEIDER-ESLEBEN – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no 107 (Agosto 1967), p.87.

²³⁸ UMA COLECÇÃO PARA O NOSSO TEMPO – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no134 (Novembro 1969), p.225

sobre contraplacado, e o sofá *Bastiano* (figura 112), com pés de madeira maciça e almofadas soltas de espuma de latex e penas, sobre armadura interior de aço e borracha.²³⁹

É ainda destacado na revista que as novas soluções de distribuição dos espaços na habitação moderna levaram a uma alteração do esquema tradicional das várias divisões. Por vezes essas divisões, como o quarto, a sala de jantar, cozinha, escritório e sala de estar, devido à economia de espaço, deixam de ser espaços fechados e passam a formar combinações de divisões, com a solução de mobilar os espaços de maneira informal, utilizando móveis de elementos combináveis, como a modulação do mobiliário.

A sala foi dos elementos mais afetados por esta transformação, deixando de ser considerada um ambiente de estar, mas um conjunto de peças que formem vários espaços na mesma divisão, como a sala de estar, o canto de refeições ou também o escritório.²⁴⁰ As transformações sociais criaram um desuso a vida fechada e recolhida em família e os seus hábitos de utilização dos espaços domésticos, transformando a sala num espaço com carácter meio doméstico, meio público,²⁴¹ para onde convergem todos os que vêm do exterior. É a divisão menos pessoal da casa e, por isso, é também a que exige mais importância no arranjo e na decoração. Cada peça existe e foi ali colocada para ser vista e apreciada, formando um todo harmonioso que corresponda aos fins que deve obedecer a conceção desta área de habitação.²⁴² Assim, passa a ser considerada uma zona despida, sem grande decoração, e cujos móveis servem não só a família, mas também as visitas.

²³⁹ UMA COLECÇÃO PARA O NOSSO TEMPO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no134 (Novembro 1969), p.225-226.

²⁴⁰ A SALA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no94 (Junho 1966), p.43.

²⁴¹ A SALA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no94 (Junho 1966), p.44.

²⁴² MOBILIÁRIO DE SALA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no89 (Fevereiro 1966), p.96.

Deste modo, a *Binário* menciona alguns exemplos de composições de sala, que seguem estas diretrizes. O protótipo alemão (figura 113) segue um exemplo de aproveitamento de espaço, com elementos que se resumem a três tipos de peças: os maples ou maquetas, a mesa baixa e a “caixa” de ligação entre duas peças (com a finalidade de servir de descanso a garrafas, copos ou cinzeiro). O espaço utilizado corresponde a um canto de uma sala.²⁴³

É também destacado um exemplo de móveis de sala de estar (figura 114), que compreende grupos de um, dois e três lugares com armação inferior, descansos de braços, pés metálicos, dois tipos de maples com e sem apoios de braços e dois tampos de mesa. Estes elementos podem fazer diferentes variações e combinações – cantos, sofás de qualquer comprimento, ect...²⁴⁴ O conjunto escandinavo em teca (figura 115) dispõe de estofos do sofá e maples em plásticos e penas, cujas almofadas (soltas) são em espuma de borracha.²⁴⁵ A representar o mobiliário Francês, apresenta-se a linha *Flexton*, com um sofá de canto formado por elementos justapostos e um maple (Figura 116).²⁴⁶ À semelhança dos espaços de estar, os espaços de refeições também ganharam um grande destaque na publicação da revista. Um aspeto que é mencionado é a nítida diferença destes espaços dentro do conjunto de uma habitação.

Embora, até ao princípio do século XX, tenha sido um dos espaços mais importantes, mobilado com uma grande mesa e muitas cadeiras, posteriormente passou a ser mais modesto e de menores dimensões, e muitas vezes a mesa de jantar passa a ser uma parte integrante da sala de estar. Deste modo, a mesa deixou de ser o núcleo de um espaço e ganhou a praticidade de um

²⁴³ A SALA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no94 (Junho 1966), p.44.

²⁴⁴ MOBILIÁRIO DE SALA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no89 (Fevereiro 1966), p.95.

²⁴⁵ MÓVEIS DE SALA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no73 (Outubro 1964), p.238.

²⁴⁶ SALAS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no80 (Maio 1965), p.692.

elemento entre outros.²⁴⁷ Esta descentralização é o resultado de uma evolução nos espaços da habitação: o convívio informal passa a ser feito na sala de estar e as refeições passam a ser uma atividade privada e familiar que não requer grandes exigências de espaço. Os exemplos de espaços de refeições indicados em *Binário* referem-se a vários tipos de conjuntos de refeições, encontrando uma variação de conjuntos de mobiliário, mesas e cadeiras, integrando-os de maneira diferente no espaço constituinte: um canto de refeições integrante no conjunto de uma sala de estar (figura 117);²⁴⁸ um modelo de mesa extensível para sala de estar/ jantar, da *Prestotable* (figura 118);²⁴⁹ um conjunto envernizado em carvalho, projetado pelo Arquiteto Karl-Erik Kullén e fabricado por *Badafors Mobel AB* (figura 119).²⁵⁰

O mobiliário de escritório constitui outro aspeto que sofreu uma grande evolução ao longo dos anos 60 no sentido de racionalização crescente. Um dos exemplos verificados é um moderno e espaçoso local de trabalho (figura 120). O mobiliário desta sala de trabalho é formado por uma secretária, com uma segunda mesa em “L” para a máquina de escrever e uma estante, que confina o espaço. O corpo inferior da estante é formado por armários com porta de correr. Outro modelo de escritório apresentado (figura 121) corresponde a um gabinete para chefe de serviços. Possui uma secretária em ângulo reto, um grupo de mesa baixa e sofá, e uma estante decorativa,

²⁴⁷ SALA DE JANTAR A UM CANTO... – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no128 (Maio 1969), p.604.

²⁴⁸ SALA DE JANTAR A UM CANTO... – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no128 (Maio 1969), p.605.

²⁴⁹ MESAS EXTENSÍVEIS – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no78 (Março 1965), p.567.

²⁵⁰ O CANTO DE REFEIÇÕES – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no117 (Junho 1968), p.339.

criando um ambiente contemporâneo e uma unidade orgânica. Pela forma como este espaço está concebido, tanto é possível servir como espaço de trabalho, ou para receber pessoas.²⁵¹

Por sua vez, Shneider-Esleben cria uma linha de móveis projetados numa base modular que permite uma produção em série, com um toque pessoal. Com simplicidade e esquematismo geométrico, estes móveis vão de encontro às necessidades e exigência do escritório moderno. É possível verificar-se um conjunto de escritório desenhado pelo projetista (figura 122), com base num número limitado de elementos.²⁵² As secretárias são elementos fundamentais destes conjuntos e revelam um esquematismo geométrico e simples, não faltando um toque individual, funcionalidade e flexibilidade a que corresponde um escritório moderno.²⁵³

Outro elemento de composição de um espaço abordado em *Binário* é a iluminação. Desde os tempos imemoriais que a luz e o fogo são imprescindíveis na vida do homem, pois significam conforto, calor e lar. Com o passar dos tempos, os candeeiros passaram a proporcionar calor e intimidade e parecem ir ao encontro de aspirações permanentes do homem.

Os candeeiros cerâmicos apresentados num artigo dedicado à *Iluminação* (figura 123) relevam durante o dia uma grande força de expressão. À noite, ganham uma luz suave, e um jogo de luz e sombra produzido pelas aberturas. Estes candeeiros adaptam-se a qualquer espaço e embelezam qualquer ambiente, sendo simultaneamente elementos de decoração que se

²⁵¹ MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no84 (Setembro 1965), p.933.

²⁵² MOBILIÁRIO DE PAUL SCHNEIDER-ESLEBEN – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no109 (Outubro 1967), p.205.

²⁵³ MOBILIÁRIO DE PAUL SCHNEIDER-ESLEBEN – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no109 (Outubro 1967), p.206.

impõem e fontes de luz.²⁵⁴ Numa segunda série de candeeiros cerâmicos, é mais notório o ênfase no aspeto estético proporcionado pelos materiais e cores. Estes são mais tradicionais no desenho e materiais empregues mas, pela sua diversidade, oferecem mais elementos modernos de iluminação, desde os difusores e refletores, aos candeeiros para iluminação exterior, candeeiros de vidro. Apesar desta diversidade, todos os exemplos desta série mantêm a preocupação em fazer convergir no objeto desenhado a finalidade e a beleza, o funcional e o tecnicamente perfeito, valorizando-o e concedendo-lhe um carácter próprio.²⁵⁵

Porém, um candeeiro, para além de ter características estéticas apelativas, tem sobretudo que fornecer uma boa luz, especialmente se for um candeeiro para um local de trabalho.

Na discussão da humanização em locais de trabalho, tem que ser sempre considerada a função da luz e das suas fontes. Um candeeiro de mesa útil distingue-se por ter uma grande mobilidade, dirigir a luz para onde é necessária e, eventualmente, a possibilidade de ter uma altura regulável. Além disto, a fonte de luz deve-se situar acima dos olhos, para que estes não se cansem a olhar do escuro para a zona iluminada, e os focos de luz devem ser instalados fora do campo de visão direto.

Relativamente à cor no local de trabalho, verifica-se que a relação adequada entre a luz e a cor pode aumentar o rendimento, não podendo ser escolhida a cor conforme termos de gosto ou estética.²⁵⁶ Todas as variantes de cores e de iluminação em locais de trabalho requerem

²⁵⁴ ILUMINAÇÃO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no88 (Janeiro 1966), p.35.

²⁵⁵ ILUMINAÇÃO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no88 (Janeiro 1966), p.36.

²⁵⁶ ILUMINAÇÃO E A COR NO LOCAL DE TRABALHO– Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no136 (Janeiro 1970), p.19-20.

soluções adaptadas a cada caso, onde o importante é que se tome consciência da importância que elas têm.²⁵⁷

Por fim, *O móvel Francês contemporâneo*, constitui um texto onde é apresentada uma seleção de criações expostas em *Meubles et Sièges français d'aujourd'hui*, organizada pelo Centre de Recherche Esthétique de l'Ameublement Contemporain, com a colaboração da Union Nationale des Industries Françaises de l'Ameublement e da Association pour le Développement des Emplois du Bois. Esta exposição foi inaugurada a 30 de setembro de 1970 e teve lugar na sede do *Mobilier National*, em Paris. Foram expostos modelos de 54 *designers*, que constituem um panorama quase geral da produção contemporânea do mobiliário em França.²⁵⁸

No artigo é também explicado o processo de elaboração dos produtos. Os projetistas são chamados aos gabinetes de estudo das indústrias para colaborar na gestão dos produtos. Esta colaboração não se justifica unicamente por uma preocupação de fazer “belo” o que é útil, mas de unificar o “todo do produto”, no sentido de uma perfeita racionalidade das soluções.²⁵⁹

Contudo, não se pode considerar que o mobiliário seja totalmente marcado pela intervenção dos *designers*, como acontece em quase todos os produtos industriais. Ainda assim, prevê-se que isso possa acontecer parcialmente. Foram preocupações como viver num ambiente harmonioso, do lado humano e social do mobiliário, que levaram à criação do Centro de Investigação estética do mobiliário contemporâneo, cuja função é aproximar os criadores e industriais, de forma a ser

²⁵⁷ ILUMINAÇÃO E A COR NO LOCAL DE TRABALHO – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no136 (Janeiro 1970), p.21.

²⁵⁸ O MÓVEL FRANCÊS CONTEMPORÂNEO – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no147 (Dezembro 1970), p.256.

²⁵⁹ O MÓVEL FRANCÊS CONTEMPORÂNEO – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no147 (Dezembro 1970), p.256-258.

possível que investiguem em conjunto. A exposição referida anteriormente é um testemunho dos seus trabalhos, mostrando peças de mobiliário fabricadas em série e que se possam facilmente adquirir. Nela é manifestado o mobiliário contemporâneo enquanto estilo atual, reconhecido e autenticado.²⁶⁰

É com este artigo que *Binário* termina a publicação da secção *Mobiliário + Decoração*, após 65 edições publicadas entre Maio de 64 e Dezembro de 1970, dando lugar a uma secção designada por *Design*, uma secção mais abrangente que para além de abordar o desenho do mobiliário e decoração de interiores, refere o *Design* em todas as formas.

²⁶⁰ O MÓVEL FRANCÊS CONTEMPORÂNEO – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no147 (Dezembro 1970), p.258.

2. Do Hotel à Residência de estudantes

*A palavra Hotel tem a sua origem no latem “hospes” – o hospede. Não será portanto conveniente oferecer-lhe um quarto – nem que seja só por uma noite – em que se sinta bem, um quarto que acorde nele a consciência desse conforto que caracteriza a verdadeira hospitalidade?*²⁶¹

²⁶¹ A FUNÇÃO DO MÓVEL TRANSFORMÁVEL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 70 (Julho 1964), p.49.

O Hotel

A análise realizada à revista *Binário* pretendeu compreender os artigos relacionados com o mobiliário nas suas diversas formas. Devido à intenção de relacionar a vertente prática com a vertente teórica do trabalho, o projeto de uma *Residência de Estudantes em Carcavelos*, desenvolvida no âmbito do Projeto Final de Arquitetura, destacaram-se de todo o material publicado em *Binário*, os artigos que expõem o mobiliário e decoração de interiores de diversos hotéis. Esta relação surge em virtude das semelhanças encontradas nos espaços privados e coletivos das duas tipologias, hotéis e residências, com a intenção de refletir sobre os espaços e o mobiliário de uma residência de estudantes.

Serão analisados os artigos publicados que fornecem informações sobre oito hotéis, tendo em consideração a sua conceção, o projeto e o projeto de mobiliário. A informação obtida na revista *Binário* será cruzada com artigos da IV série da revista *Arquitectura* (publicada contemporaneamente à revista *Binário*), que abordem os exemplos de hotéis referidos neste estudo. Destes oito hotéis, compreende-se o *Royal Hotel* em Copenhaga, o *Hotel Estoril-Sol* em Cascais, o *Hotel Intercontinental* em Frankfurt, o *Hotel Algarve*, o *Hotel Alvor-Praia* e o *Hotel Dona Filipa* no Algarve e o *Hotel Altis* e o *Lisboa Penta Hotel* em Lisboa.

Deste modo, será possível compreender as necessidades de espaço e o mobiliário adequado a uma residência de estudantes, quer seja em zonas mais privadas, como os seus quartos, ou em espaços coletivos, como salas de estudo e zonas de lazer.

Royal Hotel

O primeiro artigo estudado refere-se ao *Royal Hotel*, em Copenhaga, Dinamarca.²⁶² Nascido em Copenhaga, Arne Jacobsen foi um arquiteto e *designer* prestigiado pela sua contribuição ao movimento funcionalista. Frequentou a Escola de Arquitetura da *Royal Danish Academy of Fine Arts*, e as suas primeiras grandes influências foram os arquitetos Le Corbusier, Ludwig Mies Van der Rohe e Walter Gropius.²⁶³ Inaugurado em 1960, o projeto de Arne Jacobsen desempenha o seu sentido subtil de ponderação nas proporções tanto no conjunto do projeto, como em nível de detalhe, com uma grande influência de Le Corbusier.²⁶⁴

O hotel surge como fundo para as velhas árvores do parque Tivoli. Apesar de aparentar ter uma estrutura metálica, como a sua elevada altura poderia fazer supor, a sua estrutura é em betão, por se moldar melhor às ideias tidas para o projeto, constituindo uma estrutura económica e fácil de calcular.²⁶⁵ O projeto apresenta uma grande variedade de materiais, desde a madeira, mármore, carpetes espessos e sofás forrados de lã (figura 129).²⁶⁶

²⁶² SCANDINAVIA STANDARD. **The Complete Artwork of Arne Jacobsen's SAS Royal Hotel in Copenhagen.** (Consult. 7 Setembro 2019) Disponível em WWW:< <http://www.scandinaviastandard.com/the-complete-artwork-of-arne-jacobsen-sas-royal-hotel-in-copenhagen/>>.

²⁶³ ARTNET. **Arne Jacobsen.** (Consult. 7 Setembro 2019) Disponível em WWW:< <http://www.artnet.com/artists/arne-jacobsen/biography/>>.

²⁶⁴ UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 42 (Março 1962), p.200.

²⁶⁵ UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 42 (Março 1962), p.201.

²⁶⁶ UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 42 (Março 1962), p.202.

Na decoração deste hotel é possível notar-se um enorme cuidado nas coisas simples, mas bastante importantes, pelo bem-estar que proporcionam.²⁶⁷ À entrada encontra-se um amplo *hall*, com as suas diferentes funções: receção (figura 130 e 131), zona dos elevadores, escada para o bar e o restaurante (figura 132). Apesar das grandes dimensões do *hall*, o seu mobiliário com cadeiras e m forma de casca de ovo preenche o espaço, sem permitir que ofereça um aspeto desagradável quando está vazio.²⁶⁸

No mobiliário dos quartos (figura 133), foram tidos em consideração os aspetos utilitários tanto dos hóspedes, como de quem trabalha no hotel. Todos os quartos possuem um pequeno hall que dá acesso ao quarto e à casa de banho. No interior dos quartos existe um painel de madeira, com mesas rebatíveis. A iluminação por cima das camas e mesas está montada em calhas móveis e rodáveis à vontade do hóspede, para uma posição mais desejável (figura 134). Nas carpetes, cortinas e estofos, encontram-se padrões e cores agradáveis e de fácil conservação.²⁶⁹

Em suma, este hotel é uma brilhante realização moderna e internacional, numa versão dinamarquesa. A mente aberta e espírito inteligente dos proprietários permitiu que o Prof. Jacobsen e os outros projetistas realizassem as suas ideias.²⁷⁰

²⁶⁷ UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 42 (Março 1962), p.203.

²⁶⁸ UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 42 (Março 1962), p.201-202.

²⁶⁹ UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 42 (Março 1962), p.203.

²⁷⁰ UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 42 (Março 1962), p.205.

Hotel Estoril-Sol

Numa época em que se começou a tomar uma verdadeira consciência da importância dos valores turísticos, o Hotel Estoril-Sol, um projeto do arquiteto Raúl Tojal, foi inaugurado em 1965 para servir o turismo internacional.

O plano decorativo das zonas interiores deste hotel foi confiado a José Espinho, que desempenhou uma conceção geral que vai de encontro às premissas e estudos definidos em linhas gerais pelo arquiteto. Deste modo, o projeto de mobiliário seguiu diretrizes de funcionalidade, de modo a obter um eficiente rendimento das zonas públicas em ligação coerente com as zonas de serviço, numa tentativa de oferecer aos utentes uma maior comodidade possível.²⁷¹

O hotel contém espaços de medida fora do habitual, destinados à movimentação de grande público (figura 135) – maiores e menores pés direitos, robustos pilares, etc. – dificultando a tarefa do arranjo decorativo.²⁷² Ao decorador, postas à sua disposição áreas de tão grandes dimensões, levanta-se o problema da escala de todo o pormenor decorativo, e o mobiliário nestas zonas de maior grandeza teria que oferecer dimensões que se enquadrassem ao conjunto. Apesar deste objetivo não ter sido cumprido com sucesso, é possível notar o esforço do trabalho que se dispendeu para conseguir uma unanimidade de equilíbrio decorativo no conjunto do hotel.²⁷³

²⁷¹ A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.361.

²⁷² A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.361-362.

²⁷³ A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.363.

Após vários estudos realizados aos interiores dos quartos e das zonas públicas, os materiais escolhidos foram as madeiras de pau santo, teca, nogueira americana, carvalho, sucupira, mogno de África, freixo e tola. Nos revestimentos das paredes foi utilizado o mármore, azulejos cerâmicos e madeiras de teca, nogueira, sucupira e mogno. Nos espaços mais privados, como os corredores de acesso aos quartos e nos quartos, as paredes estucadas foram revestidas com plástico de estrutura de tecido colorido (fabricado para o hotel) e o chão é totalmente alcatifado e com cores matizadas para uma maior defesa da sujidade.²⁷⁴

O mobiliário dos quartos foi estudado com a preocupação de obter a maior sobriedade nas suas linhas e formas, de forma a estar em coerência com todo conjunto do hotel. Foram estudados oito tipos diferentes de decoração dos quartos, que se distribuem pelos diferentes pisos do hotel. Contudo, o hóspede deverá encontrar em todos os quartos uma grande comodidade e cumprimento dos requisitos inerentes à categoria desta unidade hoteleira.

Foram estabelecidos diferentes tipos de cortinados, consoante o espaço que integrassem. Assim, nos quartos correntes, foram colocados reposteiros em tecido colorido e desenhado, fabricado em Portugal. Por outro lado, nas suítes de luxo, quartos de luxo e suítes de estilo, utilizaram-se reposteiros de veludo. Nos amplos vãos das salas de estar, restaurante e salão de banquetes, foram utilizados fortes reposteiros em veludo de linho, importados da Bélgica, uma vez que o mercado nacional não iria satisfazer a necessidade de um material fortemente resistente ao tempo.

²⁷⁴ A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.364.

Os tampos de todas as mesas das zonas públicas e quartos são em mármore. Nos estofos de sofás, maples e cadeiras foram utilizados tecidos de pura lã de fabrico nacional, veludos de *nylon* e material tipo skay importado da Alemanha.²⁷⁵

Foram também integradas obras de arte enquanto complementos de decoração para as zonas comuns: frisos cerâmios nos grandes vãos da sala de estar principal e um painel na entrada do bar *Estoril*, da autoria da ceramista Maria Manuela Madureira (figura 138); a tapeçaria de Salão de Banquetes realizado pela pintora Maria Keil (figura 139); uma grande esgrafite mural na Sala de estar principal, do professor pintor Lino António; a maquete do motivo decorativo das paredes do restaurante executada por Júlio Santos, em colaboração com o decorador. Estas obras contribuíram para valorizar o ambiente de distinção que se pretendia nos espaços do 10º piso – salas de estar, restaurante, salão de banquetes e sala de conferências – espaços esses que se prevê poderem reunir cerca de 2000 pessoas.

Deste modo, procurou-se fazer uma obra de complexidade orgânica, num edifício de características especiais, com a grande preocupação de oferecer aos utentes uma maior comodidade e prazer na sua utilização.²⁷⁶

²⁷⁵ A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.364-365.

²⁷⁶ A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.366.

Hotel Intercontinental

Assiste-se frequentemente, nas cidades alemãs, a uma falta de hotéis modernos que satisfaçam os desejos e necessidades do público internacional, por tentarem apenas criar um ambiente glamoroso e apelativo. Porém, os hóspedes não procuram apenas uma boa atmosfera num hotel, mas também um ambiente funcional e um bom serviço.

O Hotel Intercontinental, em Frankfurt, consegue **Figura 142. Bar *Three Coins*.** apresentar a dualidade entre o funcional e o decorativo. De 1963, o projeto foi da autoria dos arquitetos Otto Apel e Hannsgeorg Beckert, da empresa de arquitetura de Frankfurt *ABB*.

No rés-do-chão situam-se as zonas dos hóspedes, a receção (figura 140), bar, restaurantes e cafés (figura 141) e ainda a entrada da sala de baile.²⁷⁷

A sala de baile possui uma *mezanine*, e no piso superior é possível encontrar cabeleireiros, salas de banquetes particulares, administração e salas para médicos. No lado norte, as zonas destinadas aos trabalhadores, com um pátio de cargas e descargas e cozinhas ligadas ao armazém da cave.²⁷⁸

O 21º andar é mais público, devido à vista que se pode obter, com um raio de 30 km. Aqui encontra-se o bar *Three Coins* (figura 142), com o seu terraço, e o *Supper-club Silhouette*.²⁷⁹

²⁷⁷ HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 76 (Janeiro 1965), p.437.

²⁷⁸ HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 76 (Janeiro 1965), p.438.

²⁷⁹ HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 76 (Janeiro 1965), p.441.

Os quartos, de vários tipos e tamanhos, possuem todas comodidades acima da média (figuras 144 e 145).²⁸⁰ Em cada quarto existe uma litografia ou gravura original.²⁸¹

Este hotel assemelha-se a um museu devido às obras de arte que apresenta. Estas não surgem apenas como um discreto adorno, mas sim num jogo decorativo que se relaciona, definindo um local que provoca sensações nos hóspedes.²⁸² Num dos restaurantes, *Brasserie*, estão pendurados pratos cerâmicos de Picasso (figura 146) e uma enorme escultura em madeira. Ao longo do hotel existem obras como uma grande tapeçaria de Hein Hectkroth, com figuras dos *Contos de Hoffman*, vitrines com as figuras da *Comedia Dell'Arte Italiana* (figura 147) e outras peças de artistas clássicos alemães.²⁸³

Assim, o hóspede pode encontrar *“um momento de paragem e repouso, suavizado e enriquecido pela contemplação de obras de arte criadas por artistas do nosso tempo para um hotel também concebido e construído num estilo do nosso tempo”*.²⁸⁴

²⁸⁰ HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 76 (Janeiro 1965), p.438.

²⁸¹ DECORAÇÃO DO HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 79 (Abril 1965), p.624.

²⁸² DECORAÇÃO DO HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 79 (Abril 1965), p.624.

²⁸³ DECORAÇÃO DO HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 79 (Abril 1965), p.624-625.

²⁸⁴ DECORAÇÃO DO HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 79 (Abril 1965), p.625.

Hotel Algarve

O Hotel Algarve, situado na praia da Rocha (em Portimão), foi um projeto realizado em 1967 pelo arquiteto Raul Tojal.²⁸⁵ O projeto visou a obediência de um programa de exigências, partindo de uma implantação pré-estabelecida, em que era importante que as peças principais usufríssem o mais possível de vista para o mar, considerando as condições topográficas na elaboração da sua obra.²⁸⁶

O edifício é composto por dois pisos térreos. Um encontra-se ao nível da cota da Estrada Marginal, onde se localiza o acesso principal, recuado da estrada por proteção do edifício e para facilitar o acesso ao hotel. O outro localiza-se ao nível natural do terreno, onde se situam os serviços, no topo poente. Para além destes dois pisos, o edifício compreende mais seis andares onde se distribuem os quartos, sendo o último ocupado por suites (figura 148).

Este conjunto hoteleiro é composto por 143 quartos, que são constituídos por todos os requisitos de comodidade, e outros serviços complementares, como salões de estar, salas de refeições e bar (figura 149). Para além do edifício principal, dispõe de duas piscinas, um bar integrado no arranjo exterior, uma garagem para os hóspedes, e uma *boîte* posicionada na arriba sobre o mar (figura 150).²⁸⁷ A *boîte* situa-se debaixo das rochas e o seu acesso é feito através de um túnel que interliga ao *hall* do restaurante.

As fachadas do edifício são rebocadas a caiadas a branco, excetuando o núcleo de acessos verticais, sendo estes revestidos de azulejos azuis com o tema decorativo do hotel. As guardas

²⁸⁵ HOTEL ALGARVE NA PRAIA DA ROCHA – **Arquitectura**. no 97 (Maio 1967), p.100.

²⁸⁶ HOTEL ALGARVE – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 107 (Julho 1967), p.58.

²⁸⁷ HOTEL ALGARVE – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 107 (Julho 1967), p.58-59.

das varandas são constituídas por grelhas de proteção com elementos pré-fabricados de cimentos, em que se repete o mesmo elemento decorativo.²⁸⁸

A decoração deste projeto ficou a cargo do decorador Eduardo Anahory e do arquiteto Luís Possolo. Foi estabelecido como tema decorativo o estilo árabe, predominante no azulejo decorativo.²⁸⁹ O mesmo motivo de azulejos dá forma aos tetos de estuque moldado, com exclusão dos tetos do restaurante, que são em madeira revestida a ouro fino. O pavimento materializa-se em tijoleiras vidradas a cores verde-escura e vermelha e repete-se em todas as zonas comuns, nos quartos e circulações.²⁹⁰ Toda a decoração enquadra-se no ambiente algarvio e as suas relações históricas.

Como colaboração na composição decorativa, participaram os pintores Estrela Faria, que pintou a parede ao longo da escadaria de ligação do hall ao restaurante (figura 151), Sá Nogueira, autor dos vitrais no restaurante e na *boîte*, a decoradora Kukas, que elaborou o teto da *boîte*, em cristais e correntes metálicas e o escultor Rui Sérgio, que realizou os biombos da sala de estar, entre outros motivos decorativos.²⁹¹

²⁸⁸ HOTEL ALGARVE NA PRAIA DA ROCHA – **Arquitectura**. no 97 (Maio 1967), p.104.

²⁸⁹ HOTEL ALGARVE – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 107 (Julho 1967), p.64.

²⁹⁰ HOTEL ALGARVE NA PRAIA DA ROCHA – **Arquitectura**. no 97 (Maio 1967), p.105.

²⁹¹ HOTEL ALGARVE NA PRAIA DA ROCHA – **Arquitectura**. no 97 (Maio 1967), p.105.

Hotel Alvor-Praia

O projeto do Hotel Alvor-Praia situa-se na Baía de Lagos, na praia dos Três Irmãos, entre a praia da Rocha e o Alvor.²⁹² Inaugurado em 1967, o projeto realizado pelo arquiteto Alberto Cruz distingue-se pela tentativa de implantar o edifício sem recorrer a um dispendioso movimento de terra, tendo sido a topografia do terreno o forte determinante da forma do edifício, tirando o maior partido do seu declive. Contudo, devido às imposições ditadas pela vista panorâmica e a defesa contra os ventos dominantes, surge o aparecimento do corpo situado a norte.²⁹³

No enquadramento paisagístico do edifício, integram-se as infraestruturas urbanísticas necessárias, como redes de estradas e caminhos, abastecimento de água, energia elétrica e ligação telefónica, tratamento de esgotos, iluminações exteriores, campo de jogos e recreio.²⁹⁴

O edifício é constituído por 5 diferentes níveis. O piso principal, ao nível da entrada no edifício, dois pisos acima e dois pisos abaixo deste, atendendo à topografia do terreno.²⁹⁵ No primeiro piso, correspondente à cota mais baixa e consequentemente a mais abrigada, projetou-se uma piscina de água salgada, comunicando com uma zona de estar com os elementos indispensáveis num hotel de praia, como esplanada, balneários, *Snack-bar*, *Grill Boîte*. Neste piso foi também instalada a zona de serviços com todas as centrais, armazéns, arrecadações e oficinas.

²⁹² HOTEL ALVOR-PRAIA – **Arquitectura**. no 100 (Novembro/ Dezembro 1967), p.248.

²⁹³ PROBLEMAS ARQUITETÓNICOS DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.123.

²⁹⁴ HOTEL ALVOR-PRAIA – **Arquitectura**. no 100 (Novembro/ Dezembro 1967), p.247.

²⁹⁵ PROBLEMAS ARQUITETÓNICOS DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.122.

No segundo piso, o mais privilegiado do hotel, localizam-se as zonas comuns dos hóspedes: uma grande sala de estar com sala de leitura e de jogos, um bar debruçado sobre um pequeno lago que penetra no *hall* (figura 152), a sala de jantar (figura 153) e um terraço. É também neste piso que se localiza a ampla cozinha, numa posição que permite um serviço rápido relativamente à sala de jantar.²⁹⁶

No terceiro piso encontra-se a entrada principal do hotel, com um espaçoso *hall* onde se localizam os serviços de receção, uma sala de estar (figura 154), porteiro e acesso vertical às zonas comuns ou aos quartos. Além dos serviços administrativos, este piso possui também um gabinete médico, barbeiro e cabeleireiro.²⁹⁷

O quarto e quinto piso são então dedicados aos quartos. Dentro dos 215 quartos, é possível encontrar opções de mais diferentes composições, dimensões e preços. Desde o quarto de casal, quartos comunicantes e suítes, a possibilidade de terem sala de estar, vista para o mar ou vista para a serra. Voltaram-se para a serra os quartos mais pequenos e em menor número (figura 155), tendo os restantes vista para o mar numas amplas varandas com espaço suficiente para dois maples e mesa para o pequeno almoço (figura 156). No último piso encontram-se os quartos mais caros, unicamente com vista para o mar, terraços mais amplos e mobiliário mais rico.²⁹⁸

O projeto do mobiliário foi da responsabilidade de vários arquitetos e decoradores. José Espinho e António Garcia foram os responsáveis pela decoração do hotel quase na totalidade:

²⁹⁶ PROBLEMAS ARQUITETÓNICOS DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.123-125.

²⁹⁷ PROBLEMAS ARQUITETÓNICOS DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.125.

²⁹⁸ PROBLEMAS ARQUITETÓNICOS DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.126.

vários tipos de quartos, o patamar dos ascensores, o rés-do-chão – sala de estar, receção, portaria e cabines telefónicas –, zona do vestiário, tabacaria, barbeiro e cabeleireiro, bar principal e grande salão restaurante.²⁹⁹ O vestíbulo de entrada (figura 157) é pavimentado em tijoleira com faixas em pedra lioz bojardada e os pilares revestidos a mármore travertino e madeira de carvalho. O balcão da receção foi fabricado em madeira de pau-santo e almofadado em pele. Por sua vez, os quartos desenhados por José Espinho e António Garcia são pavimentados com alcatifa. As paredes são pintadas a cor branca e o teto é em estuque liso pintado. O mobiliário projetado para estes quartos é materializado em madeira *Pitch-Pine*.

A suítes ficaram ao encargo do decorador João Alcobia. A zona das lojas, salões de estar e jardim de Inverno e escadaria principal (figura 158) – com teto em madeira de carvalho, guarda em mármore branco polido e um lustre com placas circulares em madrepérola com suspensões metálicas – foram da autoria de Eduardo Medeiros e Paulo Guilherme. Por fim, toda a zona do piso da piscina, o *Snack-bar*, *Bar Grill* e *Boîte* foram obras do arquiteto Daciano da Costa.³⁰⁰

²⁹⁹ A DECORAÇÃO DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.126.

³⁰⁰ HOTEL ALVOR-PRAIA – **Arquitectura**. no 100 (Novembro/ Dezembro 1967), p.253.

Hotel Dona Filipa

Localizado em Vale de Lobo, com o intuito de auxiliar o desenvolvimento turístico do algarve, o Hotel Dona Filipa está construído num terreno em declive voltado para a praia de Vale de Lobo. Tem 6 andares, 130 quartos e alojamento para 265 hóspedes.³⁰¹

A entrada no edifício é feita pelo terceiro piso. No salão de entrada (figura 159) encontra-se a portaria, receção, escritórios e secretaria e acessos de escadas e elevadores para os outros pisos. Este piso também contempla o restaurante, as cozinhas, três salões, uma sala de leitura e escrita, uma sala de jogos, duas lojas e um bar³⁰² e o bar gótico, que foi inspirado numa sala de um Castelo austríaco (figura 160).³⁰³ Os salões e o restaurante, que possuem um grande terraço, foram pensados de forma a tirar partido de uma vista panorâmica sobre o mar, que se estende até à vila de Albufeira.

Os quartos e suítes (figura 161), todos duplos, estão preparados para alojar uma terceira pessoa. Cada quarto dispõe de um compartimento de entrada, uma casa de banho e uma varanda privada.

O mobiliário foi projetado pelo decorador Duarte Pinto Coelho exclusivamente para o hotel. Na decoração das áreas públicas e dos quartos, utilizou-se materiais locais como tijolos coloridos e azulejos árabes, devido à influência história da cultura árabe no Algarve.³⁰⁴ Houve igualmente uma forte inspiração nos motivos arquitetónicos portugueses, como os tetos de madeira em

³⁰¹ HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.27.

³⁰² HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.27-28.

³⁰³ DECORAÇÃO DO HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.35.

³⁰⁴ HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.28.

forma de caixão da sala de jantar (figura 162), e a abundância do uso dos azulejos como solução decorativa, por ser um elemento regional que torna o ambiente fresco.³⁰⁵

Os tecidos utilizados ao longo deste projeto são em algodão ou linho, predominando as cores garridas. O uso de cores mais fortes deve-se a uma tentativa de remeter o hóspede a um ambiente de férias, evitando cores mais sóbrias que lembrem ambientes de cidade.³⁰⁶

Destacam-se, ainda, três elementos decorativos de extrema relevância: a pintura do bar gótico, apresentando o casamento da rainha Dona Filipa com o rei D. João I; a cópia dos azulejos originais portugueses do séculos XIV que se encontram na Abadia de Westminster, em Londres, utilizados na cornija do corredor dos quartos no quarto piso; o banco de pedra do terraço, com azulejos decorativos, baseados num desenho do século XVII.³⁰⁷

³⁰⁵ DECORAÇÃO DO HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.34.

³⁰⁶ DECORAÇÃO DO HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.35.

³⁰⁷ HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.28.

Hotel Altis

O hotel Altis é um hotel em Lisboa, cujo projeto de interiores e equipamento foi realizado por Daciano da Costa, José Falcão, Jorge Cid, Fernando Gomes e José Barros Gomes. Este hotel possui 206 quartos, 14 suites, 3 restaurantes, 2 bares, um salão polivalente e um clube de *bridge*.³⁰⁸

No átrio de entrada (figura 163) – onde são agrupadas as funções de receção, portaria, escadas e elevadores – tentou-se criar um espaço que fosse mais público, com o acesso para a rua e aberto para o exterior. O seu teto possui uma treliça de madeira que prolonga o espaço para uma galeria, com umas lâmpadas espelhadas incandescentes, que fazem da iluminação deste espaço pontual e difusa. A galeria é a zona de estar principal, onde se localizam as zonas de jogo, escrita, televisão e leitura. Este espaço possui também uma tapeçaria de Sá Nogueira (Figura 164).³⁰⁹

Os tetos em treliça de madeira são dos elementos de organização de espaço mais fundamentais neste projeto. Com a ajuda dos paramentos de madeiras e os pavimentos em lã, é possível verificar uma uniformização em todos os espaços do hotel. Para quebrar esta uniformização, e dar particularidade a alguns espaços, são utilizadas guarnições metálicas e padrões nas alcatifas (figura 165) que remetem ao símbolo do Hote I (figura 166), servindo como elemento de composição decorativo.

O restaurante principal, chamado *Girassol*, é um espaço que pode ser compartimentado com biombos que tanto permitem uma visão de conjunto, como tornar o espaço mais acolhedor e

³⁰⁸ HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.70.

³⁰⁹ HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.71.

privado. A iluminação é feita com lâmpadas incandescentes, proporcionando uma luz pontual e indireta vinda do teto, também em treliça. Neste restaurante foi colocada uma tapeçaria de Maria Velez (figura 167). Com a mesma composição do restaurante principal, a sala de pequenos almoços distingue-se do primeiro pelo seu esquema de cores no teto. O mobiliário e a tapeçaria deste espaço são da autoria de Luís Filipe Abreu (figura 168).³¹⁰

Os quartos foram organizados de modo a obedecerem às medidas de espaços mínimos regulamentares. Para isso, recorreu-se a soluções de mobiliário integrados. O mobiliário solto também foi dimensionado nos limites mínimos; contudo não abdica das exigências de conforto pretendidas. Os materiais de revestimento e de decoração encontram-se organizados por uma paleta de cores e texturas que permitem a variação dos ambientes, sem perda de economia de produção, por métodos industriais.³¹¹

³¹⁰ HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.72.

³¹¹ HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.75.

Lisboa Penta Hotel

A obra do Penta Hotel seguiu as linhas programáticas de um hotel comercial, muito mais do que um hotel de turismo, que fosse económico e construído num curto espaço de tempo.

O projeto, desenvolvido pelo arquiteto Frederico George e Manuel Magalhães, partiu de um estudo aprofundado das tipologias dos quartos, repetindo a mesma unidade 592 vezes (figura 174). Na modelação desta unidade, desenhou-se o quarto (figura 175) e a respetiva casa de banho (figura 176) em escala natural, ensaiando as dimensões, equipamento, cores e mobiliário.³¹² Nesta unidade, que requeria uma construção muito repetitiva, procuraram-se soluções corretas, com austeridade, mas sem perda de humor, conduzindo a ambientes otimistas.³¹³ Foi com a definição deste elemento básico que se gerou a composição do edifício, pensando noutros fatores determinantes como a configuração do terreno e orientação.

Todos os projetistas de arquitetura, interiores, paisagísticos e de estruturas viriam a intervir não sucessivamente, como em processo tradicional, mas simultaneamente numa conceção integrada. O projeto de interiores do hotel ficou ao cargo de Daciano da Costa, Cristóvão Macara, Oterelo dos Santos, Guilhermina Campo e F. Lemos Gomes.³¹⁴ Esta equipa enriqueceu o projeto com soluções dentro das capacidades e nível tecnológico dos empreiteiros, sem ultrapassar os limites orçamentais. Assim, limitou-se a variedade de materiais, em recurso a uma paleta de

³¹² LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.445.

³¹³ LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.450.

³¹⁴ LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.445.

cores, padrão e iluminação, garantido a unidade dos ambientes interiores em continuidade do tratamento do exterior do edifício.³¹⁵

Devido a esta intenção de realizar um projeto com baixos custos, todo o equipamento e mobiliário foi desenhado dentro dos recursos dos seus fabricantes, em produções em série. A sinalização interior (figura 183) sofreu um grande estudo das normas gráficas, facilitando a identificação dos espaços. Esta sinalização integra-se nos ambientes como elementos decorativos, em complemento de peças mais plásticas que enriquecem os espaços, como a escultura de Conduto (figura 184) e as tapeçarias de Charrua (figura 185), de Sá Nogueira (figura 186), de Maria Velez (figura 187) e de Risco.³¹⁶

³¹⁵ LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.448.

³¹⁶ LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.449.

A Residência de estudantes

Para desenvolver os espaços de uma residência de estudantes, é necessário compreender as necessidades dos seus utilizadores, os jovens. Um estudante, ao iniciar o seu percurso na universidade, passa por um processo de constante mudança. Assim, inicia uma nova etapa que exige uma maior responsabilidade, autonomia e maturidade, e que por vezes o obriga a uma mudança de cidade, distanciando-o do seu círculo social – família e amigos³¹⁷ – e submetendo-o a uma nova situação que é diferente da sua casa, à qual tem que se adaptar.³¹⁸

Como tal, a residência universitária deve ser vista como mais do que um lugar para morar. Deve ser uma casa projetada para estudantes, com o principal objetivo de melhorar a qualidade de vida e fornecer recursos que atendem às suas necessidades académicas e sociais, proporcionando um ambiente confortável e aconchegante que transmita segurança e identidade ao aluno.³¹⁹

Na escolha de uma residência para morar, os fatores importantes para o estudante tendem a ser a localização (proximidade da universidade e de meios de transporte), condições das

³¹⁷ MEDINA, Mateo Sebastián Vega – **Diseño de um Conjunto de Residências Universitárias**. Cuenca, Facultad de Arquitectura y Urbanismo, 2015. 18. Tese.

³¹⁸ RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS – **Rosa dos Ventos**. V.10 N.2 (2018), p.274.

³¹⁹ MEDINA, Mateo Sebastián Vega – **Diseño de um Conjunto de Residências Universitárias**. Cuenca, Facultad de Arquitectura y Urbanismo, 2015. 61. Tese.

instalações e ambiente entre residentes.³²⁰ Idealmente, a distância das habitações ao centro académico do campus deve ser facilmente percorrida a pé ou de bicicleta.³²¹

Deste modo, a residência de estudantes que está a ser desenvolvida com base neste estudo, situada em Carcavelos, constitui um projeto de requalificação do Hospital Ortopédico Dr. José de Almeida. O edifício, que já sofreu vários projetos de requalificação em toda a sua história, foi originalmente o Forte do Junqueiro. Mesmo em frente à praia de Carcavelos, localiza-se a 20 minutos a pé da universidade mais próxima, a Nova School of Business and Economics, e a 12 minutos a pé da estação de comboios de Carcavelos, obedecendo aos requisitos de localização necessários para os estudantes.

Paralelamente ao estudo realizado à revista *Binário*, o presente ensaio propõe-se relacionar com a vertente prática, o projeto de uma residência de estudantes. Deste modo, é também importante compreender as componentes de habitações com dimensões reduzidas, para um melhor entendimento das necessidades impostas numa residência de estudantes. Como tal, a Unidade de Habitação de Marselha, obra realizada por Le Corbusier, serve como um contributo para a consolidação destes conhecimentos, ao ser uma obra de experimentação de uma nova forma de habitar, em resposta à situação de crise habitacional do pós-segunda Guerra Mundial.

Aplicando o conceito de cidade-jardim vertical, o projeto obedece a um programa que inclui habitação, comércio e equipamentos, tornando cada nível num bairro residencial, de modo a contribuir para uma vida em comunidade. Na sua conceção, foram criadas peças de mobiliário

³²⁰ SIMÕES, Maria Clara Gaspar – **Perceção da Qualidade e Bem-estar Subjetivo na Residência de uma Escola Superior de Enfermagem**. Coimbra, Escola Superior de Educação, 2018. 41. Dissertação de Mestrado.

³²¹ HABITAÇÕES PARA ESTUDANTES CASADOS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 63 (Dezembro 1963), p.697.

especialmente para este projeto com função duplicada, permitindo a articulação e organização do espaço interior.³²²

Le Corbusier concebeu a célula habitacional, fabricada em série por procedimentos industriais, à qual todo o espaço interior foi pensado no conceito de família.³²³ Composta por dois pisos com funções distintas, no piso de acesso à rua são ocupadas as funções coletivas, sendo uma zona de reunião, convívio e trabalho doméstico – cozinha, zona de refeições, sala e *loggia*. No piso superior são ocupadas as funções de repouso, higiene pessoal e tarefas individuais – quarto do casal, quarto das crianças, arrumação e instalações sanitárias.³²⁴

O projeto de equipamento e mobiliário da célula de habitação contou com a participação de Charlotte Perriand. O estudo prévio realizado incumbiu de uma primeira experiência de aplicação do Módular, um sistema de medidas harmoniosas desenvolvido por Le Corbusier.³²⁵ Ao serem utilizados elementos pré-fabricados, possibilitou a integração do mobiliário com a funcionalidade e espacialidade da célula da Unidade de Habitação, resultando no aproveitamento total da área habitável. O exemplo dos elementos de arrumação, compostos por um sistema de armários modulares integrados, desenhados a toda a altura do apartamento, executam vários tipos de funções – desde guarda-roupa, estantes, arrumação – atribuindo um carácter funcional que se sobrepõe ao decorativo. Também na cozinha foram introduzidos os elementos de armário-

³²² SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 5. Dissertação de Mestrado.

³²³ SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 95. Dissertação de Mestrado.

³²⁴ SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 96. Dissertação de Mestrado.

³²⁵ SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 107. Dissertação de Mestrado.

parede, revestindo as paredes de alto a baixo com armários de arrumação, dando utilidade a todo o espaço. A inovação reconhecida a Charlotte Perriand nestes elementos de arrumação é o sistema de portas deslizantes que fecham os armários, pois não necessita de espaço para o rebatimento das suas portas.³²⁶

O esquema de funcionamento da cozinha (figura 188) foi baseado no conceito de economia doméstica, e estruturada de modo a dar lugar à várias atividades que acontecem numa cozinha – preparar alimentos, cozinhar, organizar os pratos, lavar e arrumar a loiça, e conservar e guardar os alimentos.³²⁷ Relativamente ao mobiliário da cozinha, Charlotte Perriand adaptou o formato de uma mesa criada anteriormente por si, com um espesso tabuleiro retangular de madeira. Paralelamente ao estudo de mobiliário realizado por Charlotte Perriand para a Unidade de Habitação de Marselha, Lilly Reich também estudou a atividade de cozinhar de modo a organizar o espaço da cozinha, alcançando uma máxima eficiência no menor espaço possível. A cozinha-armário (figura 189), embora fosse uma cozinha integrada, construída por elementos padronizados, segue os princípios funcionalistas da eficiência e racionalização iniciados por Grette Schutte-Lihotszky no seu estudo da cozinha, entre 1926 e 1927. A cozinha compacta de Reich, para além dos elementos básicos de uma cozinha, agrupa também espaço de armazenamento de utensílios e uma tábua (figura 190) que poderia ser extraída para o ferro de engomar, otimizando o espaço e facilitando o acesso.³²⁸

³²⁶ SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 109-10. Dissertação de Mestrado.

³²⁷ SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 97. Dissertação de Mestrado.

³²⁸ BELENGUER, Maria Melgarejo – **La arquitectura desde el interior, 1925 – 1937 : Lilly Reich y Charlotte Perriand**. Barcelona : VEGAP, 2011. ISBN 978-84-939409-1-1. p. 166

Na Unidade de Habitação, a cozinha e a sala de estar são integradas através de um móvel passa-pratos (figura 191), permitindo maior amplitude e sociabilidade da célula. Este móvel, em contraplacado de madeira, foi desenhado para manter uma ligação física e ser acessível a estes dois espaços. É ligeiramente mais alto do que a superfície de trabalho da cozinha, para permitir alguma privacidade à cozinha e ampliar o espaço de arrumação, sem limitar visualmente. Contudo, estes dois espaços são distinguidos através da diferença de pavimento entre a cozinha e a sala.³²⁹ Na sala, para além do móvel passa-pratos, os únicos elementos de mobiliário integrados na arquitetura são as prateleiras integradas na parede e um degrau de madeira que pode ser utilizado como assento, localizado na interseção do pavimento com as portas de dão acesso à *loggia*. O restante espaço da sala é organizado em função de peças de mobiliário independentes.

No quarto do casal, Perriand criou um móvel de madeira de forma cúbica para exercer a dupla função e arrumação de roupa e tratamento de crianças pequenas (figura 192).³³⁰ Foi também criada uma estante (zona de biblioteca), introduzindo elementos verticais de madeiras divididos por uma peça horizontal no mesmo material (figura 193). Neste quarto existe ainda um armário-parede no espaço resultante entre as portas de acesso ao hall e da casa de banho.³³¹

Todo o mobiliário concebido por Charlotte Perriand corresponde a uma ideia de mobiliário simples, acessível e inteiramente desmontável. Além dos elementos integrados descritos

³²⁹ SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 110-112. Dissertação de Mestrado.

³³⁰ SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 114. Dissertação de Mestrado.

³³¹ SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 114-115. Dissertação de Mestrado.

anteriormente, Perriand desenhou peças de mobiliário independentes onde privilegiou o seu gosto artesanal: um cadeirão de madeira e palhinha, um tamborete de tripé que serve como um pequeno banco rural, uma mesa de chá e uma cadeira de castanheiro de Dordonha para a zona da *loggia*. Contudo, as escolhas das peças de mobiliário independentes foram apenas uma proposta. A escolha desses elementos de mobiliário ficou ao critério dos seus habitantes.³³²

Apesar da Unidade de Habitação ser um inigualável exemplo de habitação em espaços reduzidos, com um projeto de mobiliário que garante um máximo aproveitamento do espaço (e que se tornará vantajoso na reflexão do mobiliário de uma residência de estudantes), não se trata de uma residência universitária. As residências universitárias nasceram em resposta a uma necessidade social, servindo como suporte aos alunos e facilitando o alcance de uma formação académica adequada.

O primeiro antecedente de edifícios destinados a acolher estudantes remonta aos mosteiros, pela sua organização espacial em células repetidas.³³³ Com a consolidação da instituição universitária, durante os séculos XII e XIII, verificou-se também uma reconversão de alguns hospitais que deram origem às primeiras residências universitárias. Posteriormente, existiu um desenvolvimento nas próprias universidades, que passaram a ter as suas residências de estudantes, comprometendo-se com a educação total do aluno. As universidades de Cambridge e Oxford foram pioneiras deste sistema de ensino, que consistia num pequeno grupo de até 3 alunos com a convivência diária de um tutor.

³³² SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 117. Dissertação de Mestrado.

³³³ CHACA, Dante Raúl Najera – **Residencia Universitaria para Estudiantes de Arquitectura no Residente em Lima**. Lima, Facultad de Ingeniería Y Arquitectura, 2017. 25. Tese.

Os edifícios criados para a realização deste sistema funcionavam em torno de um pátio, com um programa que incluía os quartos, uma capela, salas de jantar, salões, auditórios, laboratórios e áreas desportivas.³³⁴ O desenvolvimento das universidades a nível mundial foi bastante influenciado pelo sistema inglês, considerando a unidade residencial uma parte de grande importância social para o aluno.³³⁵

No ano de 1932, em Madrid, foi realizado o projeto do pavilhão da Residência de *Señoritas Estudiantes*, uma obra do arquiteto Carlos Arniches, que pensou simultaneamente no projeto arquitetónico e no desenho do mobiliário. O arquiteto, ao desenhar este pavilhão, tinha a intenção de criar algo que não fosse só uma residência, mas sim um espaço dedicado ao estudo e à formação das alunas que lá iriam habitar. Deste modo, o arquiteto incluiu como parte essencial do projeto a definição do mobiliário, de forma a impulsionar o cumprimento desses objetivos.³³⁶

No projeto do mobiliário dos quartos, o arquiteto pretendeu alcançar o melhor possível as necessidades das moradoras.³³⁷ Com móveis inseridos na arquitetura como um único elemento, organizou o espaço num perímetro de “U” (figura 194), com a intenção de libertar o espaço interior do quarto, contendo os elementos necessários e desempenhando as diferentes funções: o roupeiro, a estante de livros e uma mesa de estudo, foram a base do projeto. Em frente a esta

³³⁴ CHACA, Dante Raúl Najera – **Residencia Universitaria para Estudiantes de Arquitectura no Residente em Lima**. Lima, Facultad de Ingeniería Y Arquitectura, 2017. 26. Tese.

³³⁵ CHACA, Dante Raúl Najera – **Residencia Universitaria para Estudiantes de Arquitectura no Residente em Lima**. Lima, Facultad de Ingeniería Y Arquitectura, 2017. 27. Tese.

³³⁶ FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017).89.

³³⁷ FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017).89.

peça, encontrava-se um sofá-cama e dois móveis auxiliares – uma pequena estante e uma cómoda.³³⁸

No final dos anos 70, verificou-se um abandono significativo dos dormitórios, resultando em mais de 20% da capacidade total desocupada. Por este motivo, surgiu a necessidade de fazer uma reorganização espacial dos edifícios, privilegiando os espaços comuns – onde a sala de jantar é considerada um espaço de partilha – e favorecendo os quartos com casas de banho privadas. As Universidades passam a integrar as residências dentro dos seus campus, explorando as possibilidades do programa de organização nos diferentes tipos de quartos e espaços comuns, conseguindo soluções diversificadas e de carácter interativo. Atualmente, as residências universitárias ajustam-se às mudanças da educação e da sociedade, correspondendo às necessidades domésticas e aos padrões de comportamento dos seus ocupantes, sendo estas diferentes de uma habitação tradicional.³³⁹ Na procura deste propósito, foi necessário esclarecer como funciona o espaço interior de uma habitação coletiva, compreendendo a evolução dos modos de vida de quem nela habita, e como as diferentes formas de habitar podem transformar os espaço.³⁴⁰ Nesse sentido, é necessário enfatizar a importância da estruturação das relações entre o espaço público e o privado, pensando como um conjunto que se adapta às particularidades de cada espaço, com contornos flexíveis e com identidade.³⁴¹

³³⁸ FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017).91.

³³⁹ CHACA, Dante Raúl Najera – **Residencia Universitaria para Estudiantes de Arquitectura no Residente em Lima**. Lima, Facultad de Ingeniería Y Arquitectura, 2017. 28-29. Tese.

³⁴⁰ CHACA, Dante Raúl Najera – **Residencia Universitaria para Estudiantes de Arquitectura no Residente em Lima**. Lima, Facultad de Ingeniería Y Arquitectura, 2017. 47. Tese.

³⁴¹ CHACA, Dante Raúl Najera – **Residencia Universitaria para Estudiantes de Arquitectura no Residente em Lima**. Lima, Facultad de Ingeniería Y Arquitectura, 2017. 50. Tese

Os locais de encontro – espaços comuns – têm a importância de facilitar o convívio e integração dos alunos, de modo a desenvolverem as suas relações sociais básicas.³⁴² Para o aluno é importante que estes espaços sejam compostos por salas de estar, refeitório, salas de estudo, lavandaria e espaços exteriores, correspondendo às suas necessidades diárias e académicas, e aproximando o máximo possível os dormitórios de um lar onde possam viver confortavelmente.³⁴³ Esses espaços de convívio, nomeadamente as salas comuns, deverão ser espaços confortáveis, amplos e de fácil acesso a partir de todos os quartos, permitindo a reunião entre os jovens.³⁴⁴

De forma a desenvolver-se o projeto de mobiliário a ser concretizado para este trabalho, e para escolha do mobiliário da sala comum (figura 195), foram tidos em consideração os exemplos de mobiliário modular desenhados por Kristian Vedel (figura 196), apresentados na primeira parte deste trabalho. Deste modo, o mobiliário dos espaços comuns é mutável e adaptável às necessidades de espaço dos estudantes, oferecendo uma flexibilidade que lhes permite organizar o mobiliário e o espaço consoante as suas vontades.

A sala comum foi projetada tendo em consideração os princípios abordados por Fernando Jorge Correia na entrevista publicada pela revista *Binário*, em Agosto de 1975 – numa casa não é preciso haver divisões, mas sim desníveis que delimitem zonas, criando núcleos sem a necessidade de construir paredes, obtendo um espaço amplo com vários desníveis. O espaço da

³⁴² MEDINA, Mateo Sebastián Vega – **Diseño de um Conjunto de Residências Universitárias**. Cuenca, Facultad de Arquitectura y Urbanismo, 2015. 59. Tese.

³⁴³ MEDINA, Mateo Sebastián Vega – **Diseño de um Conjunto de Residências Universitárias**. Cuenca, Facultad de Arquitectura y Urbanismo, 2015. 21-22. Tese.

³⁴⁴ HABITAÇÕES PARA ESTUDANTES CASADOS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 63 (Dezembro 1963), p.698.

televisão (Figura 197) corresponde ao desnível, elevado da restante divisão por 40 cm, distanciando esta zona de foco de uma zona mais isolada e de outra mais destinada ao convívio (Figura 198). Contudo, por serem espaços mais barulhentos, deverão ser isolados relativamente aos quartos e às áreas de estudo, para não perturbar os restantes residentes.³⁴⁵

Nesta divisão, é ainda utilizada como mesa de apoio um modelo inspirado na mesa de centro de sala de estar designada por *Living* (figura 199) e projetada pelo *designer* francês Étienne Fermigier. Esta mesa, com 80 cm de diâmetro, possui pés de metal cromado, tampo em teca, mate, preto ou branco. A recriação utilizada no espaço da residência (figura 200), possui igualmente pés de metal cromado, e um tampo mate preto.

Porém, situadas em pisos diferentes, a sala de estudo e a sala de convívio são ligadas por uma escada para facilitar a deslocação entre espaços. A sala de estudo (figura 201) deverá ser um espaço isolado, tranquilo, seguro, bem iluminado e ventilado, destinado somente a fins de estudo³⁴⁶ - com mesas adequadas ao estudo individual, salas destinadas ao trabalho em grupo, e ainda computadores ao acesso dos alunos (figura 202). A escolha das cadeiras de estudo (figura 204) foi baseada na cadeira alemã de *Bremshey Gmb H*, um exemplo apresentado em *Binário* em Agosto de 1964 (figura 203). Este modelo foi também escolhido para a zona de estudo de cada quarto (figura 205), mas numa versão pés giratórios, uma vez que, tal como referido na revista, este modelo também apresenta essa possibilidade.

³⁴⁵ HABITAÇÕES PARA ESTUDANTES CASADOS – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no 63 (Dezembro 1963), p.698.

³⁴⁶ HABITAÇÕES PARA ESTUDANTES CASADOS – Binário. *Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento*. no 63 (Dezembro 1963), p.696.

Por sua vez, a cozinha (figura 206) deverá refletir um ambiente espaçoso, com um número adequado de equipamentos (fogões, fornos, micro-ondas, frigoríficos, arcas congeladoras)³⁴⁷ e superfícies difíceis de danificar e fáceis de limpar. Uma boa iluminação é essencial, visto que este espaço será bastante utilizado nas horas da noite.³⁴⁸ A cozinha deve estar conectada a um espaço de refeições (Figura 207) – uma sala de jantar – com capacidade equilibrada para o número total de residentes do dormitório.³⁴⁹ A escolha do mobiliário para este espaço, composto por mesas quadradas, foi pensada numa forma que permitisse uma maior flexibilidade aos residentes de alterar a disposição da sala conforme as suas necessidades.

À semelhança do Hotel Altis, procurou-se criar uma uniformização em todos os espaços, quer sejam espaços comuns, ou espaços privados (quartos), padronizando-os com os mesmos pavimentos e revestimentos, utilizando sempre cores neutras.

Relativamente aos quartos, preferencialmente *singles* ou duplos,³⁵⁰ é importante que disponham de uma luz natural controlada, para que o espaço pessoal do estudante não se torne num espaço monótono e escuro.³⁵¹ Os alunos prezam que os seus dormitórios transmitam privacidade, conforto e segurança, num conjunto de mobiliário transformável que corresponda às suas necessidades variáveis de espaço e funcionalidade – é necessário que esses móveis sejam

³⁴⁷ SIMÕES, Maria Clara Gaspar – **Perceção da Qualidade e Bem-estar Subjetivo na Residência de uma Escola Superior de Enfermagem**. Coimbra, Escola Superior de Educação, 2018. 49. Dissertação de Mestrado.

³⁴⁸ HABITAÇÕES PARA ESTUDANTES CASADOS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 63 (Dezembro 1963), p.696.

³⁴⁹ SIMÕES, Maria Clara Gaspar – **Perceção da Qualidade e Bem-estar Subjetivo na Residência de uma Escola Superior de Enfermagem**. Coimbra, Escola Superior de Educação, 2018. 49. Dissertação de Mestrado.

³⁵⁰ MEDINA, Mateo Sebastián Vega – **Diseño de un Conjunto de Residências Universitárias**. Cuenca, Facultad de Arquitectura y Urbanismo, 2015. 21-22. Tese.

³⁵¹ MEDINA, Mateo Sebastián Vega – **Diseño de un Conjunto de Residências Universitárias**. Cuenca, Facultad de Arquitectura y Urbanismo, 2015. 59. Tese.

funcionais e transmitam bem-estar ao seu utilizador.³⁵² É também valorizado que os quartos tenham espaço livre para possibilitarem a introdução de outros elementos de mobiliário, para além do mobiliário integrado, permitindo ao residente personalizar o seu quarto de modo a sentir-se mais em casa.³⁵³ Assim, propõe-se que o mobiliário dos espaços privados sejam totalmente transformáveis pelo seu utilizador. Esta ideia é possível através da introdução de elementos de mobiliário móveis, permitindo ao residente organizar o seu espaço da forma que lhe for mais conveniente, utilizando os módulos disponíveis.

Em conformidade com outros exemplos apresentados ao longo deste trabalho (Hotel Altis, Unidade de Habitação), os quartos foram organizados de modo a permitirem conforto enquanto obedecem às dimensões de um espaço mínimo. Este objetivo foi atingido devido às soluções de mobiliário integrado – armários modulares a toda a altura disponível concedendo um aproveitamento total da área habitável.

Os módulos colocados nestes quartos tiveram como referência o projeto da residência do arquiteto Carlos Arniches – guarda-roupa, estante e cómoda (figura 208), mesa de trabalho (figura 209), e uma cama que também possa servir de sofá (figura 210). Em complemento da cama, foi também criado um módulo de estantes para se colocar à cabeceira, com iluminação embutida (figura 211). Como já referido, a cadeira de trabalho foi inspirada na cadeira alemã de *Bremshey Gmb H*, apresentada no nº 71 da revista *Binário*.

³⁵² QUARTOS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 83 (Agosto 1965), p.878.

³⁵³ SIMÕES, Maria Clara Gaspar – **Perceção da Qualidade e Bem-estar Subjetivo na Residência de uma Escola Superior de Enfermagem**. Coimbra, Escola Superior de Educação, 2018. 43-45. Dissertação de Mestrado.

Aos quartos é ainda concedida uma *kitchnet* (figura 212), com um frigorífico e espaço que permita ao residente armazenar os seus alimentos, e ainda uma bancada onde possa colocar algum eletrodoméstico (máquina de café, micro-ondas, torradeira, etc.). Esta *kitchnet* é baseada no modelo de cozinha-armário de Lilly Reich, permitindo um módulo compacto e movível que, quando fechado, aparente ser apenas um armário (figura 213).

À semelhança do Royal Hotel, na Dinamarca, e do Hotel Dona Filipa, estes quartos (figura 214) dispõem de um compartimento de entrada, que dá acesso ao quarto e à casa de banho, e uma varanda. O compartimento de entrada é separado do restante espaço através de uma porta de correr e de um módulo (à escolha do utilizador), recorrendo ao conceito do sistema alemão de armários-parede – uma forma de dividir o espaço sem utilizar um elemento irrefutável como uma parede. A varanda, aproveitando os vãos originais do edifício, é composta por um maple (figura 215) que foi inspirado na cadeira de Kristian Vedel (figura 216) – *Binário*, Julho 1967 –, com a materialidade de uma cadeira de exterior de Ernest Base (figura 217) – *Binário*, Agosto de 1958. A estrutura da cadeira é em faia laminada, com acabamento em verniz impermeável, e as almofadas em *Sat ex* – uma borracha esponjosa que fixa menos a humidade, mais fresca e menos escorregadia que a borracha normal – de modo a não se degradar com o tempo.

Deste modo, juntando todos os elementos oferecidos, o utilizador pode alterar o espaço, consoante as suas necessidades, de inúmeras formas possíveis. Contudo, neste trabalho serão ainda apresentadas cinco diferentes combinações de composição do espaço dos dormitórios, com os elementos anteriormente referidos.

Na primeira combinação (figura 218), é possível verificar que a cozinha compacta se localiza no compartimento de entrada, e o módulo utilizado para dividir os dois espaços é o módulo de cabeceira. A cama encontra-se junto à cabeceira e de frente para os módulos de arrumação, que estão dispostos lado a lado, com as estantes no meio, permitindo ao utilizador colocar uma televisão que consiga observar através da sua cama-sofá. A secretária encontra-se junto à janela, permitindo uma melhor luz de trabalho.

A segunda combinação (figura 219) apresenta dois módulos de arrumação (roupeiros) no compartimento de entrada, o que poderá facilitar a rotina do utilizador devido à proximidade com a casa de banho. O módulo de secretária encontra-se a dividir os dois espaços, em frente ao módulo de arrumação sobranter (estante). A cama encontra-se na parede oposta, juntamente com o módulo de cabeceira. Neste exemplo o módulo de cozinha aparece na zona exterior, permitindo mais espaço sobranter no interior do dormitório.

Na terceira combinação (figura 220), o módulo de cozinha volta para o compartimento da entrada. A dividir esse compartimento do restante quarto encontram-se dois módulos de arrumação (roupeiro), e de frente a cama com a cabeceira junto à parede exterior. Na parede oposta é possível verificar-se o módulo de estante e gavetas, juntamente com a secretária. Na zona exterior encontra-se apenas o maple destinado a esse espaço. Esta opção será uma das que mais proporciona espaço sobranter, permitindo ao utilizador a colocação de outros elementos exteriores aos concedidos, conforme a sua conveniência.

Para a quarta combinação (figura 221), colocou-se a secretária no compartimento de entrada, possibilitando uma divisão entre o espaço de estar/dormir e o espaço de trabalho. O módulo de cozinha encontra-se agora dentro do núcleo principal do quarto, facilitando melhor um espaço

de estar dentro do dormitório – as portas que fecham este módulo são essenciais nesta combinação ao impedirem a sensação de uma cozinha dentro do quarto, quando estão fechadas. De frente ao módulo de cozinha encontram-se os três módulos de arrumação, lado a lado, formando um grande armário. Por sua vez, a cama volta a localizar-se na mesma posição relativamente à segunda combinação.

Por último, a quinta combinação (figura 222) revela-se a mais diferente de todas. Sem compartimento de entrada – ou um módulo a dividir dois espaços – assim que entra, o utilizador encontra o módulo de cozinha, seguido dos três módulos de arrumação (mais uma vez juntos, formando um grande armário). A secretária localiza-se junto da parede exterior e a cama na mesma posição relativamente à segunda e quarta combinação. Mais uma vez, no espaço exterior encontra-se o maple destinado a este espaço.

Este conjunto de cinco combinações são apenas exemplos das variadas formas de utilização do espaço deste dormitório com o mobiliário proposto. Existem muitas mais combinações possíveis – uma vez que o módulo de cozinha, secretária e cabeceira possuem a mesma largura, e por sua vez cada módulo de arrumação tem metade da largura dos módulos mencionados – dependendo do gosto, necessidade e criatividade de quem este espaço irá habitar.

Numa tentativa de integrar peças de mobiliário em elementos arquitetónicos do edifício, criou-se no corredor de distribuição dos quartos em galeria exterior (figura 223), bancos e mesas encastrados (figura 224). Estes elementos criam espaços de convívio entre os residentes,

proporcionando também a possibilidade de tomar refeições, estudar ou fazer qualquer outro tipo de atividade, com uma vista privilegiada para o mar.

Finalmente, e tendo em consideração os exemplos de hotéis publicados na *Binário*, como o Hotel Estoril Sol, o Hotel Intercontinental, o Hotel Algarve e o Lisboa Penta Hotel, que incluem diversos aspetos decorativos, considera-se relevante referir que a residência de estudantes poderá também integrar este tipo de elementos. Efetivamente, aqueles hotéis incluem nos seus jogos decorativos elementos artísticos como frisos cerâmicos, tapeçarias, esculturas, vitrines com figuras, vitrais e pinturas, assemelhando certos espaços a um museu. Assim, propõe-se que, para além do espaço de exposições localizado no Forte do Junqueiro, sejam expostos trabalhos de alunos de Belas-Artes ao longo deste edifício. Estas peças poderiam ser rotativas e presentes em zonas como a entrada do edifício, as zonas comuns e até nos quartos dos residentes.

3. Considerações Finais

O presente trabalho surge do interesse pessoal e académico pela arquitetura de interiores e pelo desenho do mobiliário. Para tal, foi selecionada a revista *Binário* com o objetivo de se analisar os artigos publicados sobre mobiliário, no recorte temporal relativo ao período editorial da revista (1958 a 1977). Este trabalho pretende também relacionar a sua vertente teórica com a vertente prática, o projeto de uma *Residência de Estudantes em Carcavelos*, desenvolvida no âmbito do Projeto Final de Arquitetura. Para tal, destacaram-se os artigos de mobiliário e decoração de interiores de diversos hotéis publicados em *Binário*, devido às semelhanças encontradas nos espaços privados e coletivos das duas tipologias, hotéis e residências, com a intenção de refletir sobre os espaços de uma residência universitária. De modo investigar e confrontar os vários artigos publicados na revista *Binário*, *Arquitetura*, *Construção e Equipamento*, foi necessário realizar uma análise de cariz geral, e posteriormente uma análise aos artigos relativos ao mobiliário e ao espaço interior. Deste modo, foi possível compreender o propósito da revista no panorama editorial nacional e o modo como a informação foi publicada.

Nos anos 50, a publicação e o consumo de livros e revistas aumentaram, iniciando o percurso institucional do *Design* em Portugal, direcionando a nova geração de *designers* para o “novo modernismo” e dando visibilidade aos artistas e aos *designers*. Estas obras influenciaram os *designers* e os ateliês de arquitetura para um “regionalismo crítico” ao alterarem a sua postura relativamente às influências mundiais, distanciando do modernismo regional do Estado Novo. A publicação de referências mundiais resultou na alteração das necessidades de consumo da sociedade nos anos 50 e 60, sucedendo ao desejo de modernização da indústria, que fez com que a nova geração de *designers* respondesse ao projeto global.

Deste modo, a introdução da revista *Binário* no mercado editorial português resultou da vontade de criar uma revista mensal informativa, mas crítica relativamente ao desenvolvimento português e internacional nos campos da arquitetura, urbanismo, engenharia e *design*. Fundada em 1958 pelo arquiteto Manuel Tainha e o seu irmão, o engenheiro Jovito Tainha, pretendia abordar temas de interesse atual e relacionar os diversos setores profissionais, industriais e comerciais dentro da área de arquitetura e construção. Os artigos publicados expunham várias obras da época, como moradias, edifícios residenciais, edifícios de escritórios, obras públicas e hotéis, acompanhados de textos explicativos, fotografias, desenhos e detalhamento técnico.

Nos seus 19 anos existência, observou-se, nas suas publicações, uma grande influência do contexto social e cultural em que se inseriu. No 11º número da revista (em Agosto de 1959), os fundadores Manuel Tainha e Jovito Tainha abandonam a direção da revista, sendo substituídos pelo engenheiro Aníbal Vieira. Com esta alteração, verificou-se uma mudança dos temas abordados em *Binário*, diminuindo os artigos sobre equipamento – que apareciam em abundância enquanto Manuel Tainha dirigia a revista – e um aumento de artigos mais técnicos, escritos por engenheiros. Por outro lado, verificou-se também uma maior relevância à questão da expansão urbana, devido ao crescimento de muitas cidades e do grande interesse que existia sobre o tema – sendo número 52 da revista, publicado em Janeiro de 1963, totalmente dedicado a esse tema. Foi também possível observar que em meados dos anos 60 a publicação da revista voltou a incidir mais sobre os pormenores de equipamento, arquitetura de interiores e mobiliário.

Em Maio de 1964, no número 68 da revista, foi criada uma secção chamada *Mobiliário + Decoração*, onde eram publicados artigos relacionados com a decoração de interiores, feiras de mobiliário nacionais e estrangeiras, e linhas de mobiliário de vários arquitetos e *designers* estrangeiros. Como consequência desta nova abordagem, o 64º número da revista, publicado em Novembro de 1964, foi dedicado unicamente a *Interiores – Decoração*. Em 1970, a secção *Mobiliário + Decoração* acabou por ser substituída pela secção *Design*, devido ao crescente interesse sobre *Design* no paradigma nacional, e consequentemente, nos artigos publicados em *Binário*.

A pesquisa conduzida para a realização deste trabalho permitiu verificar que os últimos anos da revista *Binário* foram um pouco conturbados. Efetivamente, em Outubro de 1974, Aníbal Vieira abandona o cargo de diretor, sendo substituído pelo arquiteto José Luís Quintino. Após esta alteração, a periodicidade da publicação diminuiu, e no penúltimo número é anunciado que a revista iria passar a ser publicada de dois em dois meses, com número duplo. Contudo, em Maio de 1977, a revista foi publicada pela última vez, depois de 216 números.

De modo a realizar uma investigação geral dos artigos referentes ao mobiliário publicados na revista *Binário*, analisou-se, numa fase inicial, todos os artigos publicados nos 216 volumes da revista. Após a realização desta análise, foram estudados os artigos publicados na secção *Mobiliário + Decoração*. Deste modo, verificou-se que o primeiro artigo publicado relativamente a equipamento teve lugar no primeiro número da revista, um texto técnico escrito por Dargan Bullivant que abordou o *Desenho de cadeiras confortáveis*. O mesmo autor desenvolve uma

segunda parte do artigo, publicada no quinto número de *Binário*, desta vez sobre o desenho de cadeiras de repouso.

É possível constatar que os artigos relacionados com mobiliário fazem bastante referência ao mobiliário escandinavo, com uma maior incidência no mobiliário dinamarquês. Assim, destacam-se os projetistas e as suas linhas de mobiliário, evidenciando Finn Juhl, um arquiteto dinamarquês que se distinguiu no desenho de mobiliário. Na sua opinião, o mobiliário e o espaço formam uma unidade que traduz uma ideia de estética comum, em que a cor, os materiais e a forma são elos de ligação na composição de um espaço, e uma peça de mobiliário é uma parte marcante do interior, não implicando que tenha que exprimir algo que vá formar uma unidade com outros móveis.

Concomitantemente, foram também referenciadas as linhas de mobiliário modular projetadas por Kristian Vedel e Dieter Waeckerlin. Assim, Kristian Vedel apresenta a série *Modus*, uma coleção que pretende coordenar a modulação numa série completa de mobiliário com o máximo de comodidade e com grandes possibilidades de variação na combinação de 3 tipos de cadeiras, um banco e 10 mesas. Por outro lado, Dieter Waeckerlin apresenta uma linha de mobiliário fundamentada no sistema modular desenvolvido por Le Corbusier, adaptável a qualquer espaço e onde fosse possível formar todos os artigos a partir de poucas unidades básicas.

Após esta análise, conclui-se que o sucesso dos projetistas escandinavos deve-se ao facto de, na sua formação, experienciarem um período de aprendizagem na arte da marcenaria antes

de iniciarem os seus estudos teóricos, resultado das suas tradições artesanais. Como resultado desta aprendizagem, os projetistas adquiriram uma maior compreensão das possibilidades e limitações da madeira, permitindo-lhes uma maior facilidade em encontrar soluções espontâneas e naturais para os problemas de construção e estruturais. Por outro lado, ao revelar um mobiliário prático, projetado de acordo com a casa compacta e funcional e a preços acessíveis (devido aos seus avançados métodos de industrialização), influenciaram o resto do mundo com as suas linhas de mobiliário, fortificando a exportação dos seus produtos. Apesar das diferenças nacionais, a forma dada aos móveis nos países escandinavos é caracterizada por uma unidade real. Esta relação é fortificada com a criação da *Feira do Mobiliário Escandinavo*, em 1967. Esta exposição, repetida nos anos seguintes, tinha como objetivo reunir a maior oferta de móveis modernos do mundo de modo a atrair os compradores estrangeiros.

Contudo, também em Portugal se concretizou a ideia de uma feira de mobiliário. De 20 a 29 de Março de 1971 realizou-se na F.I.L a *1ª Exposição de Design Português*, com o propósito de apresentar ao público uma representação do estado de arte do *Design* em Portugal. Organizada por Maria Helena Matos, foi uma proposta do *designer* e pintor José Maria Cruz de Carvalho e do *designer* João Constantino, em nome da empresa de mobiliário *Interforma*. Estiveram representados alguns dos melhores *designers* portugueses e as principais firmas editoras das suas obras, abrangendo diversos setores: mobiliário de madeira e metal, louças, vidros, equipamento elétrico, material de iluminação, artes gráficas e cerâmicas. Esta exposição voltou a ser repetida em Maio de 1973, constatando o interesse despertando das influências estrangeiras no mobiliário nacional. Contudo, apesar da forte influência estrangeira sentida, algumas fábricas portuguesas iniciaram a produção linhas de mobiliário de qualidade assinadas

por *designers* portugueses, que valorizavam os interiores habitacionais ou espaços de trabalho. Deste modo, verificou-se um crescimento do mobiliário português na década de 70 devido ao interesse popular em produtos de qualidade, aliados à evolução das linhas de produção.

Dos artigos publicados em *Binário* sobre o mobiliário português, destacam-se as entrevistas a José Cruz de Carvalho e a Fernando Jorge Correia. Cruz de Carvalho foi um pintor que se dedicou ao mobiliário e trabalhou para as empresas *Altamira* e *Interforma*. Nesta entrevista, refere a forma de conceber mobiliário de *Altamira*, que não era importado nem fortemente influenciado pelos modelos estrangeiros, lançando um produto de reflexão sobre as várias facetas da realidade em que estava envolvido. Por outro lado, alega que o mobiliário e a arquitetura são duas disciplinas que não se podem desligar uma da outra, não existindo uma fronteira que marque onde acaba o trabalho do arquiteto e onde começa o do *designer* de interiores. Fundamenta ainda esta ideia declarando a notória tendência da arquitetura em absorver e integrar peças que se poderiam considerar mobiliário, como os armários ou roupeiros, ou integrar assentos e mesas desnivelando e revestindo os pavimentos.

Por sua vez, o *designer* Jorge Correia trabalhou com José Espinho na *José Olaio*, com Eduardo Anahory, e montou um atelier de arquitetura, arquitetura de interiores, mobiliário e artes gráficas. Na sua entrevista, faz um breve relato do seu trabalho em madeira em colaboração com os nomes mencionados anteriormente. Refere ainda que, para si, numa casa não é necessário existirem divisões, mas sim desníveis que delimitem zonas - gosta de criar núcleos, mas não paredes, criando um espaço amplo com vários desníveis. Afirma ainda que considera que as tendências e moda na decoração são uma questão política, e faz uma comparação entre

o estilo utilizado no Estado Novo – em que uma decoração apelativa tinha que ter um toque chique e luxuoso – e o estilo adotado no novo regime, em que se privilegia os espaços práticos e funcionais.

Relativamente aos artigos publicados na secção *Mobiliário + Decoração* – criada em Maio de 1964, no número 68 da revista – é possível constatar que aparecem maioritariamente em modo de catálogo, apresentando diversas coleções de designers internacionais. O primeiro artigo desta secção foi dedicado ao mobiliário francês, mostrando criações do *designer* francês Étienne Fermigier. Este artigo refere que mobiliar e decorar um espaço pode constituir um desafio devido à conveniência de que as soluções encontradas permaneçam por muito tempo, influenciando o modo de vida das pessoas. São também destacados os sistemas alemães de mobiliário transformável *IN Wand* e *BMZ*. Desenhado pelo arquiteto e *designer* Herbert Hirche e fabricado por Christian Holzapfel KG, o sistema *IN Wand* é um sistema de elementos pré-fabricados que oferece peças que podem servir ao mesmo tempo funções de armário ou parede, procedendo à divisão de salas através de paredes-armários e paredes-divisórias. Por sua vez, o sistema *BMZ*, desenhado pelo alemão Erwin Behr, é um sistema de móveis desmontáveis em que as prateleiras *standard* isoladas são ligadas à estrutura, sendo estas sustentadas por elementos que asseguram a estabilidade dos móveis. Estes sistemas revelem uma grande vantagem em espaços partilhados, ao criar divisões transformáveis e adaptáveis – sendo também uma referência ao se desenhar um espaço para residência de estudantes.

Por outro lado, são publicados inúmeros artigos expositivos de cadeiras projetadas por *designers* estrangeiros. Refere-se que uma boa cadeira é a síntese de quatro fatores: conceção

estética moderna, conforto, robustez e bom acabamento, destacando-se as cadeiras alemãs de Kusch & Co. GMBH, os modelos do arquiteto Paul Scheneider-Esleben, e a coleção *Gavina*, da Knoll International.

Ao estudar esta secção, é possível concluir que as novas soluções de distribuição dos espaços na habitação moderna levaram a uma alteração do esquema tradicional das várias divisões, e que essas divisões – como o quarto, a sala de jantar, cozinha, escritório e sala de estar – deixam de ser espaços isolados e passam a pertencer à mesma divisão, devido à economia de espaço. Como tal, surge uma necessidade de criar soluções de mobilar os espaços de maneira informal, utilizando móveis de elementos combináveis, como a modulação do mobiliário. O elemento mais afetado com esta alteração foi a sala, que deixa de ser considerada unicamente um espaço de estar, e passa a aglomerar várias funções, como a sala de estar, o canto de refeições ou também o escritório. Por este motivo, passa a ser a divisão que exige mais importância no arranjo da decoração, cujos móveis servem não só a família, mas também as visitas. Por sua vez, faz-se notar que a ideia que se tem relativamente aos quartos é que são um espaço afastado da casa, o recolhimento. Apesar disso, podem também ser espaços com a mesma importância dos outros, na forma, na qualidade e na atmosfera.

A secção *Mobiliário + Decoração* deixa de ser publicada em Dezembro de 1970, dando lugar a uma secção designada por *Design*. O último artigo publicado diz respeito ao *móvel Francês contemporâneo*, um texto que relata a exposição francesa *Meubles et Sièges français*

d'aujourd'hui – inaugurada a 30 de setembro de 1970, na sede do *Mobilier National*, em Paris – e apresenta uma seleção das criações expostas.

Como já referido anteriormente, a análise realizada aos artigos de decoração e mobiliário publicados em *Binário*, tem como objetivo incitar a uma reflexão de mobiliário numa residência de estudantes. Deste modo, foram destacados os artigos publicados referentes mobiliário e decoração de interiores de hotéis presentes na publicação da revista, devido às semelhanças encontradas nos espaços privados (como os seus quartos) e coletivos (como salas de estudo e zonas de lazer) das duas tipologias, os hotéis e as residências. Deste modo, analisou-se o *Royal Hotel* em Copenhaga, o *Hotel Estoril-Sol* em Cascais, o *Hotel Intercontinental* em Frankfurt, o *Hotel Algarve*, o *Hotel Alvor-Praia* e o *Hotel Dona Filipa* no Algarve e o *Hotel Altis* e o *Lisboa Penta Hotel* em Lisboa. Para completar este entendimento, foram investigados outros exemplos fora de *Binário*, introduzindo a este estudo informação específica de espaços reduzidos – a Unidade de Habitação de Marselha, de Le Corbusier – e estudos sobre residências de estudantes.

Após este estudo, foi possível concluir que uma residência de estudantes deve ser projetada de modo a que os residentes a vivam como sendo a sua casa, com o principal objetivo de melhorar a sua qualidade de vida e fornecer recursos que atendem às suas necessidades académicas e sociais, proporcionando um ambiente confortável e aconchegante que transmita segurança e identidade ao aluno. Deste modo, os espaços comuns devem ser privilegiados, funcionando como um espaço de partilha, e os quartos devem dispor de casas de banho privadas

e mobiliário que corresponda às suas necessidades pessoais – uma cama, secretária, arrumação, cozinha e espaço de lazer.

Os espaços comuns têm a importância de facilitar o convívio e integração dos alunos, de modo a permitir a reunião entre os jovens. Devem possuir salas de estar, refeitório, salas de estudo, lavandaria e espaços exteriores. Conforme a pesquisa feita neste trabalho, a sala comum projetada para a residência de estudantes desenvolvida na vertente prática deste trabalho foi pensada de acordo com os princípios abordados por Fernando Jorge Correia em *Binário* (Agosto de 1975), com a construção de desníveis que podem constituir a delimitação de diferentes zonas, sem construir paredes, mantendo a amplitude do espaço. Foram também tidos como exemplo o mobiliário modular desenhado por Kristian Vedel, por ser um mobiliário mutável e adaptável às necessidades de espaço dos estudantes, oferecendo uma flexibilidade que lhes permite organizar o mobiliário e o espaço consoante as suas vontades. Para além destas referências, foram utilizados outros modelos de mobiliário publicados em *Binário*, para esta reflexão de mobiliário: a mesa *Living*, do *designer* francês Étienne Fermigier, as cadeiras de estudo de *Bremshey Gmb H*, e um modelo de cadeira exterior inspirado na cadeira de Kristian Vedel, com a materialidade de uma cadeira de exterior de Ernest Base.

Por sua vez, nos quartos, preferencialmente *singles* ou duplos, valoriza-se que disponham de uma luz natural controlada, para que o espaço pessoal do estudante não se torne num espaço monótono e escuro. Devido aos exemplos de hotéis apresentados em *Binário*, os quartos projetados possuem compartimento de entrada, que dá acesso ao quarto e à casa de banho, e

uma varanda. Em conformidade com os exemplos apresentados ao longo deste trabalho, os quartos foram organizados de modo a permitirem conforto enquanto obedecem às dimensões de um espaço mínimo. Propõe-se que o mobiliário dos quartos seja totalmente transformável pelo seu utilizador, através da introdução de elementos de mobiliário móveis, que permitam ao residente organizar o seu espaço da forma que lhe for mais conveniente, utilizando os módulos disponíveis – uma cama, um móvel de cabeceira, uma secretária, uma cadeira de estudo e uma cadeira de exterior, três módulos de arrumação e uma *kitchnet*. Os módulos de arrumação foram pensados conforme as premissas de Charlotte Perriand na Unidade de Habitação, ao criar elementos de arrumação compostos por um sistema de armários modulares, desenhados a toda a altura do apartamento, atribuindo um carácter funcional que se sobrepõe ao decorativo. Por sua vez, a *kitchnet* foi baseada no modelo de cozinha-armário de Lilly Reich, permitindo um módulo compacto e móvel que, quando fechado, aparente ser apenas um armário.

Por fim, e tendo em consideração os exemplos de hotéis publicados na *Binário*, procurou-se criar uma uniformização em todos os espaços – comuns e privados – padronizando-os com os mesmos pavimentos e revestimentos com a utilização de cores neutras. Um aspeto bastante relevante e comum nos hotéis analisados prende-se com a introdução de elementos artísticos como frisos cerâmicos, tapeçarias, esculturas, vitrines com figuras, vitrais e pinturas, nos seus jogos decorativos. Por este motivo, é também proposto que sejam expostos no edifício da residência – em zonas como a entrada do edifício, as zonas comuns e até nos quartos dos residentes – peças de arte realizadas por alunos de Belas-Artes.

4. Bibliografia

AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. Dissertação de Mestrado.

ALMEIDA, Victor Manuel Marinho de – **O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2009. 76. Tese de Doutoramento.

ALMEIDA, Tiago Alexandre Catarino de – **Arquitectura e Binário, 1940-1979: As (in)visibilidades das mulheres na arquitectura portuguesa**. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017. Dissertação de Mestrado.

ARAÚJO, Angelina Miguel Gomes – **Tendências no Design de Produto. Mobiliária doméstico como paradigma**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2016. Dissertação de Mestrado

ARMAZÉNS GRANDELLA & C.ª. **Restos de Colecção**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

BELENGUER, Maria Melgarejo – **La arquitectura desde el interior, 1925 – 1937 : Lilly Reich y Charlotte Perriand**. Barcelona : VEGAP, 2011. ISBN 978-84-939409-1-1

BIBLIOTECA DE ARTE GULBENKIAN. **Binário**. Lisboa: (Consult. 8 Janeiro 2019) Disponível em WWW:<<https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/publication/binario/>>.

Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. n1 (Abril 1958) a n 215/216 (Fevereiro-Maio 1977).

BORGES, José António Braz – **Eduardo Anahory. Percurso de um designer de arquitectura**. Lisboa, Instituto Superior Técnico, 2010. 5. Dissertação de Mestrado.

CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário**. Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. Tese de Doutoramento.

CHACA, Dante Raúl Najera – **Residencia Universitaria para Estudiantes de Arquitectura no Residente em Lima**. Lima, Facultad de Ingeniería Y Arquitectura, 2017. Tese.

COELHO, DIOGO JOÃO SILVA ROCHA DOS SANTOS – **O contributo de Cruz de Carvalho para a História do design em Portugal**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2013. 18. Dissertação de Mestrado

COMPANHIA DOS GRANDES ARMAZÉNS ALCOBIA. **Restos de Colecção**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2012/11/companhia-dos-grandes-armazens-alcobia.html>>.

ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. Dissertação de Mestrado.

FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017).

FOLZ, Rosana Rita – **Mobiliário na Habitação Popular**. São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2002. Dissertação de Mestrado.

JESUS, Paulo Alexandre Dionísio Ribeiro de – **O limite, o espaço e a paisagem em obras de Manuel Tainha**. Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2015. Dissertação de Mestrado.

MARTÍN, Pablo López – **La Silla de la Discordia. La pequeña escala como campo de experimentación em la modernidade: Breuer, Mies Y Stam**. Madrid, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. Tese de Doutoramento.

MEDINA, Mateo Sebastián Vega – **Diseño de um Conjunto de Residências Universitárias**. Cuenca, Facultad de Arquitectura y Urbanismo, 2015. Tese.

MÓVEIS OLAIO. **Restos de Colecção**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecoleccion.blogspot.com/2015/09/moveis-olaio.html>>.

NAJERA, Dante Raús – **Residencia Universitaria para estudiantes de Arquiteutura no residentes en Lima de la Universidad Nacional de Ingeniería**. Peru, Universidad Nacional de Ingeniería, 2017. Tese.

OTTAVIANO, Valentina. Mobiliario para espacios reducidos y para usuarios jóvenes. **Tableros**. 2525-2589. Nº7 (2016).

PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5.

REIS, Sofia Borges Simões dos – **74-86 Arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa**. Coimbra, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2017. Dissertação de Mestrado.

RESIDÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS – **Rosa dos Ventos**. V.10 N.2 (2018)

RODEIA, Maria Teresa Ribeiro Belo – **O desenho como invenção do real : a pousada de Oliveira do Hospital: o processo projectual em Manuel Tainha**. Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2016. Tese de Doutoramento.

ROMÃOZINHO, Ana Mónica. O Papel da revista “A construção moderna” na difusão de tipologias de mobiliário doméstico sediado na arte nova. **Res Mobilis**. Vol.2. Nº2 (2013).

SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. Dissertação de Mestrado.

SIMÕES, Maria Clara Gaspar – **Perceção da Qualidade e Bem-estar Subjetivo na Residência de uma Escola Superior de Enfermagem**. Coimbra, Escola Superior de Educação, 2018. Dissertação de Mestrado.

SOUTO, Maria Helena – **Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)**. Lisboa: MUDE, 2015.

5. Créditos de Figuras

Figura 1 - CAPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no1 (Abril 1958)

Figura 2 - UM APARTAMENTO POR ALVIN LUSTIG – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no2 (Maio 1958), p.33

Figura 3 - ARQUITETURA DE INTERIORES – EXEMPLOS FINLANDESES – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no2 (Fevereiro 1968), p.82

Figura 4 - CAPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no203 (Outubro 1975)

Figura 5 - SUMÁRIO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no203 (Outubro 1975).

Figura 6 - HOTEL DE PORTO SANTO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no88 (Janeiro 1966), p.28-29

Figura 7 - CAPOMAGGI, Julia – **DOMUS 1948-1978: La conformación del espacio interior doméstico a través del mobiliário**. Barcelona, Universidad Politécnica de Catalunya, 2015. 22. Tese de Doutoramento.

Figura 8 - OTTAVIANO, Valentina. Mobiliario para espacios reducidos y para usuarios jóvenes. **Tableros**. 2525-2589. Nº7 (2016).54.

Figura 9 - FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017).91.

Figura 10 - ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 43. Dissertação de Mestrado.

Figura 11 - ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 121. Dissertação de Mestrado.

Figura 12 - SOUTO, Maria Helena – **Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)**. Lisboa: MUDE, 2015. 23

Figura 13 - SOUTO, Maria Helena – **Ensaio para um Arquivo: O Tempo e a Palavra, Design em Portugal (1960-1974)**. Lisboa: MUDE, 2015. 24

Figura 14 - MARTÍN, Pablo López – **La Silla de la Discordia. La pequeña escala como campo de experimentación em la modernidade: Breuer, Mies Y Stam**. Madrid, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. 45. Tese de Doutoramento.

Figura 15 - MARTÍN, Pablo López – **La Silla de la Discordia. La pequeña escala como campo de experimentación em la modernidade: Breuer, Mies Y Stam**. Madrid, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, 2015. 24. Tese de Doutoramento.

Figura 16 - FOLZ, Rosana Rita – **Mobiliário na Habitação Popular**. São Paulo, Escola de Engenharia de São Carlos, 2002. 61. Dissertação de Mestrado.

Figura 17 - AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. 95. Dissertação de Mestrado.

Figura 18 - AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. 165. Dissertação de Mestrado.

Figura 19 - AFONSO, Inês Nogueira – **Ideia de arquitetura total – relação entre arquitectura e design: dois casos de estudo**. Lisboa, Universidade Lusíada, 2017. 43. Dissertação de Mestrado.

Figura 20 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Armazéns Grandella & C.ª**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecolecao.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

Figura 21 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Armazéns Grandella & C.ª**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecolecao.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

Figura 22 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Armazéns Grandella & C.ª**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecolecao.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

Figura 23 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Armazéns Grandella & C.ª**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecolecao.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

Figura 24 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Armazéns Grandella & C.ª**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecolecao.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

Figura 25 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Armazéns Grandella & C.ª**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecolecao.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

Figura 26 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Companhia dos Grandes Armazéns Alcobia**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecolecao.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

Figura 27 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Companhia dos Grandes Armazéns Alcobia**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://restosdecolecao.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

Figura 28 – RESTOS DE COLEÇÃO. **Companhia dos Grandes Armazéns Alcobia**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:< <https://restosdecolecao.blogspot.com/2014/09/armazens-grandella.html>>.

Figura 29 – EXPOSIÇÃO DA LUZ. LISBOA, PORTUGAL. **Flickr**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:< <https://www.flickr.com/photos/biblarthe/31904179094/in/photostream/>>.

Figura 30 - ENCARNADO, Ana Sofia – **Interiores Domésticos e mobiliário social no contexto português**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2011. 114. Dissertação de Mestrado

Figura 31 – RESTOS DE COLEÇÃO. **Móveis Olaio**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:< <https://restosdecolecao.blogspot.com/2015/09/moveis-olaio.html>>.

Figura 32 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Móveis Olaio**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:< <https://restosdecolecao.blogspot.com/2015/09/moveis-olaio.html>>.

Figura 33 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Móveis Olaio**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:< <https://restosdecolecao.blogspot.com/2015/09/moveis-olaio.html>>.

Figura 34 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Móveis Olaio**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:< <https://restosdecolecao.blogspot.com/2015/09/moveis-olaio.html>>.

Figura 35 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Móveis Olaio**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:< <https://restosdecolecao.blogspot.com/2015/09/moveis-olaio.html>>.

Figura 36 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Móveis Olaio**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:< <https://restosdecolecao.blogspot.com/2015/09/moveis-olaio.html>>.

Figura 37 - RESTOS DE COLEÇÃO. **Móveis Olaio**. Lisboa. (Consult. 21 Agosto 2019) Disponível em WWW:< <https://restosdecolecao.blogspot.com/2015/09/moveis-olaio.html>>.

Figura 38 - COELHO, DIOGO JOÃO SILVA ROCHA DOS SANTOS – **O contributo de Cruz de Carvalho para a História do design em Portugal**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2013. 45. Dissertação de Mestrado.

Figura 39 - COELHO, DIOGO JOÃO SILVA ROCHA DOS SANTOS – **O contributo de Cruz de Carvalho para a História do design em Portugal**. Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2013. 50. Dissertação de Mestrado.

Figura 40 – A VIDA PORTUGUESA. **Lisboa, Cidade Triste e Alegre**. Lisboa. (Consult. 24 Agosto 2019) Disponível em WWW:< https://www.avidaportuguesa.com/loja/catalogo/livraria/lisboa-cidade-triste-e-alegre_3478>.

Figura 41 – SEBASTIÃO SILVA. **Sebastião Silva**. Lisboa. (Consult. 24 Agosto 2019) Disponível em WWW:< http://dc3.fba.ul.pt/marcio_nazareth/Final%20page.html>.

Figura 42 - CAPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no3 (Junho 1958).

Figura 43 – LISBOA ANTIGAMENTE. **Bairro das Estacas, Alvalade**. Lisboa. (Consult. 24 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2016/02/bairro-das-estacas-alvalade.html>>.

Figura 44 - HIDDEN ARCHITECTURE. **Bloco das Águas Livres Housing**. (Consult. 2 Março 2019) Disponível em WWW:<<http://hiddenarchitecture.net/bloco-das-aguas-livres-housing/>>.

Figura 45 - ARCHDAILY. **Clássicos da Arquitetura: Fundação Calouste Gulbenkian**. (Consult. 2 Março 2019) Disponível em WWW <https://www.archdaily.com.br/br/01-8875/classicos-da-arquitetura-fundacao-calouste-gulbenkian-ruy-jervis-dathouguia-pedro-cid-e-alberto-pessoa>>.

Figura 46 - WIKIPÉDIA. **Altar Órgão Igreja Sagrado Coração de Jesus**. (Consult. 24 Agosto 2019) Disponível em WWW:<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Altar_orgao_igreja_sagrado_coracao_jesus_lisboa.jpg>.

Figura 47 – LEÇA DA PALMEIRA. **Símbolos de Leça da Palmeira: Casa de Chá da Boa Nova**. (Consult. 24 Agosto 2019) Disponível em WWW:<<https://www.leca-palmeira.com/leca-da-palmeira-casa-de-cha-da-boa-nova/>>.

Figura 48 - PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. pg. 10

Figura 49 - PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. pg. 10

Figura 50 - PEREIRA, Alexandre Marques – Manuel Tainha. In **Arquitectos Portugueses (Série 2)**. Vila do Conde: Verso da História, 2013. Vol.5. pg. 11

Figura 51 - RODEIA, Maria Teresa Ribeiro Belo – **O desenho como invenção do real : a pousada de Oliveira do Hospital: o processo projectual em Manuel Tainha**. Lisboa, Faculdade de Arquitectura e Artes, 2016. 81. Tese de Doutoramento (Manuel Tainha com os irmãos. Arquivo Manuel Mendes Tainha (cedida por Filipa Tainha)

Figura 52 - CAPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no52 (Janeiro 1963)

Figura 53 - SUMÁRIO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no52 (Janeiro 1963)

Figura 54 - MÓVEIS FRANCESES – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no68 (Maio 1964), p. 291

Figura 55 - CAPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964)

Figura 56 - MOBILIÁRIO E DESIGN – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no152 (Maio 1971), p. 301

Figura 57 - 1ª exposição do design português. Lisboa: INII, 1971. p. 129

Figura 58 - CAPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no200 (Maio/Junho 1975)

Figura 59 - DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no1 (Abril 1958), p.24

Figura 60 - DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no5 (Agosto 1958), p.33

Figura 61 - DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no5 (Agosto 1958), p.33

Figura 62 - DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no5 (Agosto 1958), p.33

Figura 63 – FINN JUHL E O MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 5 (Agosto 1958), p.7

Figura 64 – FINN JUHL E O MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 5 (Agosto 1958), p.7

Figura 65 – FINN JUHL E O MOBILIÁRIO DINAMARQUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 5 (Agosto 1958), p.7

Figura 66 – MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 106 (Julho de 1967), p.38

Figura 67 – MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 106 (Julho de 1967), p.39

Figura 68 – MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 106 (Julho de 1967), p.39

Figura 69 – MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 106 (Julho de 1967), p.39

Figura 70 – MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 106 (Julho de 1967), p.40

Figura 71 – MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 106 (Julho de 1967), p.40

Figura 72 – MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 106 (Julho de 1967), p.39

Figura 73 - MOBILIÁRIO “MODUS” – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no75 (Dezembro 1964), p.375-376

Figura 74 - MOBILIÁRIO MODULADO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964), p.270

Figura 75 - MOBILIÁRIO MODULADO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964), p.270

Figura 76 - MOBILIÁRIO MODULADO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964), p.272

Figura 77 - MOBILIÁRIO MODULADO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964), p.272

Figura 78 - MOBILIÁRIO MODULADO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964), p.273

Figura 79 – MOBILIÁRIO MODULADO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no74 (Novembro 1964), p.273

Figura 80 - FEIRA ESCANDINAVA DE MOBILIÁRIO 1969 – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 130 (Agosto 1969), p.45

Figura 81 - FEIRA ESCANDINAVA DE MOBILIÁRIO 1969 – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 130 (Agosto 1969), p.46

Figura 82 - FEIRA ESCANDINAVA DE MOBILIÁRIO 1969 – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 130 (Agosto 1969), p.48

Figura 83 - FEIRA ESCANDINAVA DE MOBILIÁRIO 1969 – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 130 (Agosto 1969), p.49

Figura 84 - 1ª FEIRA ALEMÃ DO MÓVEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 127 (Abril 1969), p.563

Figura 85 - 1ª FEIRA ALEMÃ DO MÓVEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 127 (Abril 1969), p.564

Figura 86 - 1ª FEIRA ALEMÃ DO MÓVEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 127 (Abril 1969), p.565

Figura 87 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª EXPOSIÇÃO DE DESIGN PORTUGUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 152 (Maio 1971), p.307.

Figura 88 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª EXPOSIÇÃO DE DESIGN PORTUGUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 152 (Maio 1971), p.307.

Figura 89 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª EXPOSIÇÃO DE DESIGN PORTUGUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 152 (Maio 1971), p.306.

Figura 90 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª EXPOSIÇÃO DE DESIGN PORTUGUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 152 (Maio 1971), p.308.

Figura 91 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª EXPOSIÇÃO DE DESIGN PORTUGUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 152 (Maio 1971), p.308.

Figura 92 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª EXPOSIÇÃO DE DESIGN PORTUGUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 152 (Maio 1971), p.308.

Figura 93 - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A 1ª EXPOSIÇÃO DE DESIGN PORTUGUÊS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 152 (Maio 1971), p.309.

Figura 94 - MÓVEIS FRANCESES – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 68 (Maio 1964), p.291.

Figura 95 - MÓVEIS FRANCESES – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 68 (Maio 1964), p.292.

Figura 96 - MÓVEIS FRANCESES – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 68 (Maio 1964), p.293.

Figura 97 - MÓVEIS FRANCESES – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 68 (Maio 1964), p.293.

Figura 98 - A FUNÇÃO DO MÓVEL TRANSFORMÁVEL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 70 (Julho 1964), p.48.

Figura 99 - A FUNÇÃO DO MÓVEL TRANSFORMÁVEL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 70 (Julho 1964), p.48.

Figura 100 - A FUNÇÃO DO MÓVEL TRANSFORMÁVEL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 70 (Julho 1964), p.49.

Figura 101 - A FUNÇÃO DO MÓVEL TRANSFORMÁVEL NA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 70 (Julho 1964), p.49

Figura 102 - A PAREDE QUE É ARMÁRIO, O ARMÁRIO QUE É PAREDE – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 72 (Setembro 1964), p.171.

Figura 103 - O SISTEMA BMZ DE MÓVEIS DE PAREDE DESMONTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 73 (Outubro 1964), p.237.

Figura 104 - CADEIRAS E MESAS– Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 69 (Junho 1964), p.355.

Figura 105 - MOBILIÁRIO DE POUL KJAERHOLM– Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 71 (Agosto 1964), p.107.

Figura 106 - CADEIRAS DINAMARQUESAS– Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 71 (Agosto 1964), p.108.

Figura 107 - CADEIRAS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 80 (Maio 1965), p.691.

Figura 108 - MÓVEIS DE BREMSHEY GMB H– Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 71 (Agosto 1964), p.106.

Figura 109 - MOBILIÁRIO DE PAUL SCHNEIDER-ESLEBEN – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no 107 (Agosto 1967), p.87.

Figura 110 - UMA COLECÇÃO PARA O NOSSO TEMPO – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento.** no134 (Novembro 1969), p.226.

Figura 111 - UMA COLECÇÃO PARA O NOSSO TEMPO – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no134 (Novembro 1969), p.226.

Figura 112 - UMA COLECÇÃO PARA O NOSSO TEMPO – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no134 (Novembro 1969), p.227.

Figura 113 - A SALA – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no94 (Junho 1966), p.44.

Figura 114 - MOBILIÁRIO DE SALA – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no89 (Fevereiro 1966), p.95.

Figura 115 - MÓVEIS DE SALA – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no73 (Outubro 1964), p.238.

Figura 116 - SALAS – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no80 (Maio 1965), p.693.

Figura 117 - SALA DE JANTAR A UM CANTO... – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no128 (Maio 1969), p.604.

Figura 118 - MESAS EXTENSÍVEIS – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no78 (Março 1965), p.567.

Figura 119 - O CANTO DE REFEIÇÕES – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no117 (Junho 1968), p.339.

Figura 120 - MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no84 (Setembro 1965), p.933.

Figura 121 - MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no84 (Setembro 1965), p.933.

Figura 122 - MOBILIÁRIO DE PAUL SCHNEIDER-ESLEBEN – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no109 (Outubro 1967), p.205.

Figura 123 - ILUMINAÇÃO – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no88 (Janeiro 1966), p.36.

Figura 124 - ILUMINAÇÃO – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no88 (Janeiro 1966), p.37.

Figura 125 - ILUMINAÇÃO – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento.** no88 (Janeiro 1966), p.38.

Figura 126 - ILUMINAÇÃO E A COR NO LOCAL DE TRABALHO– Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no136 (Janeiro 1970), p.20.

Figura 127 - ILUMINAÇÃO E A COR NO LOCAL DE TRABALHO– Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no136 (Janeiro 1970), p.21.

Figura 128 - O MÓVEL FRANCÊS CONTEMPORÂNEO – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no147 (Dezembro 1970), p.256-258.

Figura 129 - UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 42 (Março 1962), p.206.

Figura 130 - UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 42 (Março 1962), p.204.

Figura 131 - UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 42 (Março 1962), p.204.

Figura 132 - UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 42 (Março 1962), p.204.

Figura 133 - UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 42 (Março 1962), p.207.

Figura 134 - UM HOTEL NA DINAMARCA – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 42 (Março 1962), p.208.

Figura 135 - A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.361.

Figura 136 - A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.362.

Figura 137 - A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.363.

Figura 138 - A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.364.

Figura 139 - A DECORAÇÃO INTERIOR DO HOTEL ESTORIL-SOL – Binário. **Revista de Architectura, Construção e Equipamento**. no 75 (Março 1964), p.364.

Figura 140 - HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 76 (Janeiro 1965), p.439.

Figura 141 - HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 76 (Janeiro 1965), p.440.

Figura 142 - HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 76 (Janeiro 1965), p.440.

Figura 143 - HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 76 (Janeiro 1965), p.440.

Figura 144 - HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 76 (Janeiro 1965), p.441.

Figura 145 - HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 76 (Janeiro 1965), p.441.

Figura 146 - HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 76 (Janeiro 1965), p.439.

Figura 147 - DECORAÇÃO DO HOTEL INTERCONTINENTAL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 79 (Abril 1965), p.625.

Figura 148 - HOTEL ALGARVE – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 107 (Julho 1967), p.64.

Figura 149 - HOTEL ALGARVE – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 107 (Julho 1967), p.63.

Figura 150 - HOTEL ALGARVE – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 107 (Julho 1967), p.63.

Figura 151 - HOTEL ALGARVE – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 107 (Julho 1967), p.65.

Figura 152 - A DECORAÇÃO DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.138.

Figura 153 - A DECORAÇÃO DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.138.

Figura 154 - PROBLEMAS ARQUITETÓNICOS DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.126.

Figura 155 - A DECORAÇÃO DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.137.

Figura 156 - A DECORAÇÃO DO HOTEL ALVOR-PRAIA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 114 (Março 1968), p.136.

Figura 157 - HOTEL ALVOR-PRAIA – **Arquitectura**. no 100 (Novembro/ Dezembro 1967), p.252.

Figura 158 - HOTEL ALVOR-PRAIA – **Arquitectura**. no 100 (Novembro/ Dezembro 1967), p.253.

Figura 159 - DECORAÇÃO DO HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.34.

Figura 160 - DECORAÇÃO DO HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.35.

Figura 161 - DECORAÇÃO DO HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.36.

Figura 162 - DECORAÇÃO DO HOTEL DONA FILIPA – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 118 (Julho 1968), p.36.

Figura 163 - HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.70.

Figura 164 - HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.71.

Figura 165 - HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.77.

Figura 166 - HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.77.

Figura 167- HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.72.

Figura 168 - HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.72.

Figura 169 - HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.74.

Figura 170 - HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.75.

Figura 171 - HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.74.

Figura 172 - HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.74.

Figura 173 - HOTEL ALTIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 197 (Fevereiro 1975), p.74.

Figura 174 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.451.

Figura 175 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.450.

Figura 176 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.451.

Figura 177 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.448.

Figura 178 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.449.

Figura 179 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.449.

Figura 180 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.450.

Figura 181 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.449.

Figura 182 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.450.

Figura 183 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.450.

Figura 184 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.450.

Figura 185 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.448.

Figura 186 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.450.

Figura 187 - LISBOA PENTA HOTEL – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 204 (Dezembro 1975), p.450.

Figura 188 - SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 99. Dissertação de Mestrado.

Figura 189 - BELENGUER, Maria Melgarejo – **La arquitectura desde el interior, 1925 – 1937 : Lilly Reich y Charlotte Perriand**. Barcelona : VEGAP, 2011. ISBN 978-84-939409-1-1. p. 166

Figura 190 - MOMA. **Lilly Reich** (Consult. 14 Setembro 2019) Disponível em WWW:<<https://www.moma.org/collection/works/107237>>.

Figura 191 - SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 113. Dissertação de Mestrado.

Figura 192 - SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 114. Dissertação de Mestrado.

Figura 193 - SILVA, Maria Cristina Vieira Araújo Soares – **Articulação de Saberes na Unidade de Habitação de Marselha**. Matosinhos, Escola Superior De Artes e Design, 2011. 114. Dissertação de Mestrado.

Figura 194 - FERNÁNDEZ, María Villanueva. VILLARÍAS, Héctor García-Diego. Arquitectura, Mobiliario e proyecto pedagógico: El Pabellón de la Residencia de Señoritas Estudiantes, 1932-1933. **RA. Revista de Arquitectura**. Vol.19 (2017).91.

Figura 195 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 196 – MOBILIÁRIO “MODUS” – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no75 (Dezembro 1964), p.375-376

Figura 197 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 198 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 199 – MÓVEIS FRANCESES – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 68 (Maio 1964), p.291.

Figura 200 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019. Figura 201 – Imagem da autora.

Figura 202 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019..

Figura 203 – MÓVEIS DE BREMSHEY GMB H– Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 71 (Agosto 1964), p.106.

Figura 204 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 205 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 206 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 207 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 208 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 209 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 210 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 211 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 212 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 213 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 214 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 215 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 216 – MÓVEIS DINAMARQUESES – QUEM OS PROJECTA? – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no 106 (Julho de 1967), p.39

Figura 217 – DESENHO DE CADEIRAS CONFORTÁVEIS – Binário. **Revista de Arquitectura, Construção e Equipamento**. no5 (Agosto 1958), p.33

Figura 218 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 219 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 220 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 221 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 222 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 223 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

Figura 224 – Imagem da autora. Imagem 3D. Realizado a 5 de Outubro de 2019.

6. Anexos

A - Tabela de mapeamento da informação recolhida da revista *Binário*.

Nome Artigo	Edição	Ano	Mês	Página	Fotografia	Autor	Categoria	Director	Seleção 1
Uma cozinha moderna	1	1958	Abril		DSC_0072		Publicidade	Arq. Manuel Tainha	
Mobiliário de escritório	1	1958	Abril		DSC_0073		Publicidade	Eng. Jovito Tainha	
Lava Loijas / Estores	1	1958	Abril		DSC_0077		Publicidade		
Espelhos refletores	1	1958	Abril		DSC_0078		Publicidade		
Desenho de Cadeiras confortáveis	1	1958	Abril	24-26	DSC_0091	Dargan Bullivant	Artigo		1.1
Instituto de Beleza	1	1958	Abril	29	DSC_0093	Conceição Silva e San	Artigo		
Ascensores	1	1958	Abril	39	DSC_0098	Edward Parker	Artigo		
Frigoríficos de Embutir	1	1958	Abril	43	DSC_0101		Noticias		
Um apartamento por Alvin Lustig	2	1958	Maio	31-37	DSC_0132	Olga Gueif	Artigo		4.2
Puxadores	2	1958	Maio	38	DSC_0136		Noticias		
Normalização de Portas	3	1958	Junho	21-25	DSC_0159	Ruy José Gomes	Artigo		
Ascensores	3	1958	Junho	26-28	DSC_0162	Edward Parker	Artigo		
Novo tipo de Azulejos à venda	3	1958	Junho	45	DSC_0172		Noticias		
Novos desenhos de aparelhos sanitários - Lavabos	3	1958	Junho	45	DSC_0172		Noticias		
Nova aplicação dos estores de lâminas metálicas	4	1958	Julho	46	DSC_0210		Noticias		
Finn Juhl e o mobiliário dinamarquês	5	1958	Agosto	2 -> 7	DSC_0222	Bent Salicath	Artigo		2.3
O desenho de cadeiras confortáveis	5	1958	Agosto	32-34	DSC_0238	Dargan Bullivant	Artigo		1.4
Blocos de habitação de Langham House	8.9	1958	Novembro/Dezembro	23	DSC_0325	James Stirling, James	Artigo		
Produção de globos em plástico	10	1959	Janeiro	51	DSC_0032		Artigo		
Warente, interiores modernos	10	1959	Janeiro		DSC_0036		Publicidade		
Vantagens das persianas em plástico	12	1959	Setembro	35	DSC_0098		Publicidade	Eng. Anibal S. A. Vieira	
Decor - artigos de menage	12	1959	Setembro		DSC_0104		Publicidade		
Portas e conjuntos de vidro	13	1959	Outubro		DSC_0108		Publicidade		
Móveis e cadeiros suíços	19	1960	Abril		DSC_0291		Artigo		2.5
Sociedade de decorações	22	1960	Julho		DSC_0388		Publicidade		
Frank Lloyd Wright aproximou-nos da arte oriental?	25	1960	Outubro	344-348	DSC_0450	Luís Boróbio	Artigo		
GALA-Frigoríficos	26	1960	Novembro		DSC_0493		Publicidade		
S.I.C.O.B 1960 - salão internacional de equipamento de escritório.	27	1960	Dezembro	430-434	DSC_0510		Artigo		
A Casa Veludo	28	1961	janeiro		DSC_0002		Publicidade		
Cadeira "result"	30	1961	Março		DSC_0011		Publicidade		
Mobiliário a preços acessíveis	34	1961	Julho	413	DSC_0025		Noticias		2.157

Nome Artigo	Edição	Ano	Mês	Página	Fotogra	Autor	Categoria	Diretor	Seleção 1
Estruturas metálicas para instalações modernas e práticas	35	1961	Agosto		DSC_0027		Publicidade		
A sede e posto clínico de uma companhia de seguros	36	1961	Setembro	537-544	DSC_0031	Carlos Antero Ferrel	Artigo		
Sunway - Estores	37	1961	Outubro		DSC_0038		Publicidade		
Multicrome	38	1961	Novembro		DSC_0041		Publicidade		
Iluminação - material decorativo	39	1961	Dezembro		DSC_0043		Publicidade		
Alcatifa sintética	40	1962	Janeiro		DSC_0048		Publicidade		
Ornamento - Vidros Pilkington para desoreção e decoração	40	1962	Janeiro		DSC_0049		Publicidade		
Warentite, Plásticos de Revestimento	40	1962	Janeiro		DSC_0050		Publicidade		
Fornhaga - Mosaicos de Plástico	42	1962	Março		DSC_0055		Publicidade		
Casa Veludo - Sociedade de decorações	42	1962	Março		DSC_0056		Publicidade		
Um Hotel na Dinamarca	42	1962	Março	197-208	DSC_0058	Anibal S.A. Vieira	Artigo		3.6
A Casa da Família Williams	44	1962	Maio	333-337	DSC_0070	Wurster, Bernardi e B.	Artigo		4.7
Morada em Denver	46	1962	Julho	471-475	DSC_0077	arq. Charles S. Sink	Artigo		4.8
Uma Decoração	48	1962	Setembro		DSC_0084	arq. Carlos Antero Fer	Artigo		
Habitações para estudantes casados	63	1963	Dezembro	696-699	DSC_0129	Paul Rudolph	Artigo		3.9
Decorações da Faculdade de Ciência de Marselha	64	1964	Janeiro	52-54	DSC_0133	Jacques Montier	Artigo		
Escritórios e atelier de Weber & Fairfax	65	1964	Fevereiro	90-91	DSC_0137	Weber & Fairfax	Artigo		
Decoração de interiores de um Banco em Nova Iorque	65	1964	Fevereiro	100-102	DSC_0138	Skidmore Owings & M	Artigo		
Mobiliário ao carregar de um botão	66	1964	Março	186	DSC_0147		Noticias		
Móveis Franceses	68	1964	Maio	291-293	DSC_0152		Mobiliário + Decoração		2.10
Residência em Calremont	69	1964	Junho	328-330	DSC_0156	Richard J. Neutra	Artigo		4.11
Morada da família de Friedland	69	1964	Junho	331-334	DSC_0157	Richard J. Neutra	Artigo		4.12
Casa de um Arquitecto	69	1964	Junho	347-348	DSC_0161	Edward J. Mathews	Artigo		4.13
Cadeiras e Mesas de Kush & Co. GMBH	69	1964	Junho	353	DSC_0163		Mobiliário + Decoração		2.14
A Função do móvel transformável na organização do espaço	70	1964	Julho	47-49	DSC_0167		Mobiliário + Decoração		1.15
Móveis de Bredmshey GmbH	71	1964	Agosto	105-106	DSC_0171		Mobiliário + Decoração		2.16
Mobiliário de Poul Kjaerholm	71	1964	Agosto	107-108	DSC_0172		Mobiliário + Decoração		2.17
Corrêa D'Abreu - Mobílias Nórdicas	72	1964	Setembro		DSC_0176		Publicidade		
A Parede que é armário. O armário que é parede	72	1964	Setembro	173-172	DSC_0178		Mobiliário + Decoração		1.18
Mobiliário para escritório e habitação	72	1964	Setembro	173-174	DSC_0179		Mobiliário + Decoração		1.19
O sistema BMZ de móveis de parede desmontáveis	73	1964	Outubro	237	DSC_0185		Mobiliário + Decoração		1.20
Móveis de estar	73	1964	Outubro	238	DSC_0186		Mobiliário + Decoração		1.21
Escavanhinas	73	1964	Outubro	238	DSC_0186		Mobiliário + Decoração		1.22
Mobiliário Modulado	74	1964	Novembro	270-273	DSC_0190	Dieter Waackertlin, VS	Artigo		1.23
Chaminés e o seu aquecimento	74	1964	Novembro	274-277	DSC_0192		Artigo		
O segredo de design dinamarques	74	1964	Novembro	278-283	DSC_0194	Steffen Raus	Artigo		2.24
O livro e o móvel	74	1964	Novembro	285-287	DSC_0197	H. M. Witzemann e W	Artigo		1.25
O projeto fisiológico de cadeiras de descanso	74	1964	Novembro	289-294	DSC_0199	E. Grandjean e U. Buri	Artigo		1.26
Escultura e Pintura integradas na arquitetura	74	1964	Novembro	296-299	DSC_0203		Artigo		4.27

Nome Artigo	Edição	Ano	Mês	Página	Fotogra	Autor	Categoria	Diretor	Seleção 1
A decoração interior do Hotel Estoril-Sol	75	1964	Dezembro	361-366	DSC_0219	José Espinho	Artigo		3.28
Mobiliário "Modus"	75	1964	Dezembro	375-377	DSC_0223	Kristian Vedel	Mobiliário + Decoração		1.29
Hotel Intercontinental	76	1965	Janeiro	437-441	DSC_0228	O. Apel e H. Beckert	Artigo		3.30
Cadeiras	77	1965	Fevereiro	521-522	DSC_0234		Mobiliário + Decoração		1.31
Morada de um Banqueiro (Japão)	78	1965	Março		DSC_0238	Takenaka komuten Co	Artigo		4.32
Móveis extensíveis	78	1965	Março	567-168	DSC_0239		Mobiliário + Decoração		1.33
Mobiliário de Lubke & Rolf	78	1965	Março	569	DSC_0240		Mobiliário + Decoração		+
Decoração do Hotel Intercontinental	79	1965	Abril	624-625	DSC_0243		Mobiliário + Decoração		3.35
Cadeiras (Gedrunder Thonet AG/ Alemanha)	80	1965	Maio	691	DSC_0246		Mobiliário + Decoração		2.36
Salas (Érton, Paris)	80	1965	Maio	692-693	DSC_0247		Mobiliário + Decoração		2.37
A habitação e o homem actual	82	1965	Julho	809-811	DSC_0252		Mobiliário + Decoração		
O "Design centre" de bruehas	83	1965	Agosto	875-878	DSC_0256		Mobiliário + Decoração		2.38
Mobiliário de escritório	84	1965	Setembro	933-936	DSC_0261		Mobiliário + Decoração		1.39
Mobiliário Dinamarquês	84	1965	Setembro	936	DSC_0263		Mobiliário + Decoração		2.40
Design da Holanda	85	1965	Outubro	1001-1002	DSC_0266		Mobiliário + Decoração		2.158
Mobiliário Filandês	85	1965	Outubro	1003	DSC_0267		Mobiliário + Decoração		2.159
Hotel de Porto Santo	88	1966	Janeiro	28-31	DSC_0270	Pedro Cid	Artigo		3.41
Iluminação	88	1966	Janeiro	35-39	DSC_0272		Mobiliário + Decoração		1.42
O falso na arquitetura e na decoração	89	1966	Fevereiro		71 DSC_0278	Luís Boróbio	Artigo		1.43
A parede viva	89	1966	Fevereiro	73-80	DSC_0279		Artigo		4.44
Mobiliário de Sala	89	1966	Fevereiro	95-97	DSC_0284		Mobiliário + Decoração		1.45
Cozinhas	90	1966	Março	163-165	DSC_0296		Mobiliário + Decoração		2.46
O Grupo Np2 (torino)	91	1966	Abril	221-223	DSC_0300		Mobiliário + Decoração		
Mobiliário Norueguês	92	1966	Maio	279-281	DSC_0304		Mobiliário + Decoração		2.47
Teatro Villaret - projeto da decoração	93	1966	Junho	314-319	DSC_0308	Daciano Monteiro da	Artigo		
A sala	94	1966	Julho	43-45	DSC_0313		Mobiliário + Decoração		2.48
Dinamarca (40 anos de projeto e exposições de mobiliário)	95	1966	Agosto	91-93	DSC_0317		Mobiliário + Decoração		2.160
Exposição do 40º aniversário da Federação dos Fabricantes de Mob	95	1966	Agosto	106	DSC_0319		Notícias		2.161
O centro de Construção de Atenas	96	1966	Setembro	149-151	DSC_0322		Mobiliário + Decoração		
Mobiliário Infatil	97	1966	Outubro	203-205	DSC_0326		Mobiliário + Decoração		
Móveis de Itália	100	1967	Janeiro	379-380	DSC_0334		Mobiliário + Decoração		2.49
Casa de férias na Suíça	101	1967	Fevereiro	424-426	DSC_0339	Bruno Onneger	Artigo		
Cortinas	102	1967	Março	493-495	DSC_0343		Mobiliário + Decoração		
Feira de Mobiliário da Escandinávia 1967	102	1967	Março	511	DSC_0345		Notícias		
Decoração Mural	103.104	1967	Abril/ Maio	555-557	DSC_0348		Mobiliário + Decoração		4.101
A utilidade das gavetas	103.104	1967	Abril/ Maio	558	DSC_0350		Mobiliário + Decoração		1.102

Nome Artigo	Edição	Ano	Mês	Página	Fotografia	Autor	Categoria	Director	Seleção 1
Fábrica Jerónimo Osório de Castro	105	1967	Junho		D5C_0352		Publicidade		
Cariátide, Mobiliário moderno	105	1967	Junho		D5C_0353		Publicidade		
Feira do Mobiliário Escandinavo 67º	105	1967	Junho	586	D5C_0355		Artigo		2.162
O 19º salão de mobiliário dinamarquês	105	1967	Junho	587-597	D5C_0355		Artigo		2.163
Móveis para um viver democrático	105	1967	Junho	598-603	D5C_0361	Ulf Hard of Segertad	Artigo		
O Mobiliário Nórdico	105	1967	Junho	604-607	D5C_0364	Kare Willoch	Artigo		2.103
Situação actual da indústria do mobiliário na Finlândia	105	1967	Junho	609-612	D5C_0366		Artigo		2.104
Transição do mobiliário	105	1967	Junho	613-614	D5C_0368		Artigo		2.105
O centro comercial de Hamburgo	106	1967	Julho	23-25	D5C_0372		Mobiliário + Decoração		
Móveis dinamarqueses	106	1967	Julho	38-40	D5C_0374		Artigo		2.106
Hotel Algarve	107	1967	Agosto	58-65	D5C_0378	Raul Tojal	Artigo		3.107
Mobiliário de Paul Schneider-Esleben - 1. Cadeiras	107	1967	Agosto	87-89	D5C_0382		Mobiliário + Decoração		1.108
Mobiliário de Paul Schneider-Esleben - 2. móveis para escritório	109	1967	Outubro	205-207	D5C_0389		Mobiliário + Decoração		1.109
Harmonia da decoração	109	1967	Outubro	208	D5C_0391		Artigo		1.110
Design Centre - Bruehas	110	1967	Novembro	255-256	D5C_0395		Mobiliário + Decoração		
Uma projectista finlandesa	111	1967	Dezembro	317	D5C_0399		Mobiliário + Decoração		
Mesas de Sala	113	1968	Fevereiro	79-80	D5C_0405		Mobiliário + Decoração		1.111
Arquitetura de Interiores - Exemplos Finlandeses	113	1968	Fevereiro	81-85	D5C_0406	Marika Hansen	Artigo		2.112
A decoração do Hotel Alvor-Praia	114	1968	Março	136-138	D5C_0415	J.P. Vicente da Silva	Artigo		3.113
Feira Internacional do Móvel, Colónia 1968	114	1968	Março	144	D5C_0417		Artigo		
Cadeiras	114	1968	Março	153-154	D5C_0418		Mobiliário + Decoração		1.114
Como animar uma parede - estantes escandinavas	115	1968	Abril	189-190	D5C_0422		Mobiliário + Decoração		2.164
O projecto de decoração interior e mobiliário do novo Casino do Est	116	1968	Maio	242-245	D5C_0426	Filipe Nobre de Figueiredo	Artigo		
Móveis Sousa Braga	116	1968	Maio		D5C_0428		Publicidade		
O canto de refeições	117	1968	Junho	339-340	D5C_0431		Mobiliário + Decoração		1.115
Hotel Dona Filipa	118	1968	Julho	26-28	D5C_0435	J.C Ferreira da Silva	Artigo		
Decoração do Hotel Filipa	118	1968	Julho		D5C_0440	Duarte Pinto Coelho	Artigo		3.116
A Feira escandinava de mobiliário 1968. 1ª Parte - Suécia	118	1968	Julho	44-47	D5C_0442		Artigo		2.165
A feira escandinava de mobiliário 1968. 2ª Parte - Dinamarca	119	1968	Agosto	80-81	D5C_0446		Artigo		2.166
As casas de férias e o seu equipamento - o caso escandinavo	119	1968	Agosto	93-95	D5C_0447		Mobiliário + Decoração		2.167
A feira escandinava de mobiliário 1968. 3ª Parte - Noruega	120	1968	Setembro	146-147	D5C_0451		Artigo		2.168
A moda e o móvel	120	1968	Setembro	151-152	D5C_0452		Mobiliário + Decoração		1.117
A feira escandinava de mobiliário 1968. 4ª Parte - Finlândia	121	1968	Outubro	211-213	D5C_0458		Artigo		2.169
Uma nova forma de arte - "murais vivos"	121	1968	Outubro	211-212	D5C_0460		Mobiliário + Decoração		4.118
A tapeçaria e a arquitetura	122	1968	Novembro	279-280	D5C_0464		Mobiliário + Decoração		
Um estilo Hanséico	123	1968	Dezembro	337-339	D5C_0469	J. Barrento	Mobiliário + Decoração		
Quarto para jovem e quarto infantil	124	1969	Janeiro	391-392	D5C_0473		Mobiliário + Decoração		1.119
Feira Escandinava de Mobiliário 1969	124	1969	Janeiro	400	D5C_0475		Notícias		
Mobiliário para as instalações do B.N.U. em timor - uma concepção	125	1969	Fevereiro		D5C_0478		Artigo		
Novos tecidos para mobiliário	125	1969	Fevereiro	445-446	D5C_0479		Mobiliário + Decoração		
Nova loja de mobiliário em Lisboa	125	1969	Fevereiro	455	D5C_0481		Notícias		

Nome Artigo	Edição	Ano	Mês	Página	Fotografia	Autor	Categoria	Diretor	Seleção 1
3ª feira alemã do móvel	127	1969	Abril	563-565	DSC_0486		Mobiliário + Decoração		2.170
Salão Internacional do móvel 1970 (Colónia)	127	1969	Abril	582	DSC_0488		Notícias		2.171
Interiores - Estar	128	1969	Maio	599-606	DSC_0491		Artigo		1.120
Novos móveis... Nova casa	128	1969	Maio	636	DSC_0496		Notícias		1.121
Tapeçarias e painéis murais	129	1969	Junho	675-677	DSC_0579		Mobiliário + Decoração		
Hotel Diplomático, Lisboa	130-131	1969	Julho/Agosto		DSC_0499	Fernando Rafael Miran	Artigo		
Feira Escandinava de Mobiliário 1969	130-131	1969	Julho/Agosto	45-49	DSC_0502		Mobiliário + Decoração		2.172
Design na Alemanha	132	1969	Setembro	93-96	DSC_0507		Mobiliário + Decoração		
Arte na Arquitetura	133	1969	Outubro	185-188	DSC_0512		Mobiliário + Decoração		
Joachim Mitrnitsky - Decorações, lda.	134	1969	Novembro		DSC_0516		Publicidade		
Uma coleção para o nosso tempo	134	1969	Novembro	225-228	DSC_0518		Mobiliário + Decoração		1.122
Iluminação e cor no local de trabalho	136	1970	Janeiro	19-21	DSC_0525		Mobiliário + Decoração		1.123
Feira Escandinava de Mobiliário 1970	136	1970	Janeiro	46	DSC_0527		Notícias		
Aeroporto de Schiphol (amsterdão) - Interiores	137	1970	Fevereiro	62-66	DSC_0530	Kho Liang le	Artigo		
A propósito do "Salon des artistes décorateurs 1969"	137	1970	Fevereiro		DSC_0533		Artigo		
O valor da decoração e da forma na modulação do espaço (Itália)	137	1970	Fevereiro	89	DSC_0536	Augusto P. Brandão	Artigo		4.124
Salão Internacional do móvel (Colónia)	139	1970	Abril	201-202	DSC_0542		Mobiliário + Decoração		2.172
Uma nova série de candeeiros	139	1970	Abril	203	DSC_0543		Design		
Seldex - Mobiliário de escritório	140	1970	Maio		DSC_0546		Notícias		
Interiores modernos	140	1970	Maio	268	DSC_0548		Livros		
Feira Escandinava de Mobiliário - Dinamarca	142-143	1970	Julho/Agosto	33-35	DSC_0553		Mobiliário + Decoração		2.173
Feira Escandinava de Mobiliário 1970 - Finlândia	144	1970	Setembro	91-94	DSC_0557		Mobiliário + Decoração		2.174
Feira Escandinava de Mobiliário 1970 - Noruega	145	1970	Outubro	153-155	DSC_0562		Mobiliário + Decoração		2.175
Apartamento: Jovem e bem humorado	145	1970	Outubro	156	DSC_0564		Artigo		4.125
Fábrica de tapetes Vitória	146	1970	Novembro		DSC_0567		Publicidade		
Uma loja no Porto	146	1970	Novembro	207-210	DSC_0568	Ghislaine Losy	Artigo		
Jean Gubellini - Escultura para a arquitetura	146	1970	Novembro	211-212	DSC_0570		Mobiliário + Decoração		
O Móvel francês contemporâneo	147	1970	Dezembro	255-258	DSC_0574		Mobiliário + Decoração		2.126
Lusodex - Equipamento metálico para escritórios	148	1971	Janeiro		DSC_0582		Publicidade		
A indústria portuguesa de mobiliário de madeira	149	1971	Fevereiro	115	DSC_0587		Artigo		2.127
Interforma - Equipamento de interiores, lda	150	1971	Março		DSC_0590		Publicidade		
Mobiliário de design	151	1971	Maio		DSC_0596	Antero Ferreira	Design		2.128
Algumas considerações sobre a 3ª exposição de design português	152	1971	Maio	304-311	DSC_0598		Artigo		2.129
Feira Escandinava de Mobiliário 1971	158	1971	Novembro	593-598	DSC_0616	Svend Erik Lory	Artigo		2.176
VII Congresso Internacional do ICSID	159	1971	Dezembro	639-640	DSC_0622	João Constantino	Design		
3ª FILEME	159	1971	Dezembro	640-641	DSC_0623	João Constantino	Design		
Exposição - Colóquio do Design Italiano	159	1971	Dezembro	642-643	DSC_0624	João Constantino	Design		
Feira Escandinava de Mobiliário 1971	159	1971	Dezembro	646-648	DSC_0625		Artigo		2.177

Nome Artigo	Edição	Ano	Mês	Página	Fotografia	Autor	Categoria	Director	Seleção 1
O Design Inglês recente	162	1972	Março	153-156	DSC_0636		Design		
Poltrona para Brasília	163	1972	Abril	212	DSC_0642		Design		2.178
Salão Internacional do móvel - Colónia 72	164-165	1972	Maio/Junho	259-261	DSC_0645		Design		2.179
Desafio à Indústria Portuguesa do mobiliário	167-168	1972	Agosto/Setembro	378-379	DSC_0652		Artigo		2.130
Problemas de espaço	169	1972	Outubro	430-431	DSC_0655		Artigo		4.131
Viver numa sala	171	1972	Dezembro	542-543	DSC_0660		Artigo		4.132
Exposição de "design gráfico em Itália"	171	1972	Dezembro	544	DSC_0661		Artigo		2.133
Designers portugueses no Brasil/ 2ª Exposição de Design Português	172-173	1973	Janeiro/fevereiro	35-37	DSC_0664		Artigo		2.134
Iluminação e Design	172-173	1973	Janeiro/fevereiro	35-37	DSC_0664		Artigo		1.134
Acital - Mobiliário de escritório	174	1973	Março		DSC_0668		Publicidade		
Concurso: Equipamento de um quarto de Hotel	174	1973	Março	103	DSC_0669	João Constantino	Design		4.135
Design e Iluminação	174	1973	Março	105	DSC_0670	João Constantino	Design		1.136
Semana "arkana" - Mobiliário inglês	175	1973	Abril	153-154	DSC_0673	João Constantino	Design		
Exportação de Mobiliário	175	1973	Abril	156	DSC_0675	João Constantino	Design		
Desin e exportação	177-178	1973	Junho/Julho	269-271	DSC_0681	João Constantino	Design		
Design Italiano	179	1973	Agosto	318-319	DSC_0791		Artigo		
Mobiliário de estilo vs mobiliário com design	179	1973	Agosto	325	DSC_0792		Artigo		2.137
Mobiliário	180	1973	Setembro	381-383	DSC_0685	João Constantino	Design		2.138
Prémios Alemães de Design 1973	181	1973	Outubro	427-429	DSC_0688		Design		
Plano de actividades para 1974 do grupo de trabalho de mobiliário	184-185	1974	Janeiro/fevereiro	41-42	DSC_0701	L.F. (In "Fundexport")	Artigo		
Sentarse descontraído na cadeira giratória de escritório	186	1974	Março	114	DSC_0705		Artigo		1.153
Salão Internacional do móvel (Colónia)	187	1974	Abril	161-162	DSC_0708		Artigo		2.180
Cadeiras de Oscar Niemeyer	189	1974	Junho	282	DSC_0715		Noticias		2.154
Indústria do Mobiliário	190-191	1974	Julho/Agosto	317	DSC_0718	João Constantino	Artigo		2.155
O móvel dinamarquês em 1974	190-191	1974	Julho/Agosto	331-332	DSC_0719		Artigo		2.156
Hotel Altis	197	1975	Fevereiro	70-77	DSC_0737		Artigo	José Luis Quintino	3.143
Altamira	197	1975	Fevereiro		DSC_0741		Publicidade		
Fábrica de cerveja (Santarém)	198	1975	Março	142-147	DSC_0796		Artigo		
O design de mobiliário analisado por Cruz de Carvalho	200	1975	Maio/Junho	249-251	DSC_0746	João Constantino	Design		1.144
Salão alemão do móvel 1975	200	1975	Maio/Junho	254-255	DSC_0748	João Barrento	Artigo		
Encontro com o designer Fernando Jorge Correia	201	1975	Julho/Agosto	302	IMG_7676	João Constantino	Artigo		1.145
Salão Internacional do móvel de Utrecht	201	1975	Julho/Agosto	306	DSC_0751		Noticias		
Curso de decoração	202	1975	Setembro	357	DSC_0754		Noticias		
Mercados do móvel	202	1975	Setembro	358	DSC_0755		Noticias		
Lisboa Penta Hotel	204	1975	Novembro/Dezembro	445-451	DSC_0760	F. George/ RISCO	Artigo		3.146
Da intervenção de um designer na habitação	205-206	1976	Janeiro/fevereiro	38-40	DSC_0766		Artigo		4.147
Ainda e sempre o design escandinavo	211	1976	Agosto/Setembro	285	DSC_0778	João Barrento	Artigo		2.148
Design Dinamarquês de candeeiros	211	1976	Agosto/Setembro	286	DSC_0779		Artigo		2.49
Mobiliário Escandinavo 1976	211	1976	Agosto/Setembro		DSC_0779		Artigo		2.150
Papel de Parede	215-216	1977	Fevereiro/Maio	53	DSC_0787		Artigo		1.151
Tetelco/ cerâmica	215-216	1977	Fevereiro/Maio	54-55	DSC_0788		Artigo		1.152

Forte do Junqueiro: Uma Residência de Estudantes

Vertente Prática

ÍNDICE

0. INTRODUÇÃO	259
1. COMPONENTE DE GRUPO	261
O Lugar	262
A Ribeira	264
Áreas a Desenvolver	273
A Marginal	276
2. COMPONENTE INDIVIDUAL	277
Análise ao Forte do Junqueiro – Hospital Ortopédico Dr. José de Almeida	278
Proposta Individual	285
3. DESENHOS FINAIS	289

0. INTRODUÇÃO

Na vertente prática da unidade curricular de Projeto Final de Arquitetura, do Mestrado Integrado em Arquitetura, desenvolve-se um estudo ao longo do Pinhal do Junqueiro e da extensão da Ribeira das Marianas, em Carcavelos, com a finalidade de se realizar uma requalificação do Forte do Junqueiro/ Hospital Ortopédico Dr. José de Almeida, numa residência de estudantes.

Inicialmente, foi realizada uma análise histórica e territorial sobre a freguesia de Carcavelos, no Concelho de Cascais, localizada na periferia da Área Metropolitana de Lisboa. Deste modo, foi possível um reconhecimento do território mais completo, considerando as necessidades atuais da freguesia de Carcavelos.

A estratégia de grupo parte de uma análise à Ribeira das Marianas, a sua evolução e oportunidades, e à Avenida Marginal. Deste modo, desenvolveu-se uma proposta de melhoria dos espaços insalubres provocados pela ribeira, e de alteração do caráter da Avenida Marginal. No âmbito do trabalho individual foi desenvolvido o projeto de uma residência de estudantes no antigo Hospital Ortopédico Dr. José de Almeida. Considerou-se a evolução do edifício desde a sua primeira forma, o Forte do Junqueiro, e toda a sua área envolvente, estabelecendo uma comunicação com o Pinhal do Junqueiro e a Avenida Marginal.

1. COMPONENTE DE GRUPO

O LUGAR

Carcavelos, Freguesia do Concelho de Cascais, pela sua proximidade com o mar, com Lisboa, com Cascais e pelo expoente crescimento no setor universitário (Nova SBE), empresarial, habitacional e de restauração, identifica-se hoje em dia como o novo grande centro da “Costa do Sol portuguesa”.

Esta freguesia com forte conotação balnear, em tempos constituída unicamente por um pequeno aglomerado de construção (Cartografia de 1935) ligado à afamada produção vinícola do Vinho de Carcavelos, sofre, ao longo de quase um século, uma mutação na morfologia e carácter a torna irreconhecível quando analisada a Cartografia Militar referente à região.

Percecionado como um território com uma identidade marcada principalmente pela costa marítima e pelos cursos de água que contrariavam a direção desta costa é, nos dias de hoje, identificado pela Marginal (concluída em 1942), pela Linha Férrea de Cascais (com o primeiro troço a datar de 1889), pela densa malha de construção e pela atração sazonal.

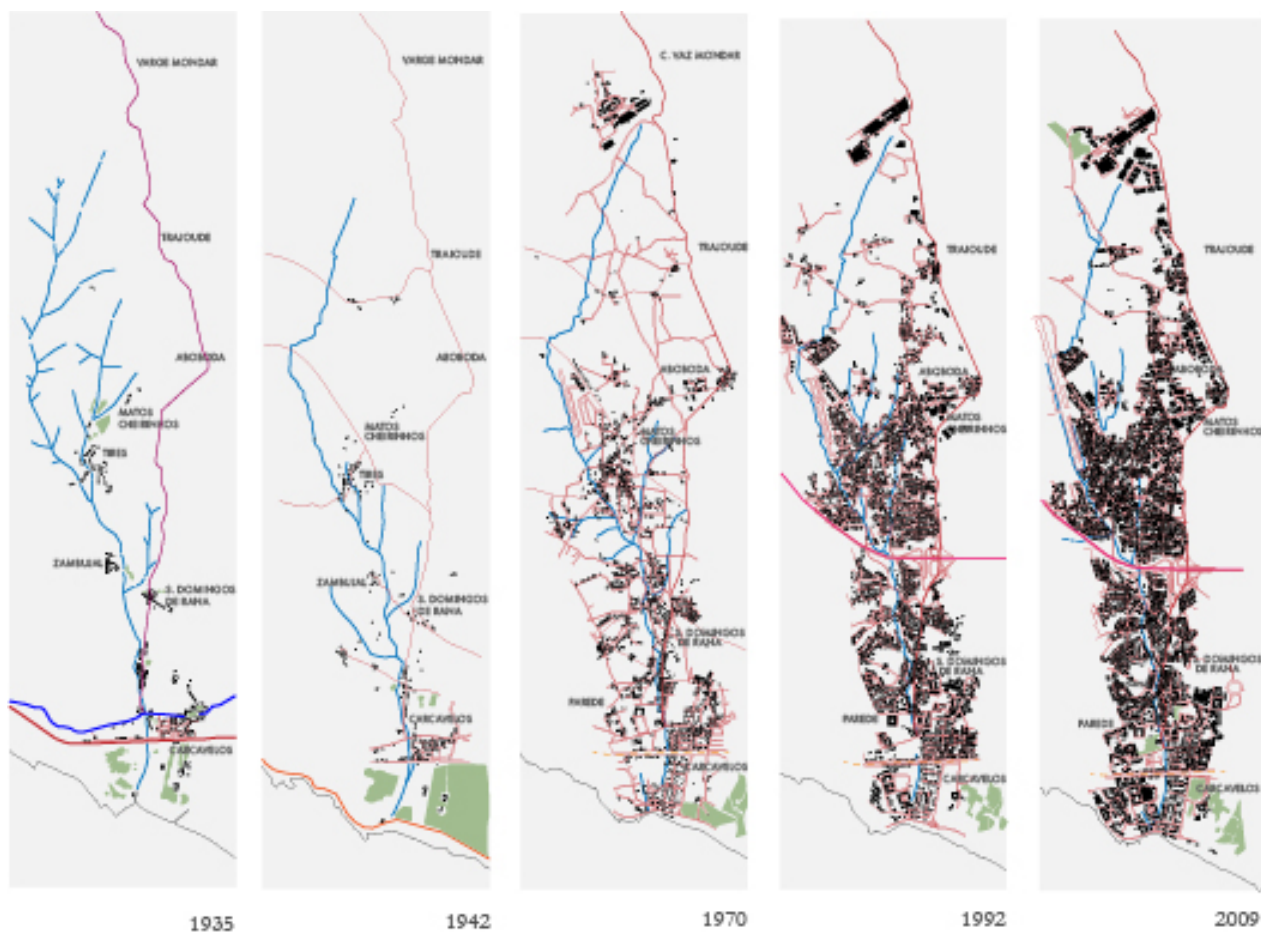


A RIBEIRA

A Ribeira das Marianas, a extensa linha de água que nasce em Sintra e desagua em Carcavelos vê-se, ao longo da sua extensão, maioritariamente encanada e reprimida por traseiras de habitações, fruto da evolução e densificação da malha urbana de Carcavelos. É nesta perda de carácter da Ribeira das Marianas que o Trabalho de Grupo de Projeto Final de Arquitetura se fundamenta.

Carcavelos contém na sua distribuição duas grandes barreiras físicas que criam uma separação notável na sua malha urbana: a linha férrea de Cascais e a autoestrada A5. Como consequência deste fator a freguesia divide-se em três organismos distintos e independentes que em nada beneficiam nesta separação: Carcavelos a Norte da A5; Carcavelos da A5 à linha férrea Cascais e Carcavelos da linha férrea ao mar. São estas duas barreiras físicas que evidenciam que os principais percursos se encontram na direção Cascais-Lisboa/ Lisboa-Cascais e nos permitem detetar a falta de percursos Norte-Sul que liguem as três malhas de Carcavelos.

Assim, tendo em consideração o transporte coletivo que existirá no separador central da A5, propomos um percurso verde, pedonal e clicável, Norte-Sul, que acompanhe a Ribeira das Marianas e permita a união vertical linear dos três organismos de Carcavelos. Os espaços sobrantes e desqualificados anexos à Ribeira das Marianas pensaram-se numa lógica de espaços verdes que se desvendam no percorrer da Ribeira e servem também a população envolvente. A renaturalização das zonas da Ribeira objetiva aumentar não só a sua permeabilidade como também devolver-lhe uma dignidade que se foi perdendo com a urbanização da freguesia.



Evolução Histórica da Ribeira das Marianas



Fotografia da Ribeira das Marianas





Fotografia da Ribeira das Marianas





Fotografia da Ribeira das Marianas





Fotografia da Avenida Marginal

ÁREAS A DESENVOLVER

Foram selecionadas pelo grupo duas áreas contíguas à Ribeira das Marianas que se acreditam de maior interesse para Trabalho Individual de Projeto Final de Arquitetura. A primeira, a Norte, corresponde a um espaço sobranceiro na zona da Quinta de Rana e a segunda, à beira mar, integra nela uma fortificação seiscentista de defesa militar - o Forte do Junqueiro.

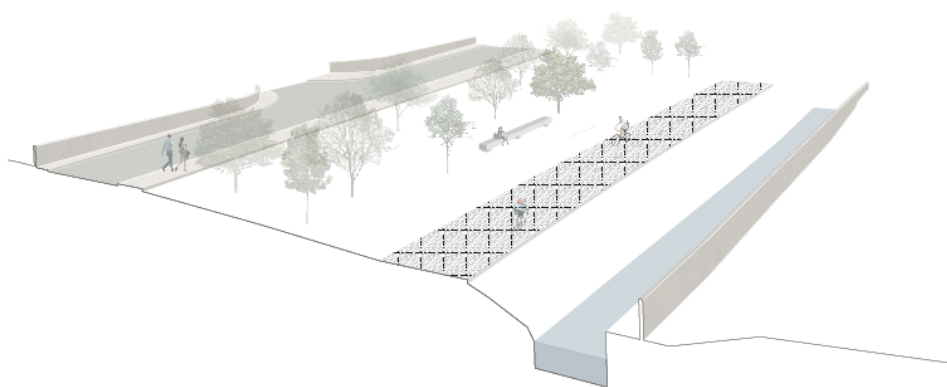
Uma das áreas escolhidas, na zona da Quinta de Rana, pretende a requalificação do espaço tendo como objetivo a renaturalização da Ribeira das Marianas, mantendo o espaço da sua envolvente permeável, para uma diminuição no risco de cheias, e permitindo a criação de uma língua verde que se desenvolve ao longo da ribeira.

A segunda área, junto ao Forte do Junqueiro, ilustra a premissa atual da Ribeira: a descaraterização e a cruel repressão do seu curso natural. Este troço da Ribeira que corresponde ao seu desaguar na praia de Carcavelos, por baixo da Avenida Marginal é nada mais que um espaço de acesso à praia.

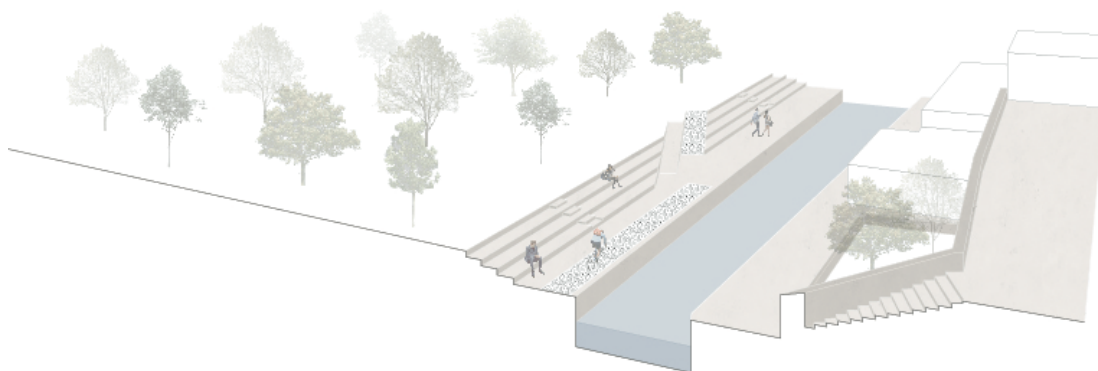
É pretendido que o verde chegue à água, com a Ribeira como elo de ligação entre ambos os lados da Marginal. A requalificação do carácter do desaguar da Ribeira possibilita tanto a desfrutar do curso da água no acesso à praia como uma vontade de nele permanecer. A Ribeira das Marianas ganha vida.



Áreas a Desenvolver



Proposta para a zona da Quinta de Rana

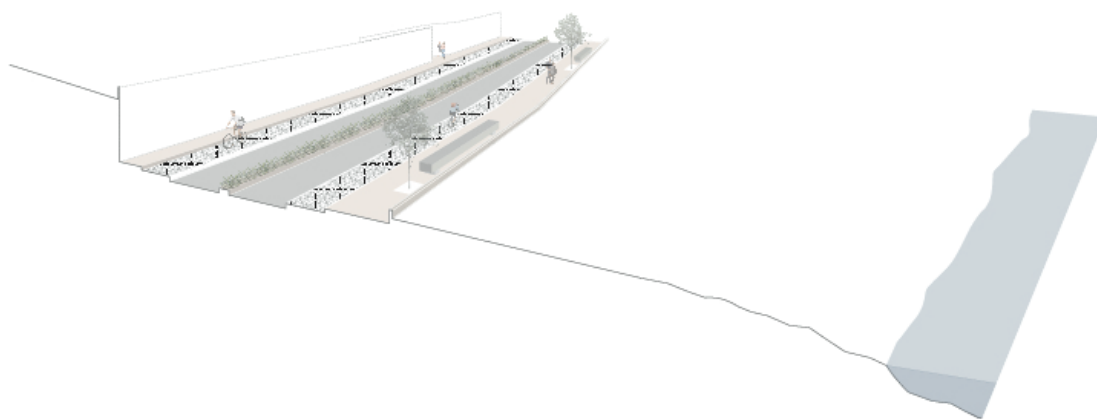


Proposta para a zona junto ao Forte do Junqueiro

A MARGINAL

Por sua vez, a Avenida Marginal, devido ao seu carácter de via rápida, de difícil atravessamento pedonal, representa também uma grande barreira entre Carcavelos e o Mar.

A fim de amenizar esta cruel separação o grupo propõe a alteração do seu carácter de via rápida para rua. A diminuição de uma faixa de rodagem em cada sentido e a introdução de elementos verdes no centro da avenida só por si permitem uma diminuição de velocidade mantida pelos carros. Os passeios são aumentados e é introduzida uma ciclovia em toda a extensão da marginal, enfatizando as ligações entre ciclovias do concelho e premiando a circulação pedonal junto à linha do mar.



Proposta para a Avenida Marginal

2. COMPONENTE INDIVIDUAL

ANÁLISE AO FORTE DO JUNQUEIRO – HOSPITAL ORTOPÉDICO DR. JOSÉ DE ALMEIDA

O edifício do Forte do Junqueiro localiza-se em Carcavelos, entre a mata do Junqueiro, a foz da Ribeira das Marianas e a Avenida Marginal, junto à praia de Carcavelos.

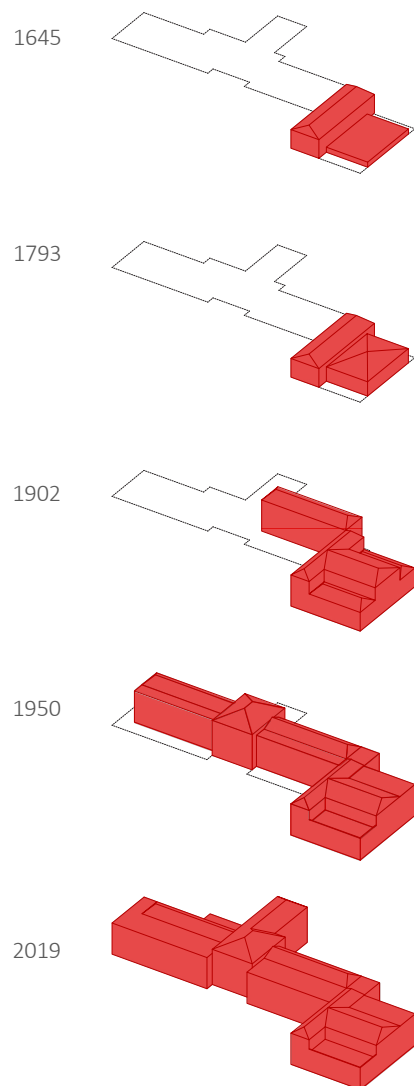
Foi mandando edificar em 1645, com o objetivo de evitar possíveis desembarques das forças inimigas no areal de Carcavelos, cruzando tiro com a Fortaleza de São Julião da Barra. Após a paz com Espanha, a fortificação foi perdendo gradualmente a sua utilidade, tornando-se progressivamente obsoleta. Contudo, em 1793 foram acrescentados ao Forte, áreas de baterias: a baixa (ou rasante) e a cavaleiro (localizada sobre os aquartelamentos).

Em 26 de Novembro de 1897, o conselheiro Tomás Ribeiro e o médico Dr. José Joaquim de Almeida obtiveram no Ministério da Guerra a concessão do Forte para a instalação do primeiro sanatório marítimo destinado ao tratamento de crianças com doenças extrapulmonares. O Sanatório Marítimo de Carcavelos foi inaugurado a 24 de Agosto de 1902, funcionando com lotação para 26 crianças do sexo masculino. Em 22 de dezembro de 1921, o Sanatório Marítimo de Carcavelos passou a denominar-se Sanatório Marítimo Dr. José de Almeida, em homenagem ao seu principal fundador, após a sua morte. Na sequência de profundas obras de melhoramento e ampliação, o Sanatório passou a tratar doentes de ambos os sexos.

Com a progressiva reconversão, a partir dos anos 60, em estabelecimento vocacionado para a traumatologia e ortopedia, a sua designação é alterada em 1982 para Hospital Ortopédico Dr. José de Almeida. Em 2010, com o surgimento do novo Hospital de Cascais, as áreas de Ortopedia e Traumatologia foram desativadas, tornando este edifício num edifício devoluto até aos dias de hoje.



Análise ao Território
Escala indefinida



Evolução da Construção do Edifício de Intervenção



Fotografia de 1793



Fotografia de 1902



Fotografia de 1950



Fotografia de 2019



Fotografia de 2019



Fotografia de 2019



Fotografia de 2019

PROPOSTA INDIVIDUAL

O perímetro do Hospital Ortopédico Dr. José de Almeida apresenta um conjunto de edifícios devolutos, num território com características de grande potencialidade. Devido à proximidade com a recente Universidade *Nova School of Business and Economics*, e com a Estação de Ferroviária de Carcavelos, e também ao problema atual da falta de habitação – agravada em especial para a população mais jovem –, considerou-se conveniente converter o edifício analisado, numa residência de Estudantes. Deste modo, propõe-se a requalificação deste edifício e o prolongamento do Pinhal do Junqueiro, penetrando o pinhal para dentro deste perímetro, desenhando um jardim que desce até à linha do mar. Esta intenção promove uma melhor relação com o meio envolvente e um ambiente favorável à prática de atividades exteriores. Para tal, serão demolidos todos os edifícios anexos encontrados neste perímetro, assim como algumas secções do edifício principal.

Na intervenção ao edifício principal do Hospital Ortopédico Dr. José de Almeida, foi tida em consideração a análise história realizada e apresentada anteriormente. Após a realização dessa análise, é possível concluir que o edifício sofreu inúmeras reconversões e acrescentos, que destruíram por completo a sua identidade. Neste projeto, propõe-se o retrocesso no tempo deste edifício, retirando os anexos que foram construídos nas últimas décadas, e assemelhando a sua fachada com a fachada verificada nas imagens de 1950. Relativamente ao que resta do Forte do Junqueiro, propõe-se um programa de espaços de exposições, sem o alterar em qualquer aspeto.

A entrada no edifício é realizada no grande volume central - tanto no lado Norte, como no lado Sul – para um grande átrio que irá distribuir para os distintos espaços – Espaço público, cafetaria e galeria com comércio; Espaço privado, interior da residência de estudantes.

No piso 0, o lado mais a Oeste do edifício – onde se localiza a cafetaria – por ser a única zona de cariz público, funciona como uma zona desintegrante do restante do edifício. Sua galeria exterior interliga-se à galeria exterior da zona de comércio, situada num novo volume proposto, que incorpora a topografia do terreno. Neste novo volume são propostos 7 espaços de loja, que poderão ser adquiridos e pensados de forma isolada ou em conjunto. Na cobertura deste volume situa-se uma plataforma de contemplação, ao nível da cota mais alta do jardim desenhado (11m).

Relativamente à circulação entre quartos, é feita por um corredor em galeria exterior, correspondendo às varandas verificadas na fotografia do alçado de 1950 – a realização deste corredor exterior foi uma tentativa de recuperação do caráter do edifício. Neste corredor foram ainda colocados bancos e mesas junto aos quartos, com vista para o mar, promovendo o convívio entre os jovens. Por sua vez, os quartos possuem todos uma varanda privada e uma casa de banho partilhada para dois quartos. Devido ao pré-existente do edifício, com paredes de pedra estruturais, os vãos das portas e as aberturas nas varandas recuperam, respetivamente, os vãos das portas e os vãos das antigas janelas existentes do edifício. À entrada de cada quarto verifica-se um pequeno compartimento com uma kitchnet (apenas com um fogão e espaço para pequenos eletrodomésticos), a porta para a casa de banho e a porta para o interior do quarto. No quarto, encontra-se uma cama, uma secretária e espaço de arrumação (estante e roupeiro).

Relativamente aos espaços comuns da residência, localizados por cima do Forte do Junqueiro, é prevista uma sala de estudo para o piso 0 e uma sala comum, a cozinha e o espaço de refeições no piso 1. Estes dois espaços comunicam-se através de umas escadas, e encontram-se de certo modo,

isolados do restante do edifício. Como já foi referido, para o Forte do Junqueiro é proposta uma sala de exposições, sem fazer alterações no pré-existente. Em comunicação com a zona do Forte, nas antigas cozinhas do Hospital Ortopédico Dr. José de Almeida serão propostos os arquivos da residência de estudantes.

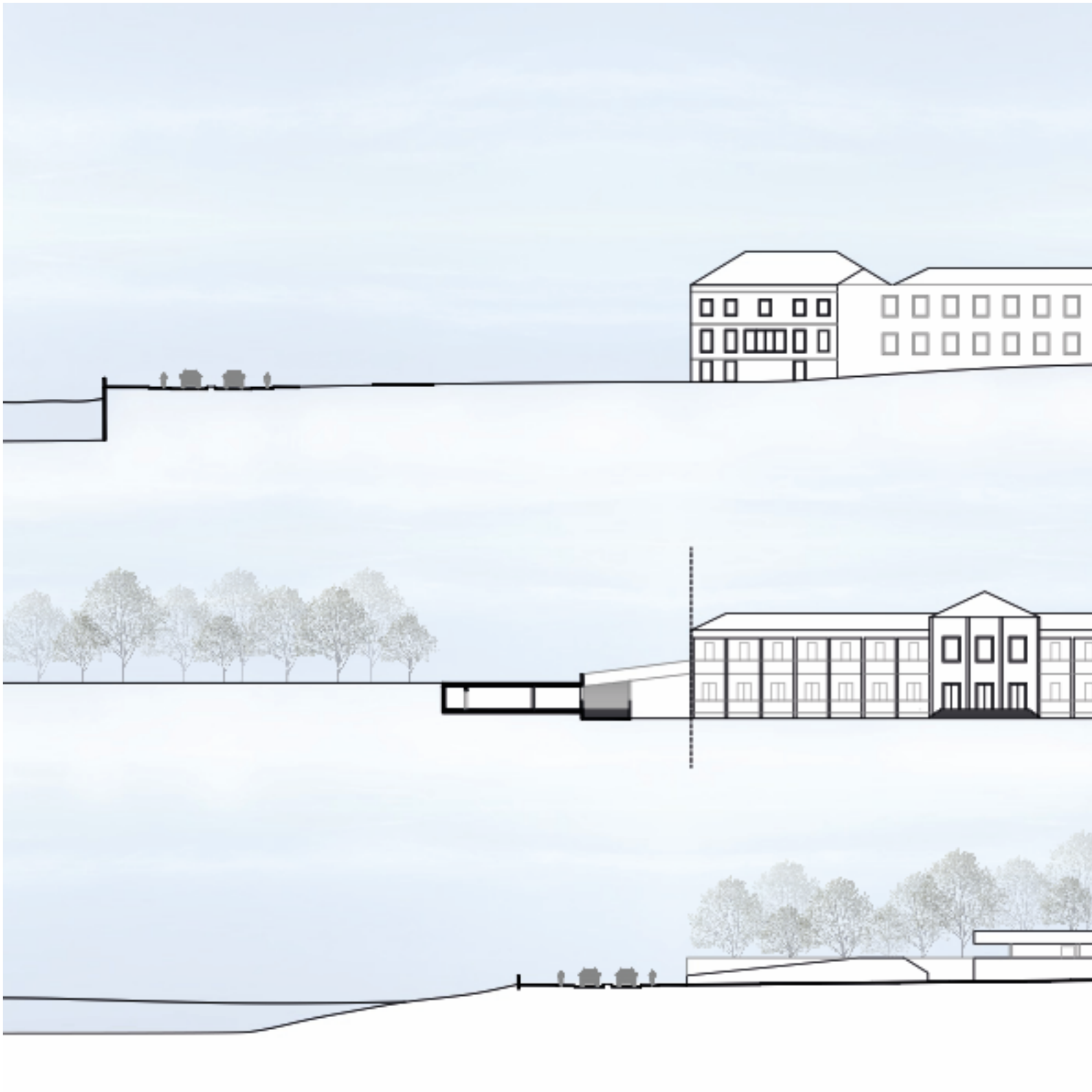
Deste modo, esta proposta promove as relações entre os diferentes elementos do território – a Avenida Marginal, a Praia de Carcavelos e o Pinhal do Junqueiro, com um projeto direcionado para os jovens, as suas relações pessoais e interpessoais, assim como sua comunicação com o espaço exterior.

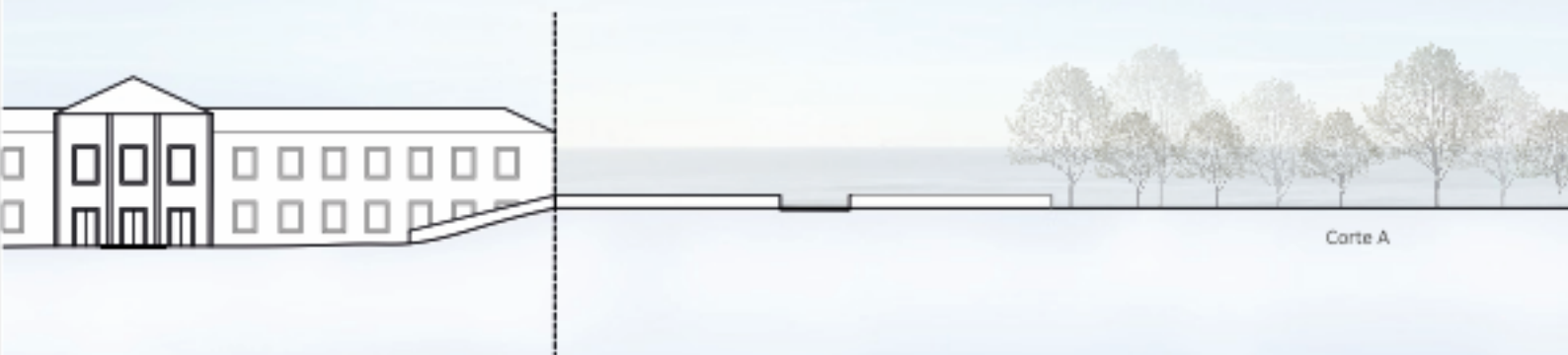
3. DESENHOS FINAIS



Planta de Implantação
Escala Indefinida



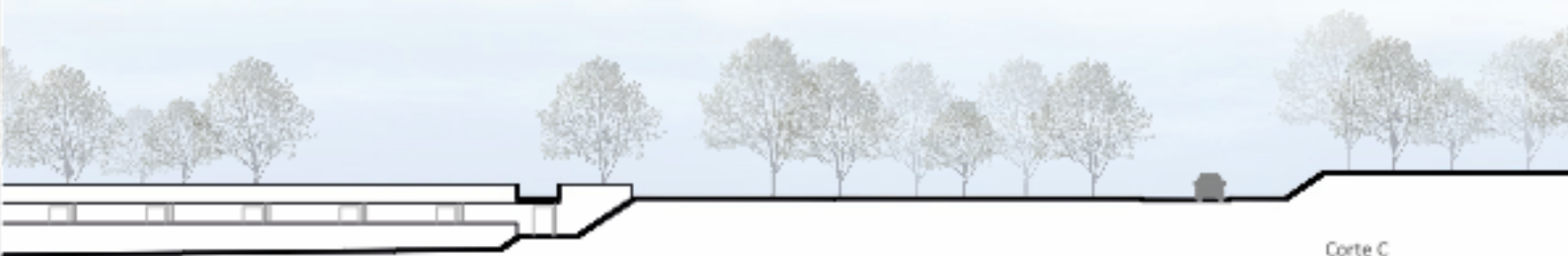




Corte A

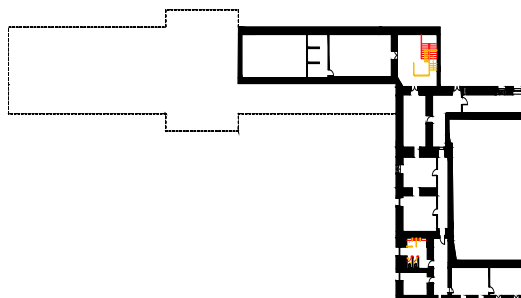
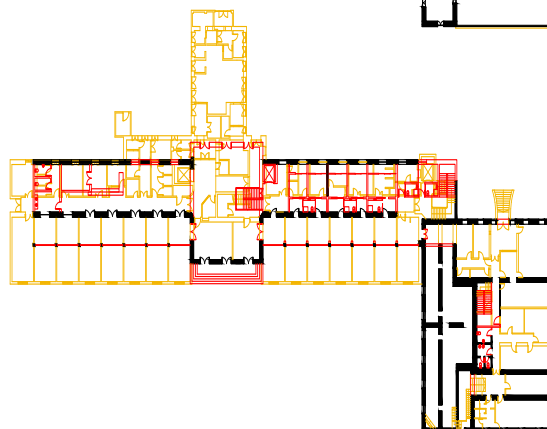
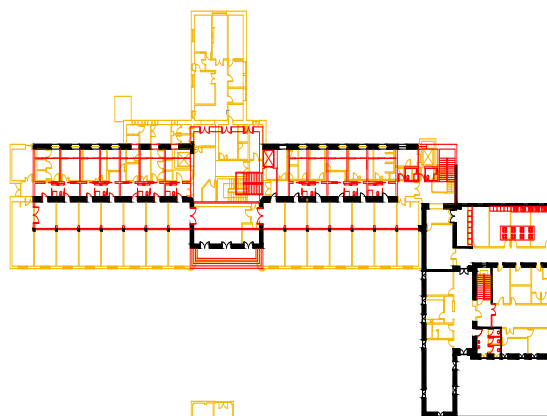


Corte B



Corte C

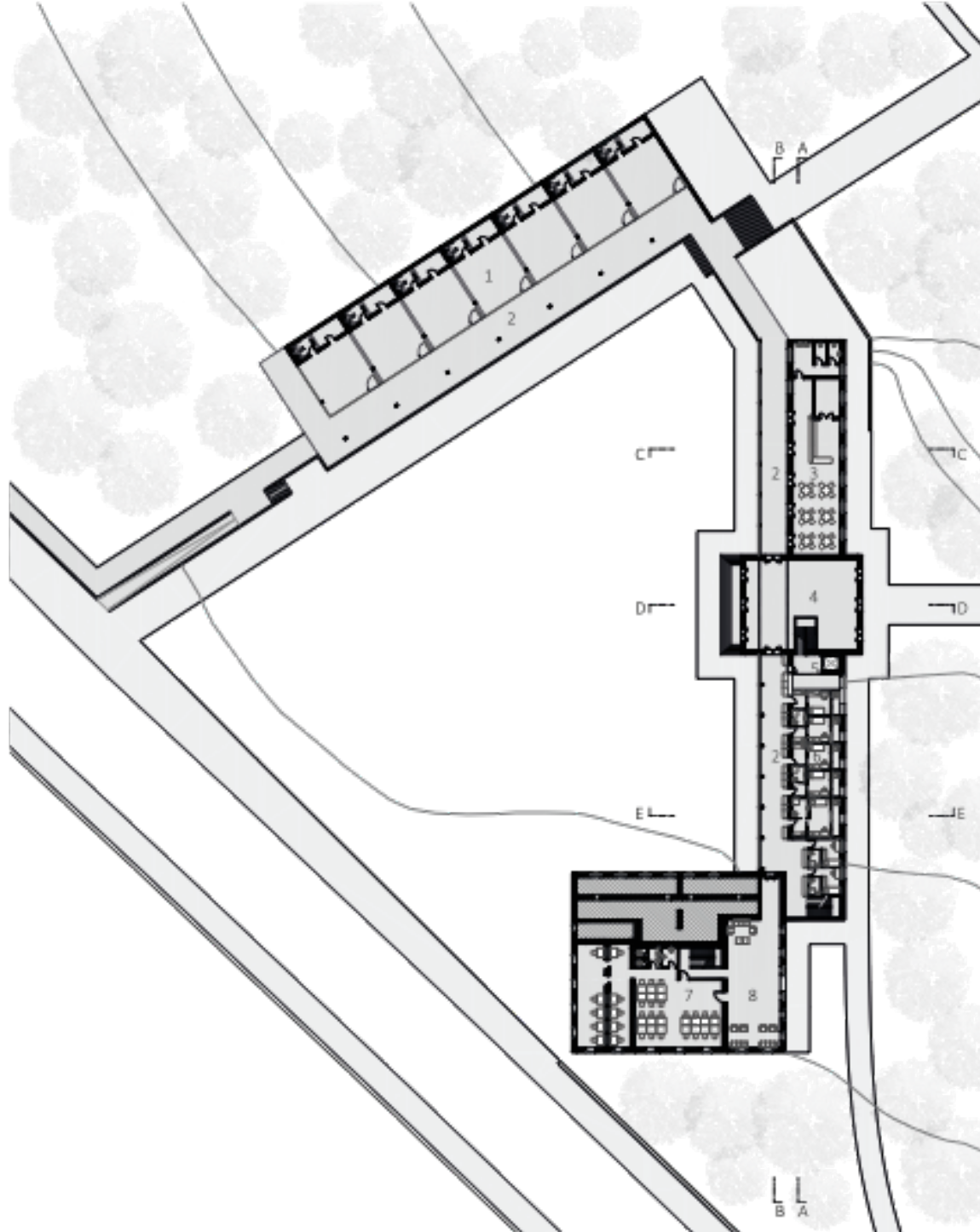




Demolidos



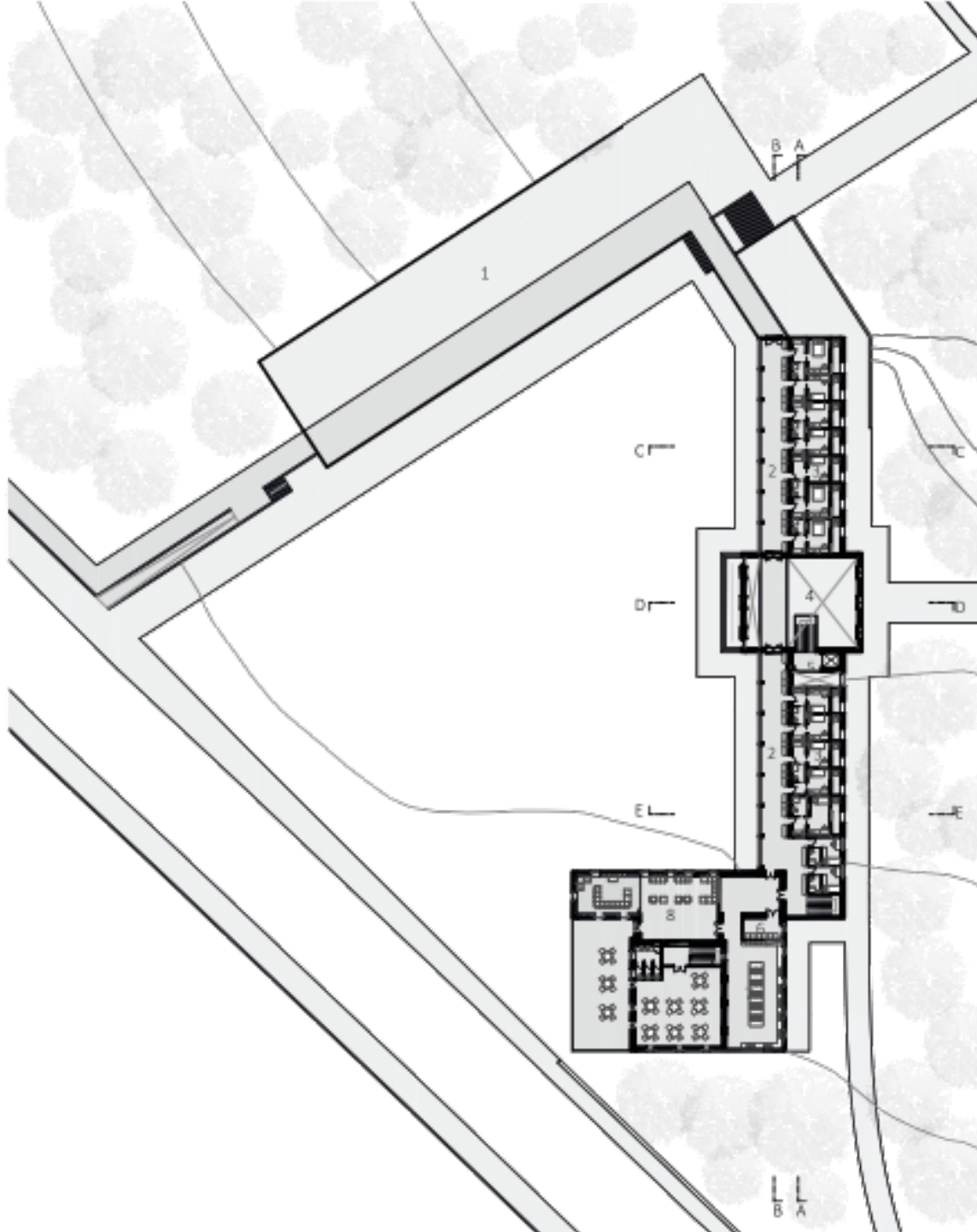
Construídos



- 1- Zona Comercial
- 2- Galeria de Circulação
- 3- Cafeteria
- 4- Entrada do Edifício

- 5- Circulação Vertical
- 6- Quartos
- 7- Sala de Estudo
- 8- Sala Comum

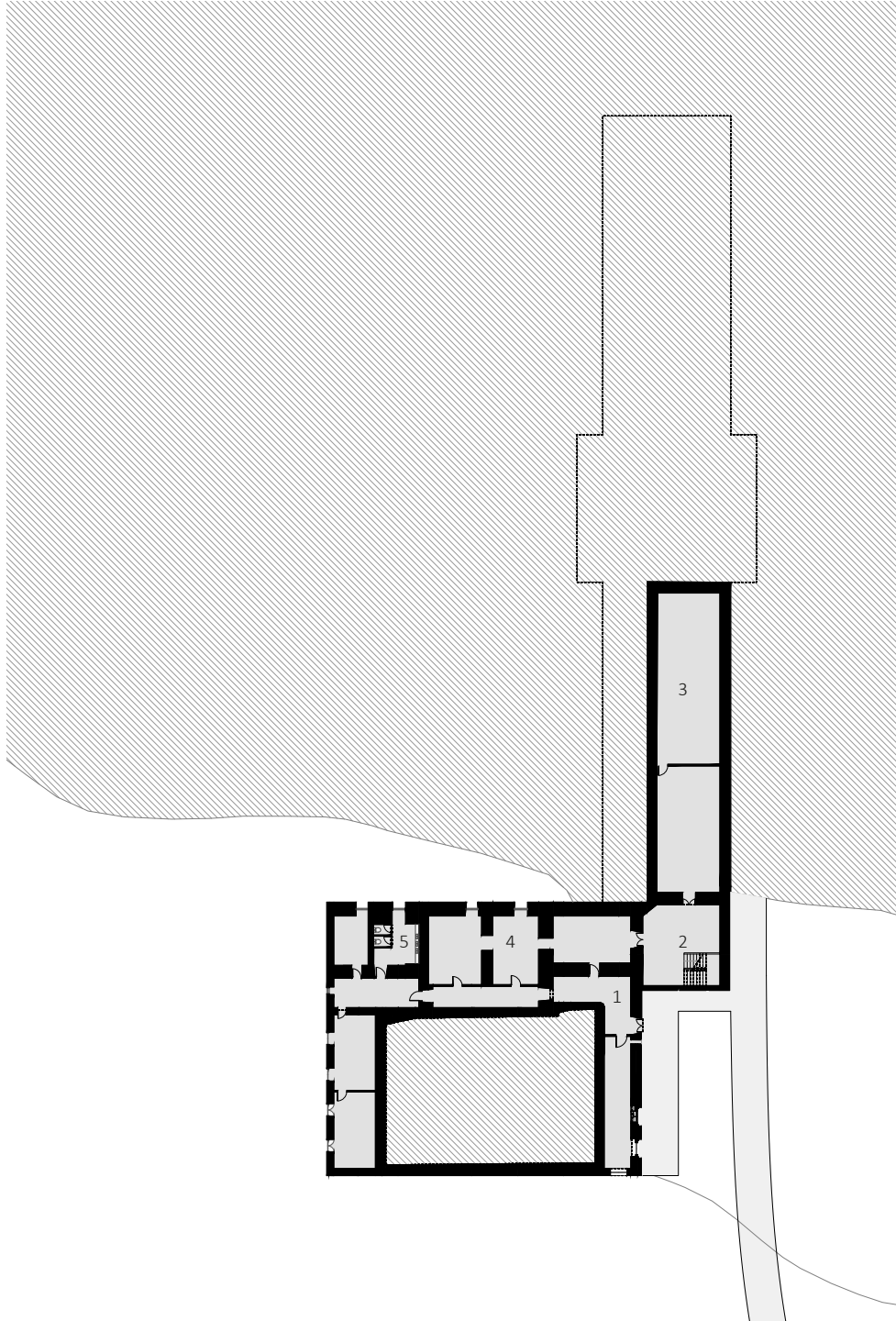
Planta Piso 0 (cota 8m)
Escala Indefinida



- 1- Plataforma de Contemplação
- 2- Galeria de Circulação
- 3- Quartos
- 4- Entrada do Edifício

- 5- Circulação Vertical
- 6- Lavandaria
- 7- Sala de Refeições
- 8- Sala Comum

Planta Piso 1 (cota 11m)
Escala Indefinida



1- Entrada
2- Circulação Vertical
3- Arquivos

4- Salas de Exposição
5- Instalações Sanitárias

Planta Piso -1 (cota 6m)
Escala Indefinida



Corte A



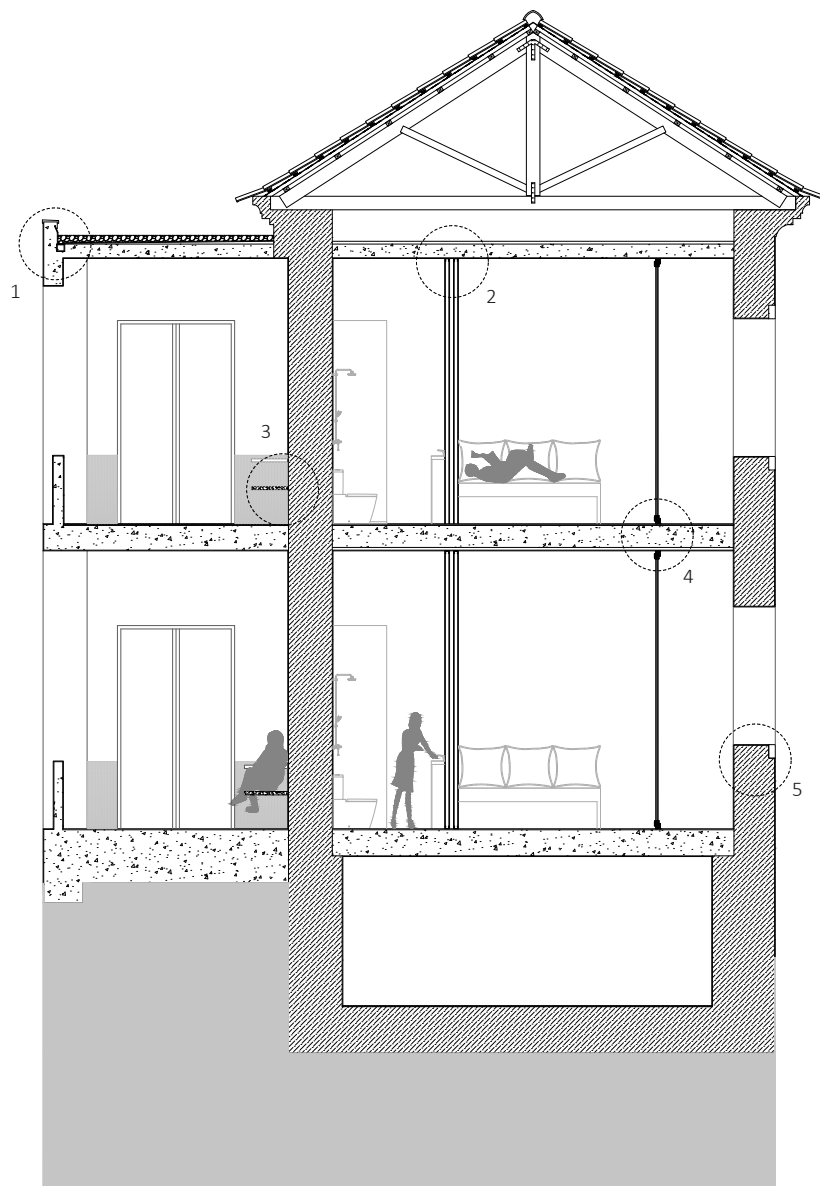
Corte B



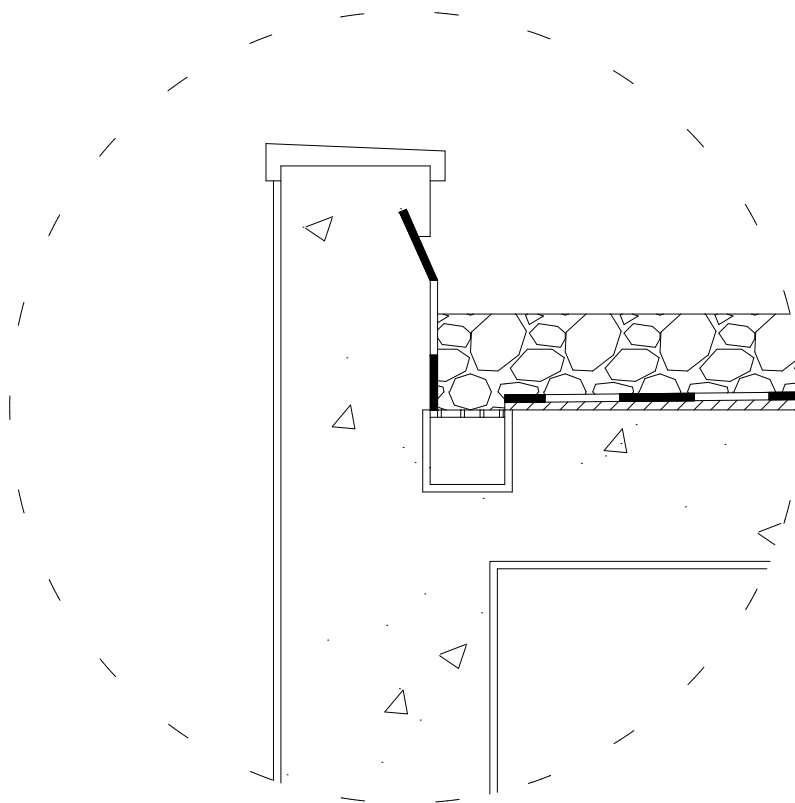
Corte C



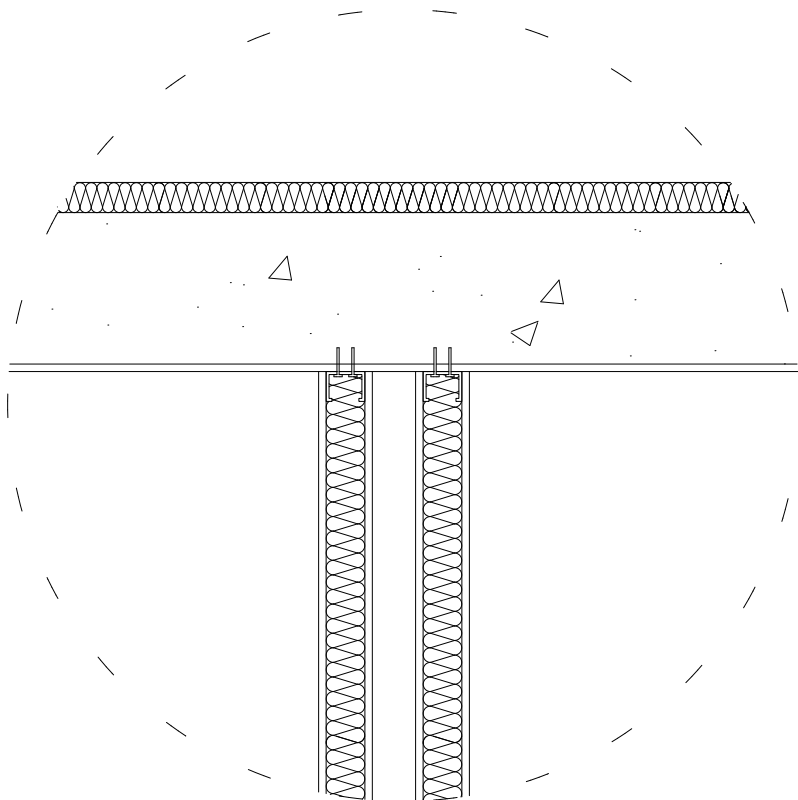
Corte D



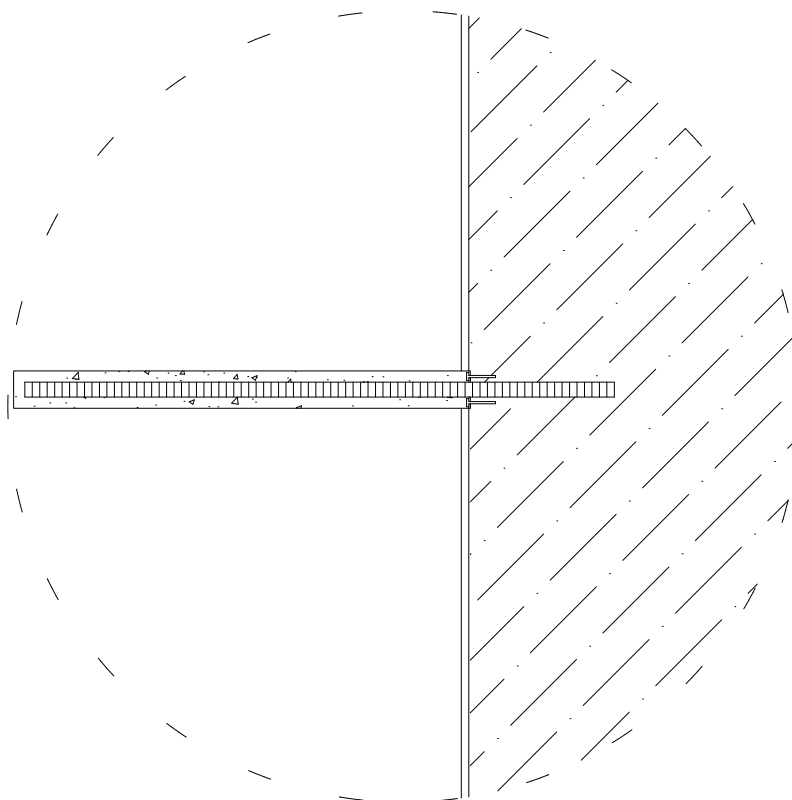
Corte E



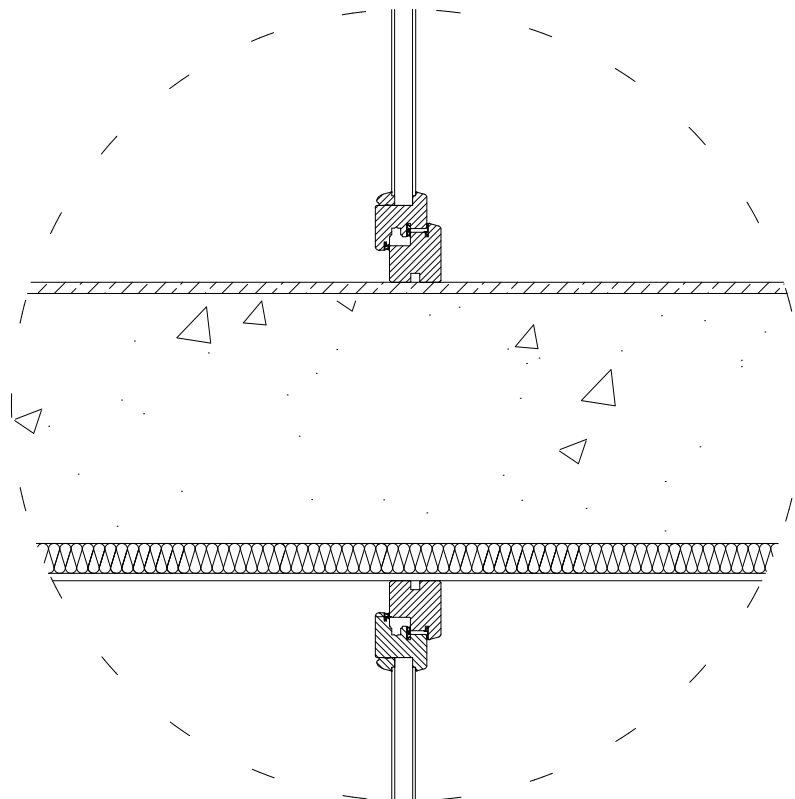
Detalhe 1



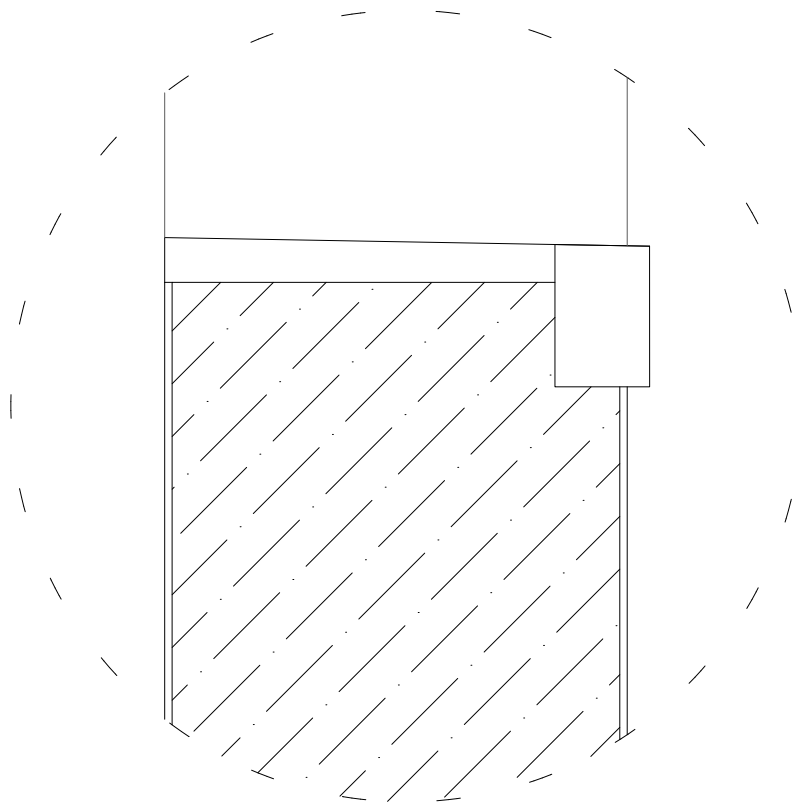
Detalhe 2



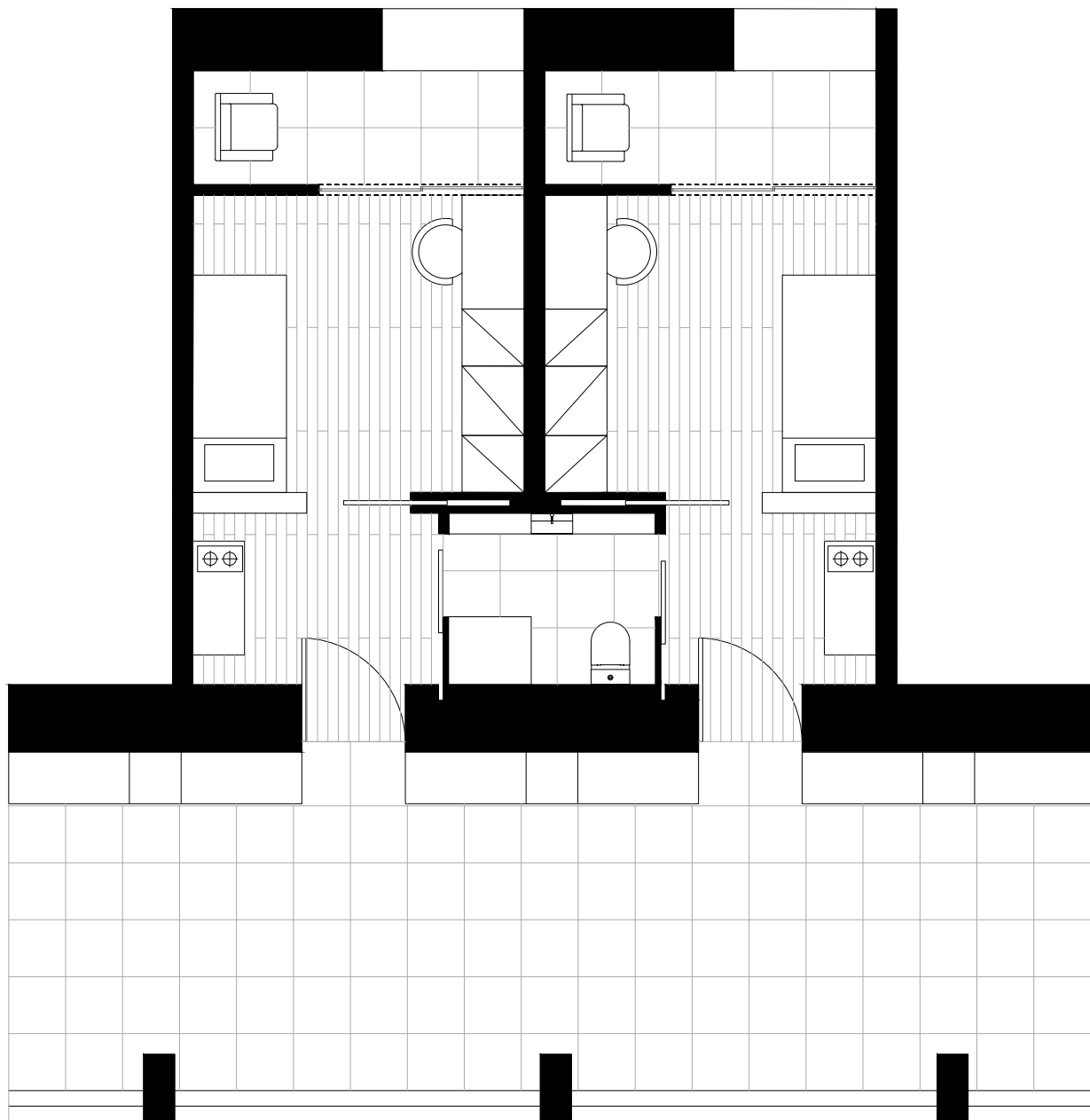
Detalhe 3



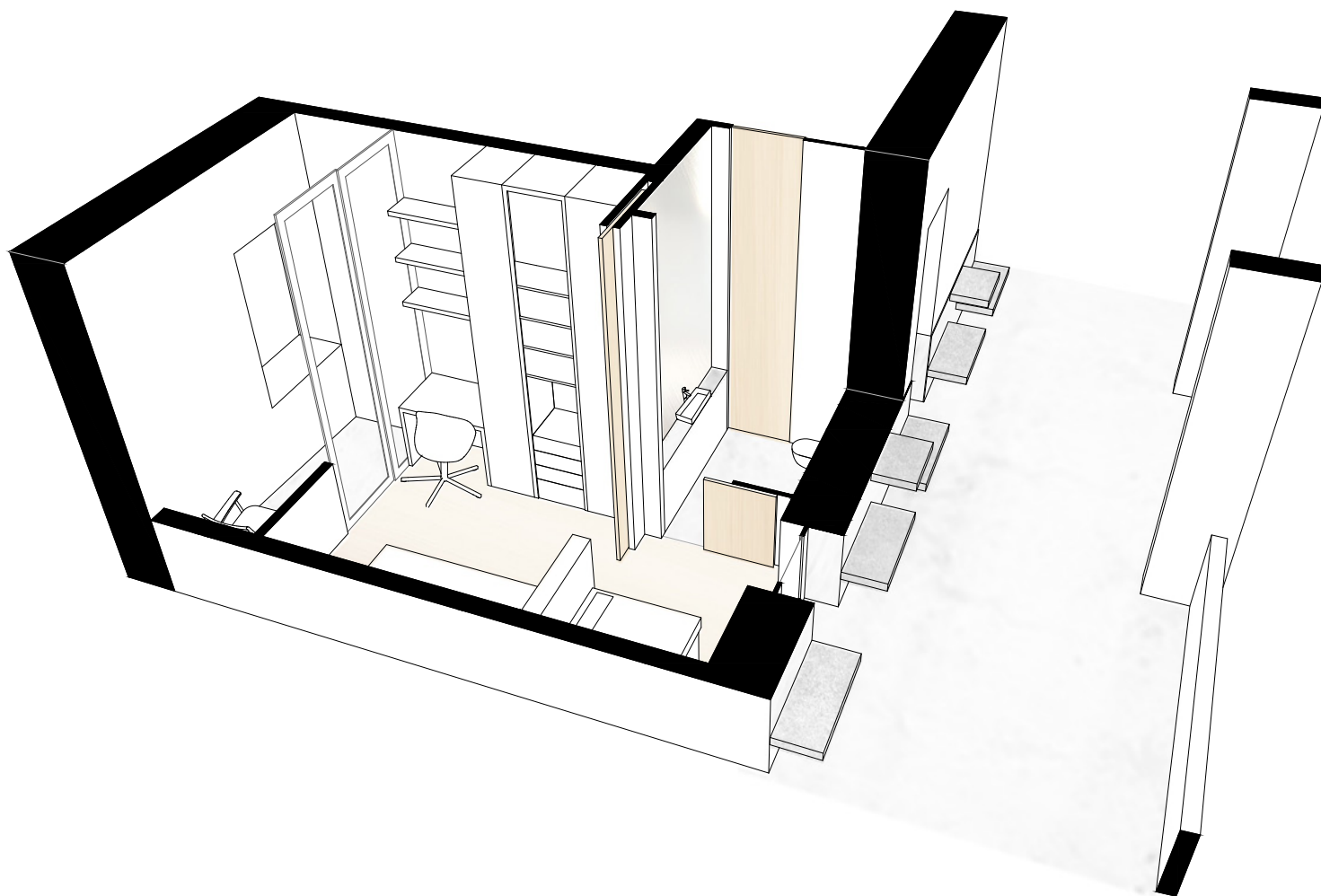
Detalhe 4



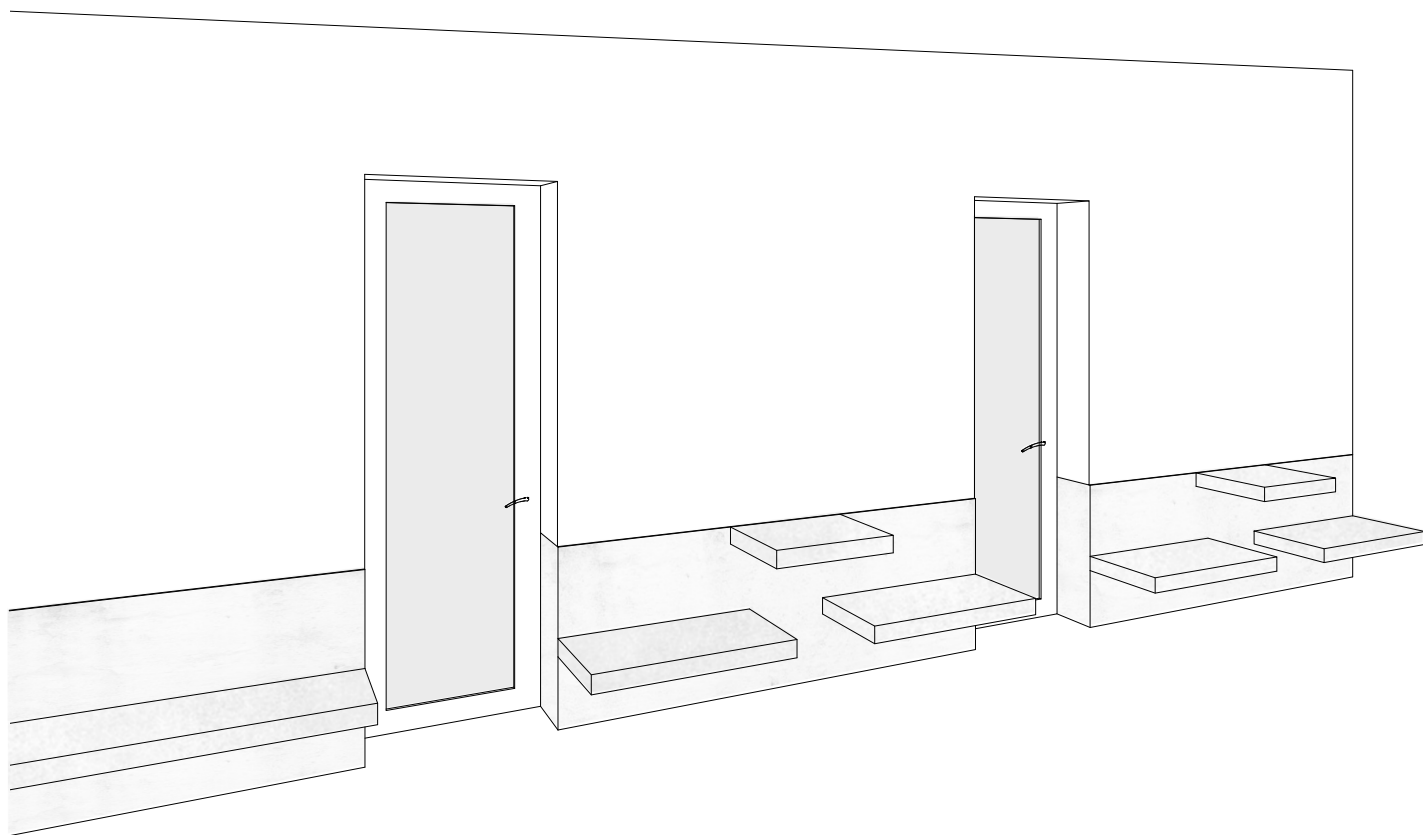
Detalhe 5



Planta de um quarto-tipo
Escala Indefinida



Perspetiva de um quarto-tipo
Escala Indefinida



Perspetiva dos bancos exteriores



Perspetiva do Corredor de Circulação